



# Por este rio acima

A arte  
pré e proto-histórica  
do Vale do Côa

ESTUDOS EM HOMENAGEM  
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

# **Por este rio acima**

**A arte  
pré e proto-histórica  
do Vale do Côa**

ESTUDOS EM HOMENAGEM  
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

# Índice

---

- Introdução** 7  
*Aida Carvalho*
- Um artista do Côa** 9  
*João Zilhão*
- Ver nem sempre é olhar. Relatos recentes de Pré-Histórias antigas pelo Rio Côa** 13  
*Thierry Aubry, Patrícia Ramos*
- A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural** 55  
*André Tomás Santos*
- Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa** 117  
*Mário Reis, Lara Bacelar Alves*
- Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro** 181  
*Luís Luís*
- Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar** 267  
*Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, André Santos, Thierry Aubry, Luís Luís, Marcelo Silvestre*



*Fotografia de Teresa Fonseca*

**Primeiro  
inventário  
figurativo da arte  
rupestre da Idade  
do Ferro entre o  
Côa e o Douro**

---

*Luís Luís<sup>a</sup>*

---

*a) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, [luisluis@arte-coa.pt](mailto:luisluis@arte-coa.pt)*



## 1. Breve historial da descoberta e estudo

A descoberta da arte rupestre da Idade do Ferro na região da confluência entre o Côa e o Douro antecipa em cerca de 10 anos o reconhecimento da arte paleolítica do Vale do Côa, através da descoberta e estudo do Vale da Casa, também ameaçado, e, entretanto, submerso, por uma barragem hidroelétrica.

Em 1982, Fernando Barbosa, então desenhador do Museu D. Diogo de Sousa (Braga), chega a Vila Nova de Foz Côa para realizar os decalques desta arte rupestre, desconhecendo que a sua vida haveria de ficar ligada a esta região e ao seu património artístico rupestre durante 40 anos.

No momento em que o Fernando Barbosa termina a sua atividade profissional, ganhando tempo para os seus restantes e múltiplos interesses, aproveitamos este texto para enquadrar a publicação de um vasto conjunto de decalques diretos, que contaram com o seu trabalho dedicado e que, na sua grande maioria, se mantiveram até agora mantidos inéditos. Consideramos que publicar o seu trabalho será a melhor homenagem que lhe podemos prestar, tornando-os disponíveis para o desenvolvimento dos estudos da arte rupestre sidérica do Vale do Côa e Douro.

As 23 rochas do Vale da Casa viriam a ser publicadas sumariamente. Ao nível dos decalques com motivos do Ferro, e até à descoberta da arte do Côa, apenas três deles seriam objeto de publicação: rochas 7, 15 (BAPTISTA, 1983: figs. 4 e 11) e 23 (BAPTISTA, 1984: est. IV).

A notável rocha 10 teria de esperar até à descoberta da arte do Côa para ser publicada integralmente (BAPTISTA, 1999, 175), merecendo um redesenho de Fernando Barbosa, com base no decalque direto de 1982 e uma revisão a partir da moldagem de silicone.

Já na década de 1990, durante a construção de uma nova barragem, desta feita no curso final do rio Côa, cerca de 5 quilómetros a montante do Vale da Casa, um novo conjunto de arte rupestre viria a ser achado. A espetacularidade da descoberta, novamente ameaçada pela destruição, viria a provocar um movimento de salvaguarda que culminaria no abandono da construção da barragem do Côa e na sua classificação como Monumento Nacional e Património da Humanidade (LUÍS, 2020).

Em outubro de 1993, Fernando Barbosa é chamado pelo descobridor da arte do Côa, Nelson Rebanda, para realizar os primeiros decalques da arte paleolítica, em virtude da experiência adquirida no Vale da Casa e nos inúmeros sítios de arte rupestre que, entretanto, havia documentado. Não realizou então nenhum levantamento de arte sidérica, embora a arte rupestre da Idade do Ferro já tivesse sido identificada em março desse ano, junto às obras da barragem, nas proximidades do Orgal (Meijapão 1) (REBANDA, 1994, 4). Em novembro do ano seguinte, a extensão da prospeção arqueológica viria a propiciar a descoberta do Vale do José Esteves e da sua arte, nomeadamente de cronologia sidérica. É por essa altura que os achados do Vale do Côa são tornados públicos e se inicia a polémica e luta pela preservação da arte do Côa (LUÍS, 2020).

Os trabalhos concentravam-se então sobretudo na Canada do Inferno, o sítio da descoberta, onde curiosamente se desconhece qualquer motivo da Idade do Ferro. A importância e o contexto da descoberta da arte paleolítica ao ar livre do Vale do Côa, associado ao facto da esmagadora maioria da arte do Ferro se encontrar a jusante da

área submergida pela futura albufeira, contribuiu para a sua menorização por parte das equipas de investigação a trabalhar na região (LUÍS, 2021, 97). Seria, aliás, um fozcoense, José Constâncio (conhecido por “Pilério”) a identificar, na primeira metade de 1995, as gravuras da Idade do Ferro de Vale de Cabrões e da Vermelha (ABREU *et al.*, 1998; REBANDA, 1995), nos vales que descem do planalto da Chã de Foz Côa para o Douro.

A partir desse momento começa a haver algum interesse das equipas de arqueólogos a trabalhar na região pela arte da Idade do Ferro. O primeiro desenho realizado por Fernando Barbosa de um motivo desta época terá sido o “Anúbis”, um quadrúpede retrospectivo gravado na rocha 7 do Vale de José Esteves.

Os motivos do interesse inicial dos arqueólogos pelos motivos da Idade do Ferro podem--se agrupar em duas categorias. Em primeiro lugar, a arte da Idade do Ferro na região serviu para afirmar a antiguidade da arte paleolítica da região. O melhor exemplo disto é o desenho de um painel da rocha 1 da Vermelha, onde um cavaleiro armado de lança e escudo se sobrepõe a uma cabra estriada, de estilo paleolítico. A relação estratigráfica das representações, a cronologia presumida da figura do cavaleiro e a diferença de patine entre os dois motivos (linha branca do cavaleiro, em contraste com os traços patinados da cabra), serviram de argumento para a antiguidade da arte paleolítica do Côa (ZILHÃO, 1997, 33).

Em segundo lugar, foi-se verificando um interesse episódico e meramente ilustrativo nas representações da arte sidérica da região, consubstanciado no decalque não sistemático de motivos isolados, escolhidos pelo seu significado ou curiosidade (por ex. BAPTISTA, 1999, 167–177).<sup>1</sup>

No Verão de 1996 inicia-se o projeto “Gravado no Tempo-*Etched in Time*” sobre a arte rupestre da Vermelha (ABREU *et al.*, 2000). Os três meses de trabalho de campo viriam a ser sumariamente publicados. Tratou-se, contudo, do primeiro estudo de um sítio que, para além de arte paleolítica, apresentava um importante conjunto de arte sidérica.

A criação, em 1997, do Instituto Português de Arqueologia deu igualmente origem à criação dos serviços dependentes do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) e do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART), sediados em Vila Nova de Foz Côa. Será já integrado na equipa do CNART que Fernando Barbosa realizará os primeiros decalques completos de rochas com motivos do Ferro na região (após o Vale da Casa). As rochas 1 e 2 da Cana da Moreira terão sido estudadas a 5 de fevereiro de 1999, mantendo-se inéditas até ao presente.

É aqui que se inicia um trabalho de decalque não sistemático de rochas deste período, primeiro no quadro do CNART, depois do PAVC e mais tarde da Fundação Côa Parque.

Ainda durante a primeira década do novo milénio, nós próprios ensaiámos as primeiras tentativas de compreensão desta arte, baseados nos poucos documentos publicados (LUÍS, 2008, 2009, 2010, 2015, 2016, 2021). Por essa altura, o início dos trabalhos de Mário Reis da prospeção arqueológica contínua da região viria a aumentar exponencialmente o número de registos com arte rupestre conhecidos, com particular incidência para a Idade do Ferro (BAPTISTA & REIS, 2008a, 2008b; REIS, 2012a, 2012b, 2013, 2014, 2015).

---

1 - Atente-se no subtítulo desta obra que publicou um primeiro conjunto destes motivos: “A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspetiva dos ciclos rupestres pós-glaciares” (BAPTISTA, 1999).

Entretanto, por entre os trabalhos dedicados à arte paleolítica, foram-se continuando a realizar decalques esporadicamente, de forma não sistemática, mas que, na sua larga maioria, se mantêm inéditos. Aproveitamos esta oportunidade para os tornar públicos, com o objetivo de fazer uma primeira publicação dos decalques da arte da Idade do Ferro, 25 anos depois da publicação do primeiro inventário da arte paleolítica do Vale do Côa (BAPTISTA & GOMES, 1997) e assim obter uma panorâmica geral do que conhecemos desta arte na região até ao momento.

## **2. Os sítios e a arte**

### **2.1. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA**

A arte rupestre da Idade do Ferro do Vale do Côa e Douro (Fig. 1) concentra-se sobretudo em torno da foz do rio Côa com o Douro, sobretudo nas margens esquerdas de ambos os rios, em torno dos vales de cursos de água sazonais, que descem desde a Chã de Vila Nova de Foz Côa, até aos dois rios. Para norte, ela prolonga-se em ambas as margens do rio até ao Pocinho (Azenha e Vale Escuro), numa distância de mais de 6 km, com uma importante concentração no Vale da Casa. Para leste, distribui-se por uma sucessão de vales, sobretudo na margem direita do Douro (Cascalheira, Ribeira de Urros até à Ribeira das Furnas), mas também na direita (Canada do Arrovão), igualmente ao longo de mais de 6 km. Nesta zona, salienta-se uma importante concentração a cotas mais altas, nas zonas que descem deste o planalto da Meseta até ao Douro (Canada da Moreira, Garrido e Picão). Para sul, a sua distribuição prossegue ao longo de mais de 8 quilómetros, junto a ambas as margens do rio Côa (Moinhos de Cima, Fraga do Seno, Penascosa), mas também em pequenos vales de ribeiras tributárias (Vale do Forno, dos Moinhos, Meijapão, Ribeira das Cortes e da Volta) e mesmo no interior da Ribeira de Piscos (Casa do Muro), a mais de dois quilómetros do Côa.

Como já foi por várias vezes referido (AUBRY, LUÍS, & DIMUCCIO, 2012, 2017; LUÍS, 2021), esta distribuição é o resultado da conjugação de condições de formação dos suportes rupestres, da sua preservação após o momento da gravação e da vontade de gravar. Com raríssimas exceções (Vale da Casa, Vale do Forno 6, Vale de Cabrões 3), a esmagadora maioria da arte do Ferro inscreve-se nas superfícies de diáclase verticais dos xistos regionais (sobretudo formação de Desejosa, mas também de Pinhão/Ervedosa, do Supergrupo Dúrico-Beirão). A disponibilidade destas superfícies encontra-se condicionada pela tectónica regional, que, por sua vez, condiciona a formação dos vales, que as expõem à superfície. Uma vez expostas e eventualmente gravadas, inicia-se o processo de meteorização, que depende sobretudo da acumulação de água na superfície de diáclase e consequente colonização liquénica, ambas limitadas pela sua verticalidade e relacionadas com a exposição solar. O facto de as representações sidéricas partilharem, em grande medida, os mesmos núcleos e painéis da fase mais recente da arte paleolítica, leva-nos a concluir pela importância das condicionantes ambientais na distribuição verificada, sem, contudo, desprezarmos a importância e imprescindibilidade da escolha cultural e dos significados que se lhe pudessem atribuir, nomeadamente num contexto de confluência de águas permanentes e sazonais.

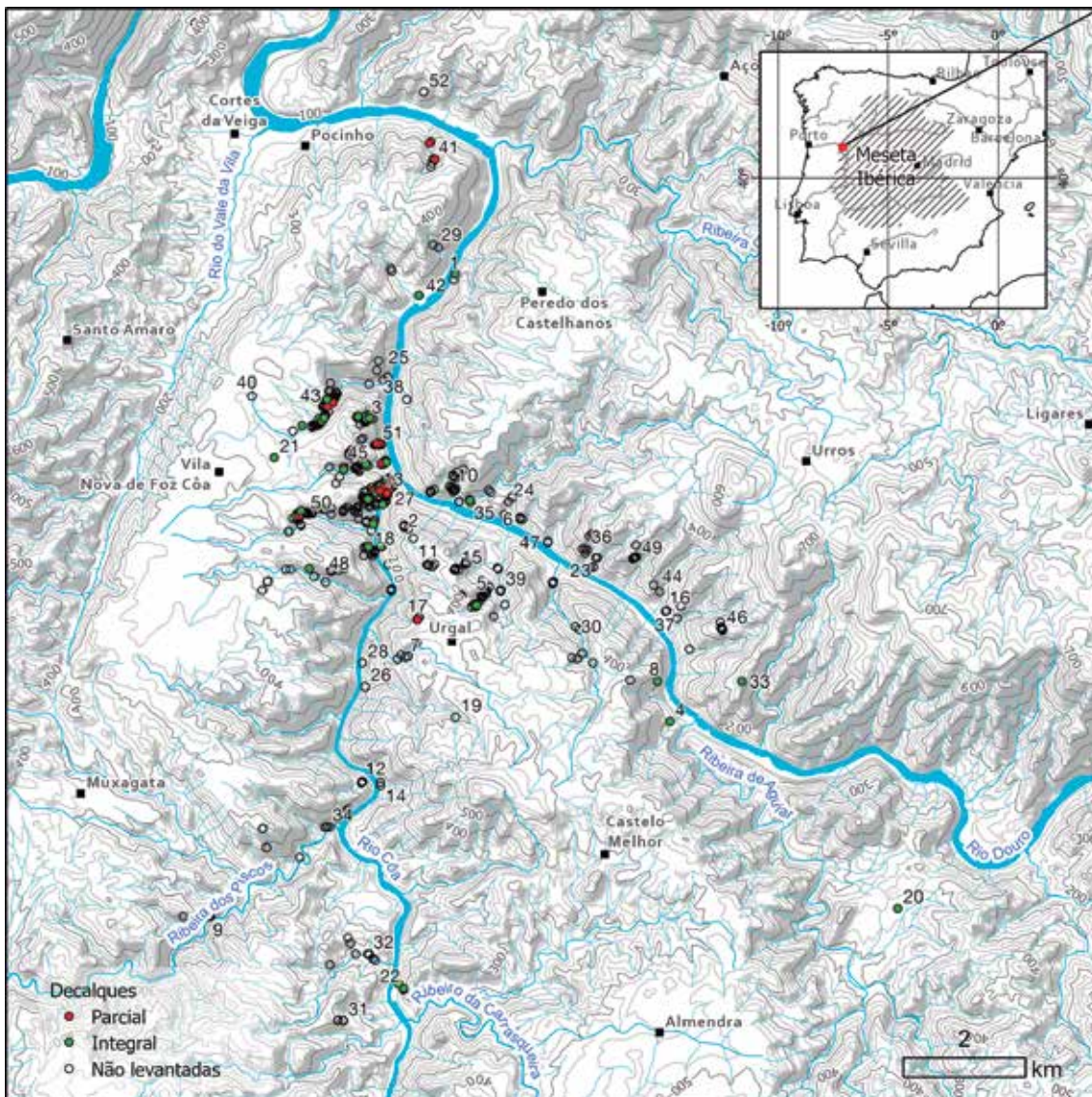


Fig. 1: Localização da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro. Sítios: 1) Azenha 2) Broeira, 3) Bulha, 4) Canada da Meca, 5) Canada da Moreira, 6) Canada das Corraliças, 7) Canada do Amendoal, 8) Canada do Arrobão, 9) Casa do Muro, 10) Cascalheira, 11) Cavalaria, 12) Fariseu, 13) Foz do Côa, 14) Fraga do Seno, 15) Garrido, 16) Lodão, 17) Meijapão, 18) Moinhos de Cima, 19) Namorados, 20) Olival dos Telhões, 21) Paço, 22) Penascosa, 23) Picosas, 24) Picão, 25) Porto Velho, 26) Quinta da Bouça Velha, 27) Quinta das Tulhas, 28) Quinta do Naldo, 29) Raposeira, 30) Ribeira da Cabreira, 31) Ribeira da Volta, 32) Ribeira das Cortes, 33) Ribeira das Fornas, 34) Ribeira de Piscos, 35) Ribeira de Urros, 36) Ribeira do Eiró, 37) Ribeira do Lodão, 38) Ribeira do Molha Pão, 39) Ribeira do Picão, 40) Tudão, 41) Vale Escuro, 42) Vale da Casa, 43) Vale de Cabrões, 44) Vale de Janas, 45) Vale de José Esteves, 46) Vale de João Esquerdo, 47) Vale de Maria Andrés, 48) Vale de Moinhos, 49) Vale do Esfola Cabras, 50) Vale do Forno, 51) Vermelhosa, 52) Zambulhal.

Resultado dos trabalhos de campo de 40 anos de estudos na região por diferentes investigadores, a arte da Idade Ferro na região distribui-se presentemente por 543 afloramentos rupestres e 3 blocos de arte móvel.<sup>2</sup>

Estes blocos apresentam características que os afastam dos restantes suportes. Para além da sua portabilidade, todos os três se encontram gravados na superfície da xistosidade, o que não sucede nas representações sobre afloramentos. Esta é a superfície

2 - Base de dados da Fundação Côa Parque, mantida por Mário Reis, à data de 18/02/2022.

da rocha mais sujeita à meteorização, inclusivamente durante o processo de gravação.<sup>3</sup> Poder-se-á colocar a hipótese destes fragmentos pertencerem a afloramentos gravados na xistosidade, que, entretanto, se destacaram. Se bem que nenhum dos fragmentos se encontre gravado em ambas as superfícies (o que invalidaria logo à partida esta possibilidade), o facto de as gravuras se conformarem aos limites do bloco - na totalidade, no caso do Olival dos Telhões, e parcialmente, em ambos os blocos do Paço - leva-nos a colocar a possibilidade de estarmos perante verdadeiros objetos de arte móvel (LUÍS, 2021, 105–106), tal como sucede no vizinho vale do Sabor (SANTOS *et al.*, 2016; SILVA, XAVIER, & FIGUEIREDO, 2016). Em comum, todos estes vestígios provêm de contextos com vestígios de ocupação humana, embora nos dois casos do Côa, os contextos conhecidos não recuem mais do que a ocupação romana.

Do total de 546 registos de arte rupestre com motivos atribuídos à Idade do Ferro, passaremos a apresentar os decalques de 76 rochas gravadas, 54 deles integrais, restringindo-se os restantes a setores da rocha ou simples motivos. Por razões de espaço, limitar-nos-emos a uma descrição sumária dos motivos, valorizando sobretudo a publicação dos decalques.

Os decalques dos anos 1980 foram realizados em condições de urgência, durante o dia, e com recurso ao método bicromático, complementados por moldagens (BAPTISTA, 1983, 58). A partir dos anos 1990, o método de decalque mantém-se direto e maioritariamente diurno (com exceção da Vermelhosa 3), com recurso a plástico de cloreto de polivinilo e luz rasante. Todos os decalques têm como ponto comum a mão do Fernando Barbosa, embora nas suas diferentes fases (decalque, vectorização, arranjo digital) tenham contado com o trabalho de investigadores como Ana Pinto, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, João Félix, Manuel Almeida, Maria Perpétua Ferreira, Mário Reis e Sophie Delavis.<sup>4</sup>

## 2.2. AS ROCHAS

### 2.2.1. AZENHA (PEREDO DOS CASTELHANOS, TORRE DE MONCORVO)

Este núcleo de arte foi identificado em 2007 (REIS, 2013, 39) e localiza-se na margem direita do rio Douro, cerca de 1 km a jusante da foz do Côa. É composto por 3 painéis gravados, orientados para NW, dois deles com motivos da Idade do Ferro. Destes, apenas a *rocha 3* se encontra levantada, dividindo-se em 8 painéis (Fig. 2)<sup>5</sup>.

O *painel A* apresenta a uma cena composta por um veado macho com hastes ramiformes, voltado para a direita, com a cabeça virada para trás, e um segundo quadrúpede, provavelmente corça, pelo contexto e cauda curta, com a cabeça para a frente. Voltados para a esquerda, foram representados dois canídeos, um deles mais detalhado, com representação de dentes e contorno interno, e dois outros quadrúpedes, um deles acéfalo e outro com a cabeça retrospectiva, possivelmente corças.

---

3 - Informação de José António Seixas, um dos últimos gravadores do Côa, em entrevista realizada a 12/09/2006, que gravou neste tipo de superfícies da década de 1950, nomeadamente na rocha 5 da Canada do Inferno.

4 - Apenas os decalques do Vale de José Esteves 8 e Vale do Forno 2 não terão contado com o seu contributo, sendo da responsabilidade exclusiva de Mário Reis.

5 - Agradecemos a Mário Reis e Fernando Barbosa o auxílio na localização dos subpainéis decalcados.



Fig. 2: Rocha 3 da Azenha (foto de Mário Reis).

O *painel B* apresenta um canídeo macho, com cauda comprida, pescoço curto, boca aberta, patas em extensão e contorno interno. Acima, à esquerda, surge figurado um segundo quadrúpede mais esquemático, ambos voltados para a direita.

O *painel C* apresenta quatro quadrúpedes indeterminados voltados para a direita. As figuras aparecem muito esquemáticas (uma delas reduzida ao seu bordo dorsal), aparentemente com boca aberta, sem orelhas, uma pata por par e cauda curta (canídeos?).

No *painel D* surge à esquerda, voltado para a direita, a figura de um cavaleiro montado, com rédea, braços levantados, um deles com o que se afigura ser uma arma (punhal?). À sua direita, surge um conjunto de traços indecifráveis. À direita do painel, surge a figura de um quadrúpede com a mesma orientação.

A toda a largura do *painel E* foi representado um longo quadrúpede com cauda comprida, com decoração interna entrançada e orelhas, com duas patas por par, provavelmente canídeo. Abaixo, surge um segundo possível cão, mais curto, e duas pequenas representações de figuras animais, que parecem incompletas, num dos casos com pata dianteira e cauda e noutra apenas com cabeça, orelha e quartos traseiros. Todas as figuras se encontram voltadas para a direita.

No *painel F* destacam-se três figuras de cavalo. Dois deles surgem voltados para a direita, o maior deles com indicação de sexo, quartos traseiros em forma ferradura e uma decoração reticulada na zona do dorso. Abaixo, surge uma figura mais pequena com decoração interna sinuosa e linhas paralelas no dorso. Acima de ambas as figuras, foi representado um cavalo também voltado para a direita, mas disposto na vertical, igualmente com quartos traseiros em ferradura. Completa o painel um conjunto de traços, nomeadamente algo que se afigura como uma cabeça com duas orelhas em perspetiva frontal.

O *painel G* apresenta um quadrúpede voltado para a esquerda, com duas orelhas, uma pata por par, projetadas para diante, extremidades abertas e definição da coxa traseira, acompanhada por traços informes.

Finalmente, o *painel H* é composto por dois motivos geométricos. Acima, surge um motivo reticulado, semelhante à decoração do dorso do cavalo maior do painel F. Abaixo, à esquerda, foi representado um motivo circular, cortado por três linhas diametrais.

### 2.2.2. BROEIRA (ORGAL, V.N. DE FOZ CÔA)

Situado na margem direita do Côa, a pouco mais de 1,2 km a montante da foz, este núcleo apresenta 7 painéis gravados com arte sidérica, num total de 16. Inicialmente identificado em 1995, sobretudo na zona junto ao rio, os trabalhos de prospeção vieram identificar novos painéis, situados mais acima na vertente, igualmente incluídos neste núcleo (REIS, 2012a, 17).

A *rocha 3* apresenta três figura antropomórficas, representadas em perspetiva frontal com os braços erguidos (Fig. 3). As duas maiores apresentam maior detalhe, com corpo em forma de “guitarra” (mais larga nos ombros e quadris), percebendo-se a cabeça com bico de ave. A terceira, mais esquemática, surge oblíqua, como que deitada, igualmente com os braços levantados.

### 2.2.2. BULHA (V.N. DE FOZ CÔA)

Trata-se de um dos núcleos mais importantes em número de painéis gravados com motivos sidéricos (27), num total de 43. Localiza-se numa vertente que desce desde a superfície da meseta para o rio Douro, na margem esquerda, a cerca de 1 km a jusante da foz do Côa, entre os núcleos de Vermelhosa e Vale de Cabrões. Apesar disso, só foi identificado a partir de 2015 (REIS, 2013, 20).



Fig. 3: Rocha 3 da Broeira.



Fig. 4: Rocha 6 da Bulha.

A *rocha 6* apresenta um cavalo voltado para a direita, com quartos traseiros em forma de ferradura e uma pata dianteira, todos projetados para diante, associado a linhas retilíneas (Fig. 4).

A *rocha 7* apresenta uma figura de cavaleiro (Fig. 5), voltada para a esquerda, com braços levantados, lança na mão direita, sem ponta ou conto, sobre um cavalo com delimitação de coxa e sem arreios, associado a um conjunto de linhas.

Na *rocha 13* figuram dois antropomorfos, estilisticamente semelhantes, em perspectiva frontal, de tamanhos distintos, com antebraços levantados e algumas semelhanças com a Broeira 3 ou a Vermelha 3 (Fig. 6).

A *rocha 19* (fig. 7) apresenta no topo um signo circular, meandriforme, junto de dois quadrúpedes esquemáticos voltados para a esquerda. Mais abaixo, voltados para a direita, surge um veado macho e dois quadrúpedes com cauda curta e sem orelhas, um deles preenchido com motivo sinuoso, eventualmente corças. Na zona baixa do painel, surge uma figura antropomórfica, desprovida de membros superiores, voltada para a esquerda, com larga cabeça ovoide e nariz em forma de bico. Acresce um conjunto de traços, onde se incluem duas lanças, uma mais pequena à esquerda e a outra ao centro, ambas dispostas na vertical. No setor direito do painel, acima, surge um quadrúpede desenhado através de linhas retas, com duas orelhas semicirculares e pequena cabeça triangular, voltado para a esquerda e, mais abaixo, o que parece ser uma figura com o corpo na mesma direção, mas retrospectiva.

No meio de um conjunto de traços de difícil interpretação, o *setor esquerdo* da *rocha 30* (Fig. 8) apresenta um conjunto de figuras zoomórficas, todas com os corpos voltados para a direita. No topo do painel surge um veado, com a pata dianteira projetada para diante e em flexão e a cabeça provida de hastes não ramificadas, mas com presença de estoques. Abaixo, à esquerda surgem dois outros quadrúpedes esquemáticos,



Fig. 5: Rocha 7 da Bulha.



Fig. 6: Rocha 13 da Bulha.

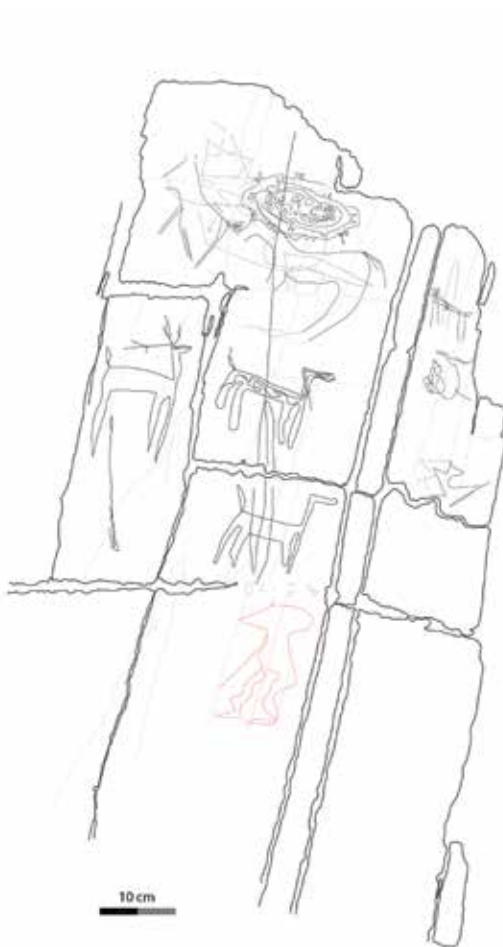


Fig. 7: Rocha 19 da Bulha.



Fig. 8: Rocha 30 da Bulha (foto de Mário Reis).

com duas orelhas e boca aberta, num dos casos exageradamente. À sua frente surge um conjunto de linhas que se poderá interpretar como o tronco, cabeça e orelhas lineares. Abaixo, surge um pequeno cavalo, seguindo o mesmo modelo do painel central da rocha 148 de Foz do Côa, embora menos conseguido, com extremidades arredondadas e uma cauda que segue para uma linha sinuosa aberta. Logo abaixo desta figura e um pouco à esquerda, surge um conjunto de linhas que parece conformar um motivo ovóide. Finalmente, na extremidade direita em baixo, surge uma figura de um cervídeo com um traço a representar as hastes e a cabeça retrospectiva.

O *setor direito* apresenta um conjunto mais completo. No topo do painel surgem dois zoomorfos lineares, com os corpos retangulares e cabeças triangulares, providos de cauda curta e orelhas em V, voltados para direita. Abaixo à esquerda, surge uma figura com a mesma orientação, mais elaborada, com cauda comprida e patas desenhadas por contorno. Do focinho retangular saem duas linhas horizontais, até meio do painel, onde se representou um outro quadrúpede, de cauda comprida e definição da coxa, também voltado para direita, mas com as patas viradas para cima. Logo abaixo, surge um provável cavalo, com corpo longo retangular, mas definição de mandíbula, da coxa e cauda comprida. No seu interior, foi desenhado um quadrúpede sumário retilíneo, com cauda curta, prováveis hastes, disposto obliquamente para a esquerda. Atrás do grande cavalo surge um outro, com a mesma orientação, delimitação de coxa e quartos dianteiros, pescoço arqueado e patas projetadas para diante. Abaixo, no meio de um conjunto de linhas angulosas, surge um cavalo com cauda desproporcional com decoração interna, duas patas por par e um sexo igualmente desproporcional, localizado a meio do ventre, voltado para a direita. Mais abaixo, e com orientação oposta, surgem os quartos dianteiros de um quadrúpede, com a pata anterior projetada para diante e a cabeça voltada para trás. À sua frente, surge um zoomorfo em perfil absoluto, linear, com contornos abertos, cauda curta e patas em extensão. Acima dele, figura o que parece ser o corpo de um zoomorfo com cauda curta, igualmente voltado para a direita. Atrás deste posiciona-se um outro semelhante com cauda comprida e com contorno linear. Atrás de si, com direção oposta, figuram três zoomorfos muito semelhantes, com o quartos traseiros e zona lombar desenhados com linhas contínuas, às quais foram acrescentados os quatro dianteiros, com duas linhas paralelas. A figura superior apresenta linhas no pescoço passíveis de interpretação como crina. As de baixo sobrepõem-se, e a existência de uma linha na região inguinal da superior poderá sugerir uma cena de cópula. No centro do painel, surge um contorno que sugere uma figura de natureza antropomórfica voltada para a esquerda. E logo acima, outro vulto com orelhas pontiagudas, mas sem corpo de quadrúpede. Na extremidade direita do painel, surge um último quadrúpede, construído da mesma forma que descrevemos os anteriores, com a pata anterior fletida.

A *rocha 31* (Fig. 9) apresenta um quadrúpede em perfil absoluto, voltado para a esquerda, com uma linha circular na zona do pescoço, que poderia ser interpretada como rédea, não fosse a ausência de cavaleiro. À sua esquerda, surgem duas figuras humanas em vista frontal, com os braços levantados. A figura de cima apresenta uma cintura mais alta que a de baixo, que apresenta um corpo sinuoso em S, semelhante a outras figuras presentes na arte do Côa (por ex. Vale do Forno 6).

A *rocha 38* já anteriormente publicada (LUÍS, 2016, 65), apresenta uma notável cena, envolvendo cinco guerreiros apeados (Fig. 10). O maior, de grandes braços erguidos, exhibe uma lança na mão direita e um pequeno escudo circular em perspetiva



Fig. 9: Rocha 31 da Bulha.

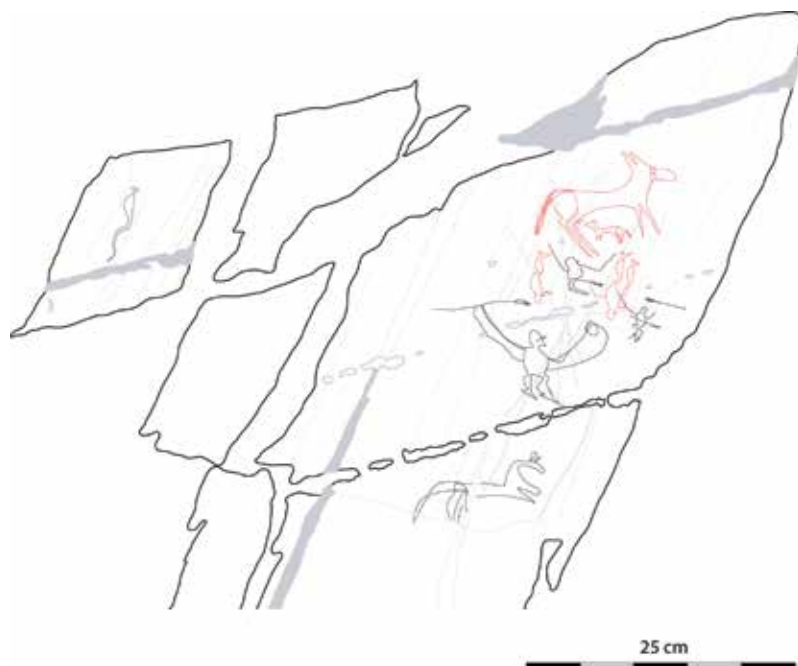


Fig. 10: Rocha 38 da Bulha.

frontal na esquerda. O tronco surge em visão frontal, com cabeça e pés voltados para a direita. Acima dele, estão representados outros três antropomorfos. À esquerda, encontra-se um em perfil absoluto, invertido, voltado para a direita, sem braços. Segue-se outro igualmente em perfil absoluto, com dois braços filiformes erguidos, de pé. À sua frente, uma nova figura invertida, com duas pernas uma lança na mão direita e um escudo circular na esquerda. Finalmente, um pouco abaixo, à direita, surge uma nova figura, com braços filiformes erguidos e uma lança junto ao tronco. Acima dela, foi representada outra lança. Esta cena é enquadrada por um cavalo, representado abaixo, com quatro patas, as dianteiras em extensão. Acima, surge novo quadrúpede, mais elaborado, com quatro patas, definição da coxa, cauda decorada, e dois círculos na zona da cabeça (olhos?). A zona inguinal desta figura apresenta um conjunto de traços que poderão ser interpretados como sexo, ou mais provavelmente, tendo em conta a representação de uma pequena figura, mais fruste, mas estilisticamente semelhante, localizada por baixo, com a cabeça voltada para essa zona, como as tetas de uma égua, numa cena de aleitamento. No topo esquerdo, surge um signo ondulado desenhado a contorno.

O núcleo da Bulha apresenta ainda um importante conjunto de painéis não decalcados, nomeadamente a *rocha 35*, onde se desenrola uma complexa cena, envolvendo figuras antropomórficas, uma ave e uma cena de caça a cervídeos<sup>6</sup>.

6 - [https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3030/3030.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3030/3030.pt.jpg);  
[https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3033/3033.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3033/3033.pt.jpg)

#### 2.2.4. CANADA DA MECA (CASTELO MELHOR, V.N. DE FÓZ CÔA)

Identificado em 2009 (REIS, 2013, 34), este conjunto situa-se na vertente da margem esquerda do Douro, a pouco menos de 7 km da foz do Côa, junto à foz da Ribeira de Aguiar. Das três rochas conhecidas, apenas a 3 apresenta decoração atribuída à Idade do Ferro (Fig. 11). Esta atribuição não deixa de ser problemática, uma vez que, estilisticamente, a representação se afasta das restantes figuras deste período. Trata-se de uma figura humana com braços abertos, vista de frente, com pés voltados para a esquerda. A figura apresenta-se totalmente preenchida por traços, nos membros e tronco, onde, perpendicularmente a uma linha que define a coluna, surgem traços paralelos, definindo a caixa torácica. Os dedos das mãos são definidos por linhas filiformes. Se a posição da figura apresenta paralelos na arte sidérica do Côa e Douro, já o mesmo não se pode dizer deste tipo de preenchimento em “raio X”, com a eventual exceção da figura de um cavaleiro da Canada do Arrobão 3, também ele problemático.

#### 2.2.5. CANADA DA MOREIRA (ORGAL, V.N. DE FÓZ CÔA)

Sitiado num vale que desce do planalto, junto ao Orgal, até à ribeira do Picão, afluente da margem esquerda do Douro, este conjunto, identificado em 1998 (REIS, 2013, 30), apresenta 39 rochas, 33 delas gravadas com motivos atribuídos à Idade do Ferro.

A *rocha 1*, subdividida em dois painéis (Fig. 12), apresenta ao centro três cavaleiros com braços erguidos, lanças na mão esquerda e dois deles com um objeto oblongo pontiagudo, que poderia ser interpretado com escudo em perfil, mas a que falta a concavidade e o umbo. Poder-se-á também tratar de espadas, o que não parece justificar-se pela presença de lança na outra mão (na rocha 2 estes objetos surgem em cavaleiros desprovidos de lança). As linhas sinuosas dos cavalos, contrastam com os ziguezagues das rédeas e a angulosidade dos restantes zoomorfos. Em cima à esquerda, apresenta-se um grupo de quatro quadrúpedes, dois deles voltados para esquerda e outros dois para a direita, com uma pata por par, duas grandes orelhas angulosas e um curto focinho. Um deles apresenta a representação do sexo. Abaixo dos dois cavaleiros da direita, surge uma outra figura em tudo semelhante com estas, voltada para a esquerda. Acima destes cavaleiros, surge um último zoomorfo, de cauda curta e voltado para a direita, com um estilo menos anguloso.

O painel direito da *rocha 2* apresenta um conjunto de figuras voltadas para a esquerda, sucedendo-se verticalmente, conformando-se à forma oblíqua do painel (Fig. 13). Surgem figurados 6 zoomorfos, alguns deles incompletos, com características semelhantes, nomeadamente ao nível das orelhas, contorno da coxa e cauda. No meio destes quadrúpedes, surgem outros três, estilisticamente semelhantes, mas com a particularidade de estarem montados, muito semelhantes aos cavaleiros da rocha anterior. Os cavaleiros esquemáticos surgem com ambos os braços erguidos, dois deles segurando as rédeas com uma mão e na outra exibindo armas. Num dos casos, é figurada uma lança com ponta e conto, nos outros dois uma representação oblonga pontiaguda, que poderá ser interpretada com espada. A meio, num subpainel, surge um outro antropomorfo, restringido ao tronco, com uma linha junto à mão, interpretada como lança sem ponta. No painel mais à esquerda, surgem pelos menos quatro zoomorfos mais esquemáticos, sem contorno da coxa e caudas aparentemente mais curtas.



Fig. 11: Rocha 3 da Canada da Meca.



Fig. 12: Rocha 1 da Canada da Moreira.



Fig. 13: Rocha 2 da Canada da Moreira.

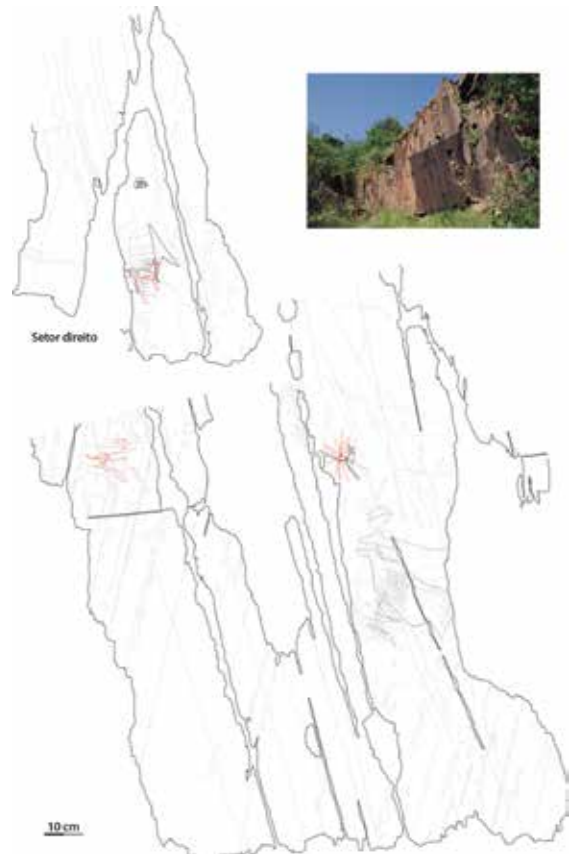


Fig. 14: Rocha 7 da Canada da Moreira (foto de Mário Reis).

A *rocha 7* (Fig. 14) foi já parcialmente publicada, em virtude das suas representações paleolíticas (SANTOS, 2019, fig. 166). Sobre estas figuras, surge um motivo circular raiado, que se sobrepõe a um quadrúpede esquemático, com corpo e membros em perfil absoluto, mas duas orelhas, voltado para a direita. No topo, à esquerda, surge um conjunto de traços, onde se identifica um quadrúpede (provavelmente cavalo), com contorno de coxa, voltado para a direita, mas cabeça retrospectiva. Mais para a direita, surge um quadrúpede, em perfil absoluto, voltado para a direita, com duas grandes orelhas, sobreposto por um signo soliforme raiado. O setor direito desta rocha (inérito) apresenta um signo circular sinuoso. Abaixo, no meio de traços horizontais paralelos, identificam-se outros signos, nomeadamente um zigzag e dois quadrúpedes voltados para a direita, um deles retrospectivo.



Fig. 15: Rocha 3 da Canada do Arrobão.

## 2.2.6. CANADA DO ARROBÃO (CASTELO MELHOR, V.N. DE FOZ CÔA)

Núcleo identificado em 1998 (REIS, 2013, 33), apresentando 10 painéis gravados, apenas dois deles com motivos atribuídos à Idade do Ferro.

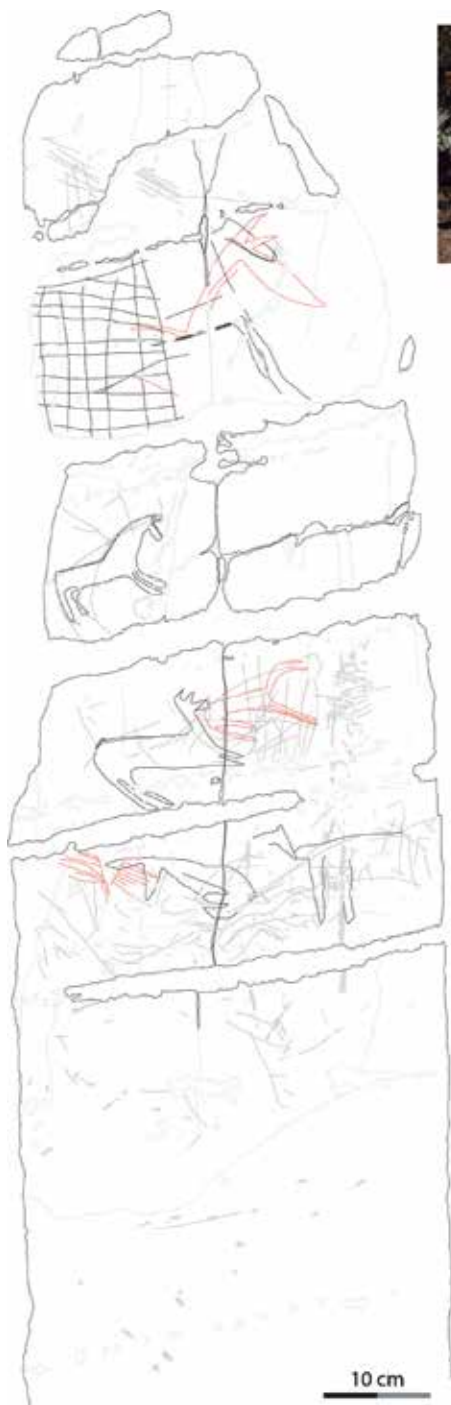
A *rocha 3* subdivide-se em três áreas (Fig. 15). Acima à esquerda surge uma representação que se poderia interpretar como um antropomorfo de pernas longas, ou os quartos traseiros de um cavalo. Mais abaixo, surge um quadrúpede voltado para a direita, com olho, orelhas e uma espécie de crina no dorso. Atrás de si, surge um estranho motivo aberto. Mais abaixo ainda, surge um novo quadrúpede, com longo pescoço e grande boca filiforme aberta, com duas linhas de triângulos adossados, eventualmente sugerindo dentes. Sobre põe-se-lhe um motivo pisciforme vertical, que, a ser sidérico, poderia representar um punhal. Na zona central do painel, surge um cavaleiro. O cavalo tem o corpo retangular, uma cabeça minúscula em triângulo e as patas e cauda decoradas com linhas entrecruzadas. Em cima dele, surge uma figura humana, com algumas semelhanças com a *Canada da Meca 3*. Apresenta-se em perspetiva frontal, braços lineares abertos, com representação de dedos, olhos e orelhas e dois objetos nas mãos de difícil interpretação (lança e escudo?). Um pouco abaixo surge uma espiral. Na zona direta em baixo, surgem dois quadrúpedes dispostos na vertical, definidos por contornos, quatro patas com definição de cascos (?) e orelhas. Finalmente, abaixo surge o que parece ser um antropomorfo, de boca aberta com braços levantados, com uma lança na mão. Tal como na *Canada da Meca*, julgamos que a atribuição deste painel à Idade do Ferro se afigura problemática. Se as representações apresentam características que as aproximam estilisticamente desta fase (figuras definidas por contornos sinuosos, orelhas salientes, ...) outras características as afastam, pois, com a exceção da referida *Canada da Meca 3*, desconhecemos paralelos próximos destas representações na região.

## 2.2.7. FOZ DO CÔA (V.N. DE FOZ CÔA)

É mais importante núcleo de arte sidérica, com 84 painéis gravados com motivos desta fase, de um total de 199, ocupando toda a encosta que desce o planalto até à margem esquerda do Côa, junto à sua foz. Este núcleo não terá sido verdadeiramente identificado em 1982 (REIS, 2012a, 8), pois, de acordo com informações do Fernando Barbosa e o inventário fotográfico do Museu D. Diogo de Sousa, a “foz do Côa” referida como local do achado das picotagens modernas (BAPTISTA, 1983 nota 2), localiza-se, não no que hoje conhecemos como Foz do Côa, mas 500 metros a jusante, na zona da



Fig. 16. Rocha 42 da Foz do Côa.



confluência do curso de água da Vermelhosa com o Douro, onde a cartografia antiga localiza os moinhos que lhes deram origem. Assim, os primeiros painéis gravados nesta área, terão sido já identificados na segunda metade da década de 1990.

A *rocha 42* tem apenas uma notável figura antropomórfica representada com contorno linear, com cabeça em forma de bico de pássaro voltada para a direita, provida de olho, braços abertos para baixo, com longos antebraços fletidos para cima, sugerindo asas (Fig. 16). As pernas foram representadas até ao joelho, facto que se relaciona com a existência de um relevo no painel, do qual a figura parece emergir.

Da *rocha 44* conhece-se apenas o painel central (Fig. 17). No subpainel superior surge um quadrado reticulado, ao lado do que se afigura ser a cabeça de um quadrúpede, com as típicas orelhas em W invertido, e mais alguns traços, paralelos e reticulados. No subpainel abaixo, surge um quadrúpede com longo pescoço curvo e o mesmo tipo de orelhas, com as duas patas dianteiras em extensão e sem cauda. Mais abaixo, surgem dois quadrúpedes seguindo o mesmo modelo, com a diferença de apresentarem as patas anteriores também projetadas para diante e as cabeças de feitura mais sumária, seguindo o mesmo modelo, mas menos conseguidas. Na figura da direita, a duas orelhas parecem transformar-se numa boca aberta. No último

Fig. 17: Painel central da rocha 44 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

subpainel, surge o que poderão ser dois quadrúpedes, embora de feitura sumária e disforme, associados a um conjunto de traços, destacando-se um signo triangular invertido com linhas paralelas a saírem de dois dos lados, com algumas semelhanças com os signos paleolíticos do Vale de José Esteves 16.

No topo da *rocha 53* foram desenhados três quadrúpedes a contorno sinuoso (Fig. 18). Acima, surge o primeiro disposto diagonalmente para a esquerda. Parcialmente sobreposto, surge outro, mais retilíneo, onde patas e orelhas se confundem, mas que

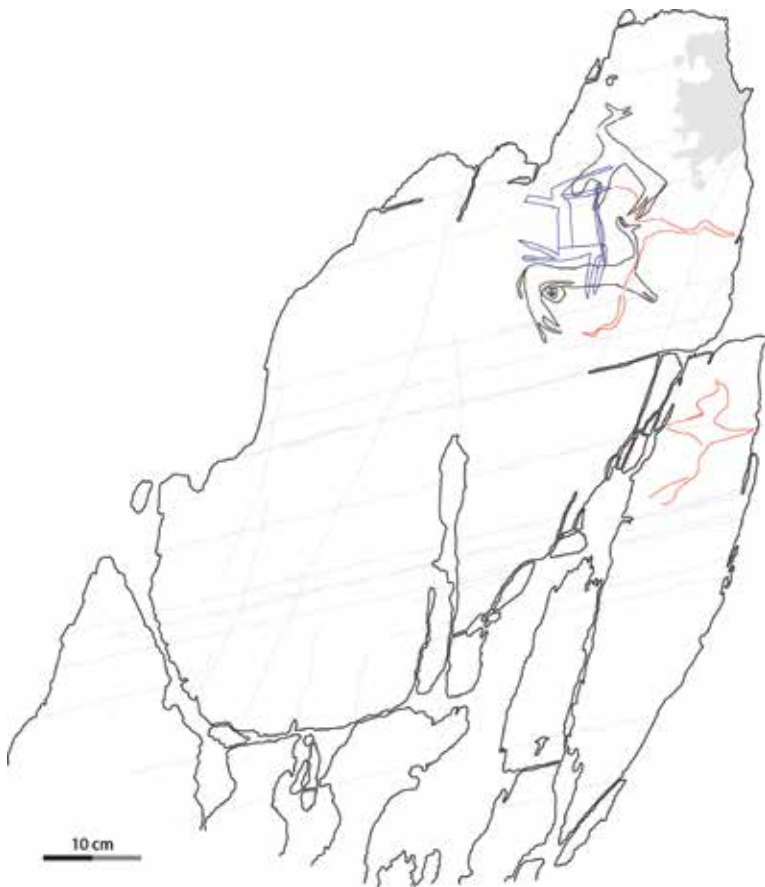


Fig. 18: Rocha 53 da Foz do Côa.



Fig. 19: Painel central da rocha 67 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

parece estar voltado também para a esquerda, com grandes orelhas atiradas para trás, patas dianteiras projetadas e eventualmente uma cauda levantada. Com posição oposta, surge o terceiro, também com cauda comprida, provido de um signo espiralado na zona inguinal, provavelmente sugerindo o sexo. Compartilhando o espaço com estas figuras, identifica-se um conjunto de traços que poderão conformar o que resta da metade esquerda um antropomorfo com braços na horizontal. Mais clara será uma figura do mesmo tipo localizada abaixo à direita, que sugere este mesmo tipo de figura, com paralelos na arte do Côa.

O painel central da *rocha 67* apresenta apenas duas figuras (Fig. 19). A maior surge voltada para a direita, com contornos abertos, em perfil absoluto, com exceção das duas orelhas lineares em V. O focinho conforma uma espécie de curta tromba pendente. No interior desta figura, junto aos quartos traseiros, surge uma figura mais pequena, em tudo semelhante, disposta no sentido oposto. A localização, tamanho e semelhança estilística entre as figuras parece sugerir uma cena de gestação animal, com paralelos, por exemplo, na arte rupestre de Jiepmaluokta/Hjemmeluft (Alta, Noruega), onde surge entre renas, alces e ursos (Sveen, 2001, 41, 44 e 45).

O painel esquerdo da *rocha 92* apresenta apenas a representação de um signo circular, preenchido por um conjunto de segmentos de reta com semicírculos adossados, em forma de “phi”, o que, por si só, não garante uma determinação cronológica (Fig. 20).

A *rocha 93* apresenta uma cena envolvendo dois antropomorfos e um quadrúpede (Fig. 21). O animal surge acima, voltado para a direita, com contornos

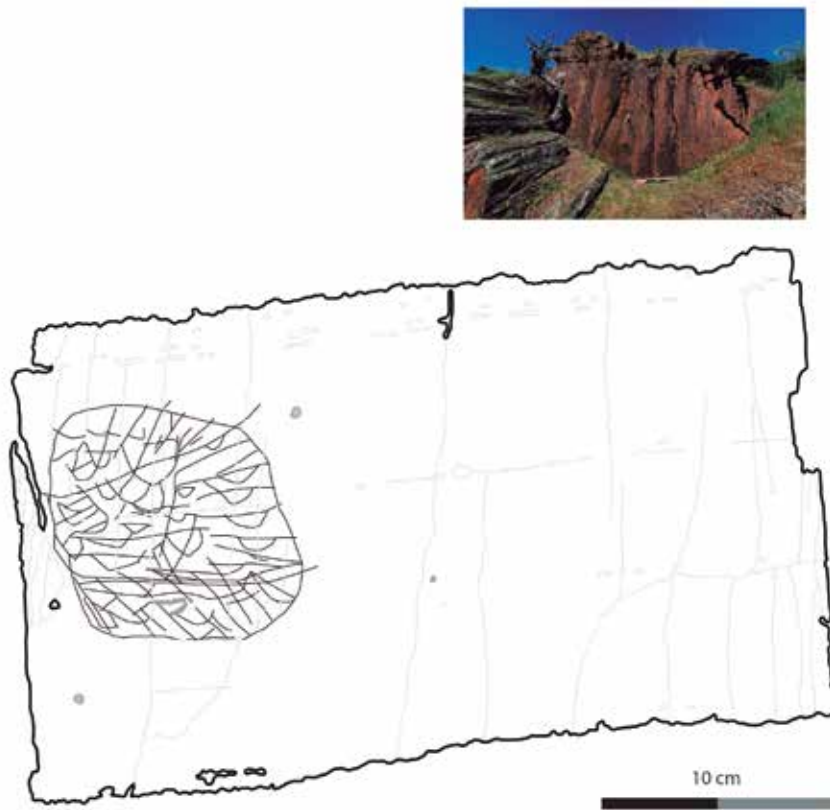


Fig. 20: Painel esquerdo da rocha 92 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).



Fig. 21: Rocha 93 da Foz do Côa.



Fig. 22: Rocha 95 da Foz do Côa.

angulosos, pescoço curto, grandes orelhas, cauda e uma pata por par. Sobreposto, surge um dos dois antropomorfos, que seguem o mesmo modelo, figurados em vista frontal, pequena cabeça sem pescoço, com semicírculo no seu lado esquerdo (orelha, nariz?), braços dispostos ao longo do corpo, com duas lanças com ponta para baixo e pernas arqueadas. O de baixo é mais detalhado, com representação filiforme de dedos, couraça reticulada no tronco e escudo circular, em perspectiva frontal, definido por linhas circulares concêntricas, cortadas por linhas diametrais. No meio das pernas prolonga-se uma linha, com uma forma subcircular na ponta, interpretada como falo. Na zona do peito surge ainda um conjunto de linhas que poderia ser interpretado com os quartos traseiros de um quadrúpede (?) ou uma ponta de lança com cabo dobrado.

Na *rocha 95* figuram 6 quadrúpedes, possivelmente cavalos, em perfil absoluto, com definição de contorno da coxa, grandes orelhas levantadas e caudas compridas (Fig. 22). Os três de cima voltam-se para a esquerda e os restantes para a direita, dois deles seguindo-se. O situado mais abaixo tem uma longa cauda desproporcionada e uma cabeça resultante de uma gravação sumária. Completa o painel um conjunto de linhas.

Da *rocha 134* conhecemos apenas a representação de um conjunto de linhas horizontais sinuosas, à maneira de uma escrita cursiva, sem verdadeiramente conseguirmos interpretar o seu sentido (Fig. 23). Este tipo de representações surge em várias rochas do Côa, nomeadamente em rochas como motivos da Idade do Ferro (por ex. Tudão), mas a sua cronologia é incerta, podendo ser já de cronologia histórica. À incerteza cronológica acresce a particularidade de se encontrar gravado numa superfície horizontal.

O painel central da *rocha 139* apresenta uma cena com 6 zoomorfos, provavelmente cavalos, todos voltados para a direita e com alguma variedade estilística (Fig. 24). Duas das figuras surgem montadas, mas apenas uma datará da Idade do Ferro. O cavaleiro de cima transporta lança na mão esquerda e segura umas rédeas em ziguezague na direita, O cavalo é macho, tem crina e um signo circular raiado na coxa (escudo?). Sobre põe-se a estas figuras uma grande representação de cavalo em posição de salto. Mais abaixo, surge uma outra representação de cavaleiro, com duas rédeas filiformes, de feitura muito distinta, com toda a probabilidade um acrescento mais recente, pela diferença estilística e natureza do traço. Estas figuras estão cercadas por uma linha circular, sugerindo um cercado. Acima, cortando-a, surgem duas outras linhas circulares concêntricas, cortadas por segmentos de reta paralelos, que lhe são perpendiculares e uma terceira linha interna, na zona em que se sobrepõem à grande “cerca”.

A *rocha 145* apresenta cinco figuras zoomórficas (Fig. 25). No centro do painel surge a figura de javali macho, cuja interpretação é facilitada pela crina no dorso, presas e cauda enrolada. A figura apresenta uma perspectiva torcida, com patas em corpo vistos de perfil e presas e olhos em perspectiva zenital. Abaixo, surge um veado esquemático, identificado pelas hastes ramiformes. Entre ambos, surge representado um motivo falciforme e um retângulo cortado por uma linha oblíqua. Acima, à direita, surgem três outros quadrúpedes também voltados para a esquerda, de feitura semelhante: perfil absoluto, contornos simples abertos, cauda e orelhas filiformes. A cauda da figura do meio pende em semicírculo sobre o dorso do animal.

A *rocha 148* divide-se em múltiplos painéis (Fig. 26). No painel central figura um belo cavalo, voltado para a direita, em pleno salto, com coxa contornada. No painel

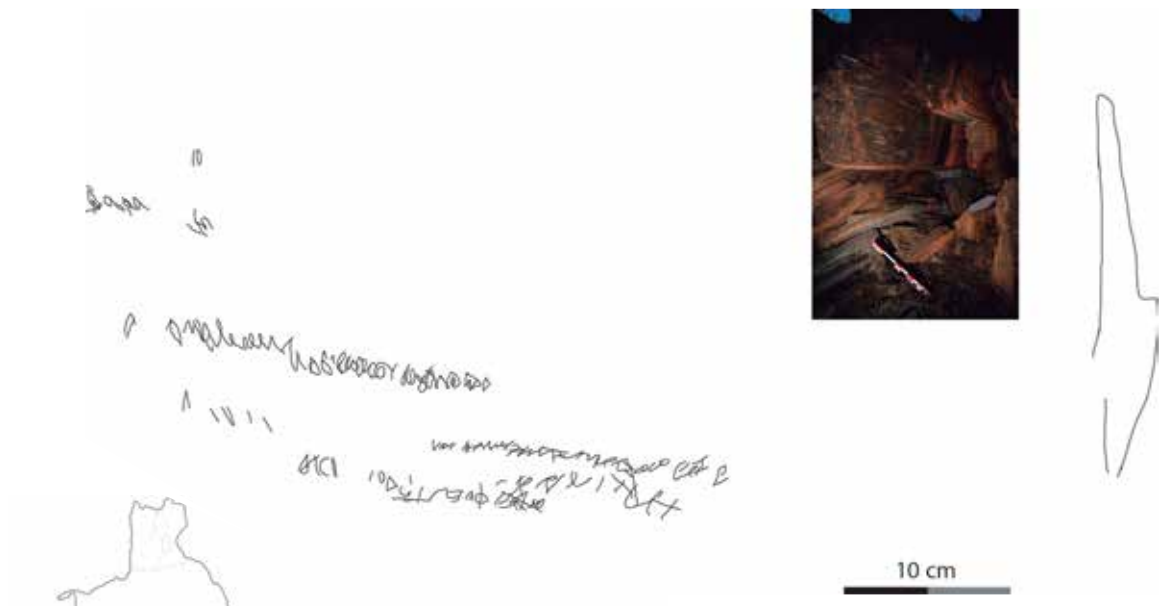


Fig. 23: Detalhe da rocha 134 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).



Fig. 24: Rocha 139 da Foz do Côa.



Fig. 25: Rocha 145 da Foz do Côa.

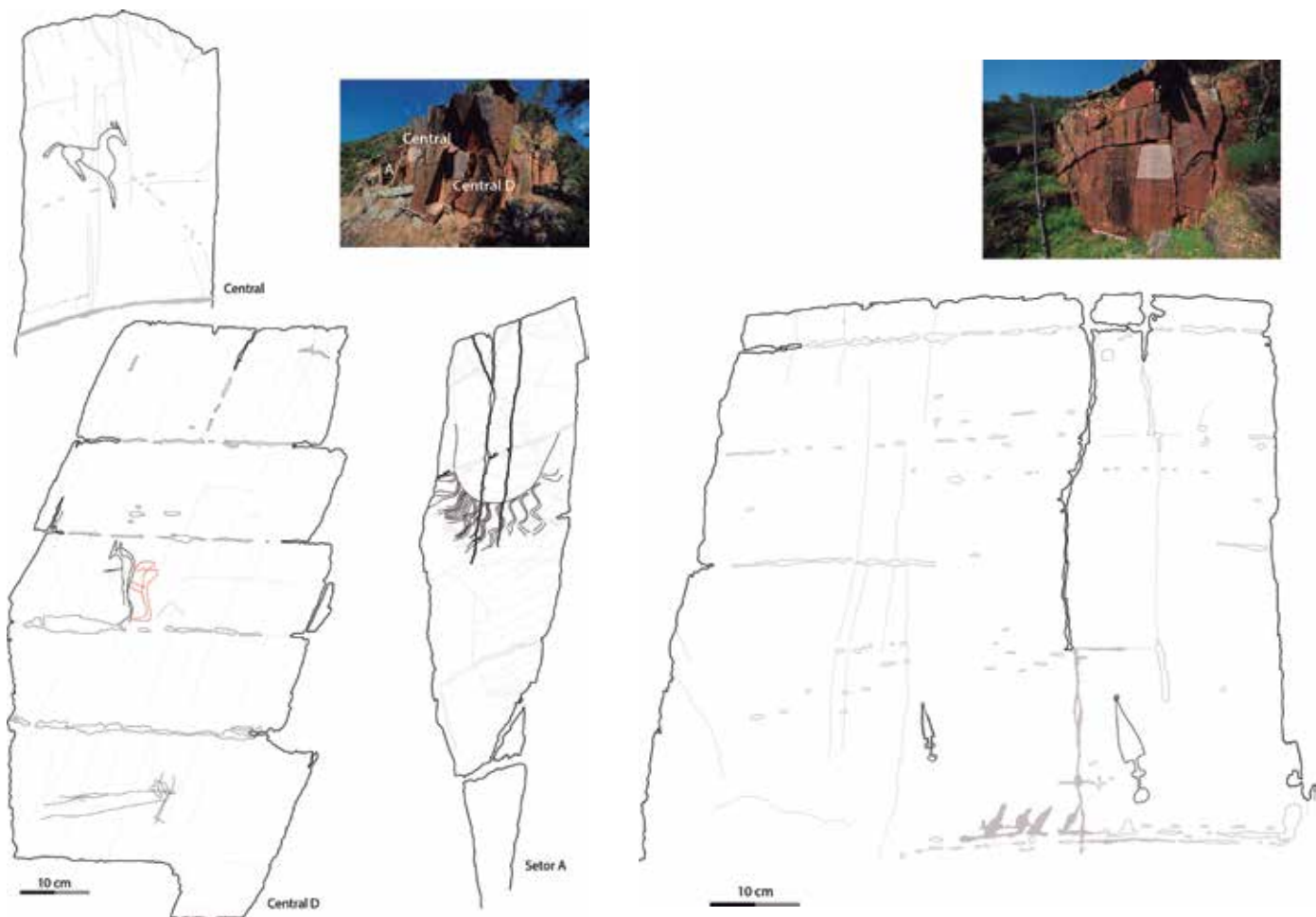


Fig. 26: Painéis central, central D e setor A da rocha 148 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

Fig. 27: Painel esquerdo central da rocha 150 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

central D surgem duas figuras, uma atrás da outra, voltadas para a esquerda, de perfil. Na de trás distingue-se o pé, costas com “corcunda”, pescoço e cabeça humanóide. A figura da frente, parece também antropomórfica, embora não se distinga o pé ou braços, tendo uma cabeça zoomórfica, com orelhas e focinho e umas “costas” arqueadas. As duas figuras surgem ligadas por duas linhas retas oblíquas, que partem da zona inguinal da figura de trás, até meio da traseira da figura da frente. Poder-se-á tratar de uma cena de coito posterior, à semelhança da cena de Vale de Cabrões 3, embora a cabeça zoomórfica da figura da frente possa remeter para a representação de um cavalo, apresentando apenas os quartos dianteiros, com o suposto falo a representar a parte dianteira do dorso. Neste caso, tratar-se-ia de um cavaleiro. Finalmente, executou-se o levantamento do setor A desta rocha, tendo em conta a existência de umas representações que inicialmente se suspeitara serem representações femininas esquemáticas paleolíticas. O decalque provou ser um conjunto de linhas em ziguezague que se relacionam com uma linha semicircular, à maneira de um colar. Estilisticamente, nada nos garante que esta representação date do período que nos ocupa.

O setor central do painel esquerdo da *rocha 150* apresenta dois punhais bidiscoidais embainhados (Fig. 27), o que é confirmado pela presença de um círculo da extremidade distal, representando a contera (KAVANAGH DE PRADO, 2008). Ambos foram desenhados a contorno linear, duplicado no exemplar da esquerda, no que se assemelha às falcatas do Vale da Casa 6.

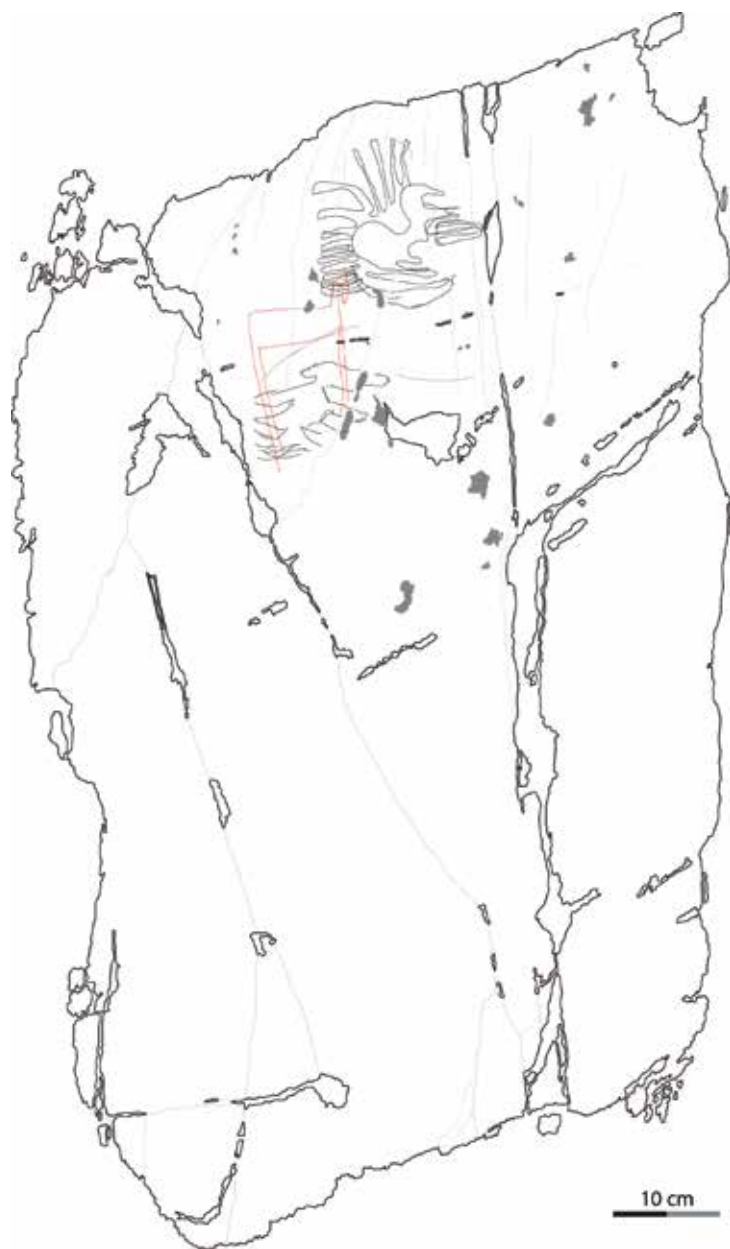


Fig. 28: Rocha 152 da Foz do Côa.



Fig. 29: Rocha 153 da Foz do Côa.

A *rocha 152* apresenta ao cimo uma figura que se assemelha a um cavalo voltado para a direita, com contornos sinuosos (Fig. 28). O dorso e os quartos traseiros são contornados por uma linha em ziguezague arredondado, formando um motivo raiado. Junto às patas dianteiras, surge um outro motivo retangular com ângulos arredondados e linhas paralelas internas. Mais abaixo, surge outro motivo sinuoso, quase que arboriforme. Entre estes motivos, foi representado um cavalo voltado para a direita, identificado pelo pescoço e focinho, em perfil absoluto, corpo e membros retilíneos abertos e sem cauda, semelhante ao cavalo do painel direito da Quinta das Tulhas 2.

A *rocha 153*, já anteriormente publicada (LUÍS, 2016, 65), apresenta uma interessante cena, disposta como que de uma estela se tratasse, conformando-se aos limites do painel (Fig. 29). O topo é ocupado por um cavaleiro montado num cavalo macho, segurando duas rédeas em ziguezague com a mão esquerda e, na direita, uma

grande lança curva. Da cauda do cavalo sai uma linha fechada que desce até meio do painel, enquadrando cinco figuras. Abaixo do cavalo, surge uma figura humana deitada com os braços levantados. Por baixo, tem um cavalo com a cauda curvada sobre o dorso, olhando para trás (para a figura humana?). À sua frente, surge um quadrúpede semelhante, disposto obliquamente para a esquerda. Abaixo, novo cavalo, seguido de um quadrúpede com a cabeça baixa, boca aberta e cauda levantada, posição que poderá sugerir tratar-se de um canídeo. Do lado esquerdo da linha que desce desde a cauda do cavalo macho, surge outro quadrúpede em perfil absoluto. Já abaixo do motivo vertical que sai da cauda do cavalo macho, surge outro cavalo, com grande cauda horizontal, da qual sai perpendicularmente novo motivo vertical fechado, muito semelhante ao anterior. À frente deste cavalo, surge novo macho, agora retrospectivo. Mais abaixo, uma figura zoomórfica angulosa, com grandes orelhas e cauda horizontal. A figura de ave junto à sua boca será de cronologia mais recente.

O *painel central da rocha 177* foi já parcialmente publicado (LUÍS, 2016, 65). Trata-se de uma cena de caça ao veado, com dois cavaleiros armados de lança e rédeas em ziguezague, desta feita providos de pernas, que perseguem um veado macho com hastes arboriformes (Fig. 30). O veado encontra-se trespassado por uma lança e, no seu peito, surge um motivo oblongo realizado por contorno, com nervura central. Acima, dois quadrúpedes de grandes orelhas, um deles com cauda curta, presumivelmente corça, também trespassado por lança, são perseguidos por três antropomorfos apeados, armados de lança, um deles com *caetra*. A figura do seu lado esquerdo apresenta longos braços, com os antebraços erguidos na vertical e nariz pontiagudo. Acima, à direita, um antropomorfo mais esquemático, em forma de vulto, igualmente com nariz pontiagudo e uma simples linha representando a lança. Para a esquerda do painel,



Fig. 30: Painel central da rocha 177 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

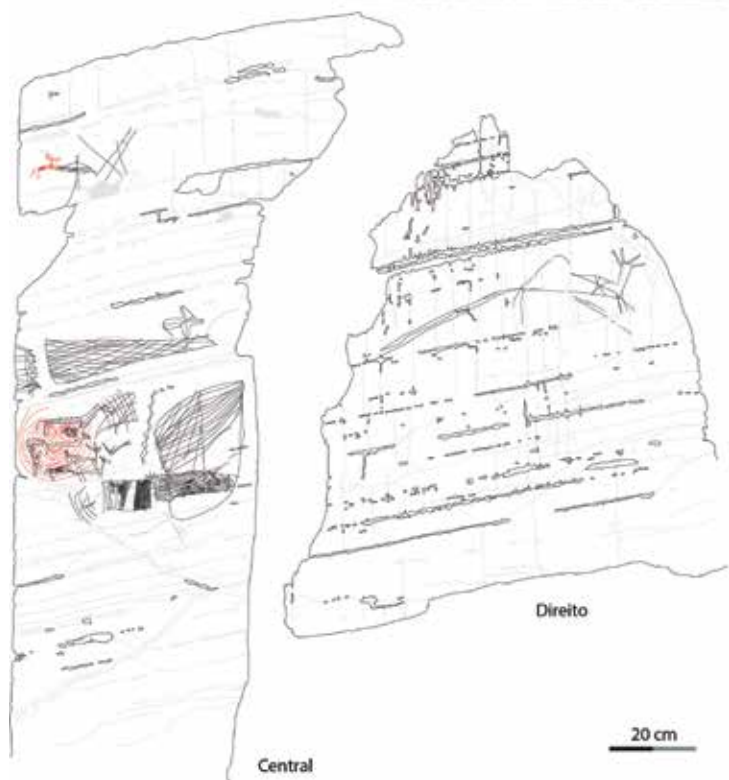


Fig. 31: Painel central e direito da rocha 181 da Foz do Côa. (foto de Mário Reis.)

atrás de toda esta cena, surge isolado um quadrúpede em perfil, com duas grandes orelhas.

O painel central da *rocha 181* (LUÍS, 2016, 67) apresenta um conjunto complexo de zoomorfos e signos geométricos (Fig. 31). Em cima, à esquerda, surge um quadrúpede voltado para a direita, com grandes orelhas, corpo e membros retilíneos abertos e cauda filiforme. O dorso apresenta-se decorado por duas séries de linhas paralelas verticais que cercam um motivo em X. Ao lado, surgem mais algumas linhas, num dos casos cruciforme. A zona central do painel apresenta um motivo em forma de “cruz grega”, desenhado a contorno arredondado com nervura central. Abaixo, uma figura trapezoidal com reticulado oblíquo. À esquerda, junto ao limite do painel, um conjunto de linhas horizontais paralelas, cortadas por dois traços verticais no lado direito e uma linha em ziguezague. Abaixo, surge um motivo escutiforme dentado (com *escotadura*), desenhado por linhas concêntricas. No seu interior,

foram representados, pelo menos, 5 zoomorfos, todos voltados para a direita. Em cima, surge uma figura de longo dorso decorado com ziguezague, patas curtas, pescoço comprido e comprida boca aberta. Abaixo, um outro semelhante, apesar de a decoração dorsal estar ausente, possuir duas orelhas e ser desprovido de patas dianteiras. Esta característica, que é comum na arte desta época (por ex. Vale de José Esteves 16), deriva da forma de construção destas figuras, definidas por linhas contínuas que vão desde as patas traseiras até à cabeça, sendo as patas dianteiras acrescentadas num segundo momento, através de duas linhas paralelas. Esse mesmo modelo seguem as 3 figuras de baixo, com a diferença de apresentarem efetivamente as patas dianteiras. A que se encontra mais à esquerda apresenta uma decoração dorsal inversa à da primeira figura descrita. Aqui, uma banda de linhas verticais paralelas é ladeada por dois retângulos com decoração em X. Para a esquerda surge um outro motivo reticulado, sem limites definidos, um signo composto por duas linhas em ziguezague entrecruzadas e outra figura subretangular preenchida com linhas oblíquas. Mais abaixo, dois outros motivos retangulares com decoração

interna, à esquerda, composta por linhas paralelas verticais, parcialmente preenchidas por séries de linhas oblíquas paralelas e à direita por uma área reticulada reta, oblíqua e zigzagues paralelos. O *painel direito* desta rocha apresenta simplesmente uma figura, muito semelhante às do painel central, com a boca aberta, um corpo mais longo e uma cauda exageradamente longa. O dorso apresenta um motivo raiado.

#### 2.2.8. MEIJAPÃO (ORGAL, V.N. DE FÓZ CÔA)

Tratar-se-á, como atrás vimos, do primeiro núcleo com arte sidérica identificado nas margens do Côa, logo em 1993. Situa-se no início de um vale cortado por um curso de água que desce desde a superfície da meseta até à margem direita do rio Côa, a 2,5 km da foz do rio, nas imediações da área onde decorriam os trabalhos da barragem. O núcleo é composto por 4 painéis gravados, 3 dos quais com motivos atribuídos à Idade do Ferro.

Destes, realizou-se o decalque parcial da *rocha 1* (Fig. 32).<sup>7</sup> Nele, dispostos para a direita, identificam-se três antropomorfos e cinco zoomorfos. Acima, identifica-se um cavaleiro, segurando uma rédea reta na mão esquerda e uma lança com ponta na direita. Entre este e o cavalo, com coxa contornada, surge um outro antropomorfo com lança na mão direita erguida um corpo “bidiscoidal” e sem membros inferiores, com algumas semelhanças com os antropomorfos da Broeira 3. A figura maior, no centro da composição, representa um segundo cavaleiro, com cabeça circular, com uma grande lança na mão direita e a esquerda segurando duas rédeas em zigzague. Tanto este, como o terceiro cavaleiro, situado entre ambos os cavaleiros – em tudo semelhante ao grande cavaleiro, com a exceção de não estar montado –, apresentam as patas projetadas para diante.

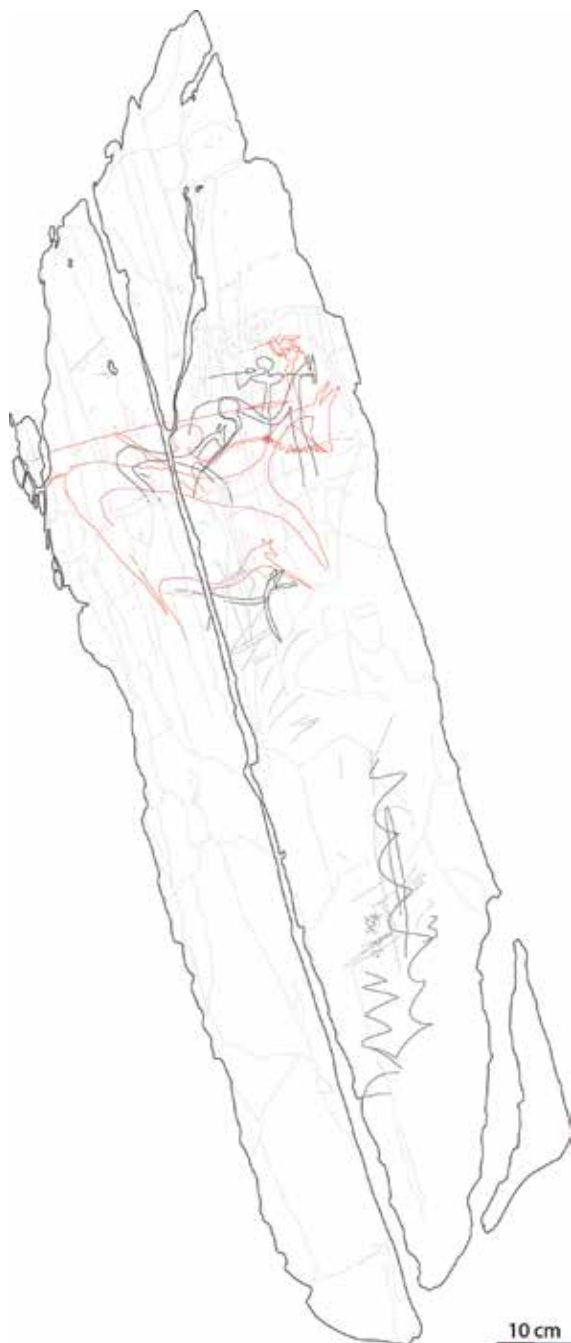


Fig. 32: Rocha 1 do Meijapão.

7 - O conjunto de painéis da Idade do Ferro deste núcleo encontra-se em estudo por Helena Soares, no âmbito do projeto RARAA – Repositório de Arte Rupestre em Acesso Aberto, financiado pela Fundação Ciência e Tecnologia (BOTICA, LUÍS, & SILVA, 2022).

Um pouco abaixo deste conjunto surge um quarto quadrúpede, igualmente com contornos sinuosos, duas grandes orelhas e patas projetadas para diante. Distingue-se dos precedentes pelo pescoço curto, que dificulta a sua interpretação como cavalo. Mais abaixo, surge o quinto quadrúpede de estilo mais anguloso, igualmente com duas orelhas, mas de focinho aberto. Um conjunto de traços completa o painel, com especial destaque para três linhas paralelas verticais em ziguezague.

### 2.2.9. MOINHOS DE CIMA (V.N. DE FOZ CÔA)

Este núcleo situa-se num pequeno vale que desce a encosta da margem esquerda do Côa, desde o planalto até ao rio, a cerca de 1,5 km da foz. Identificado em 1997 (REIS, 2012a, 14), num total de 27 painéis, este conjunto apresenta 15 rochas com motivos atribuídos ao período que nos ocupa.<sup>8</sup>

---

8 - A estes, ter-se-ão de acrescentar os motivos que se encontram submersos, nomeadamente os históricos, relacionados com os moinhos, hoje submersos.

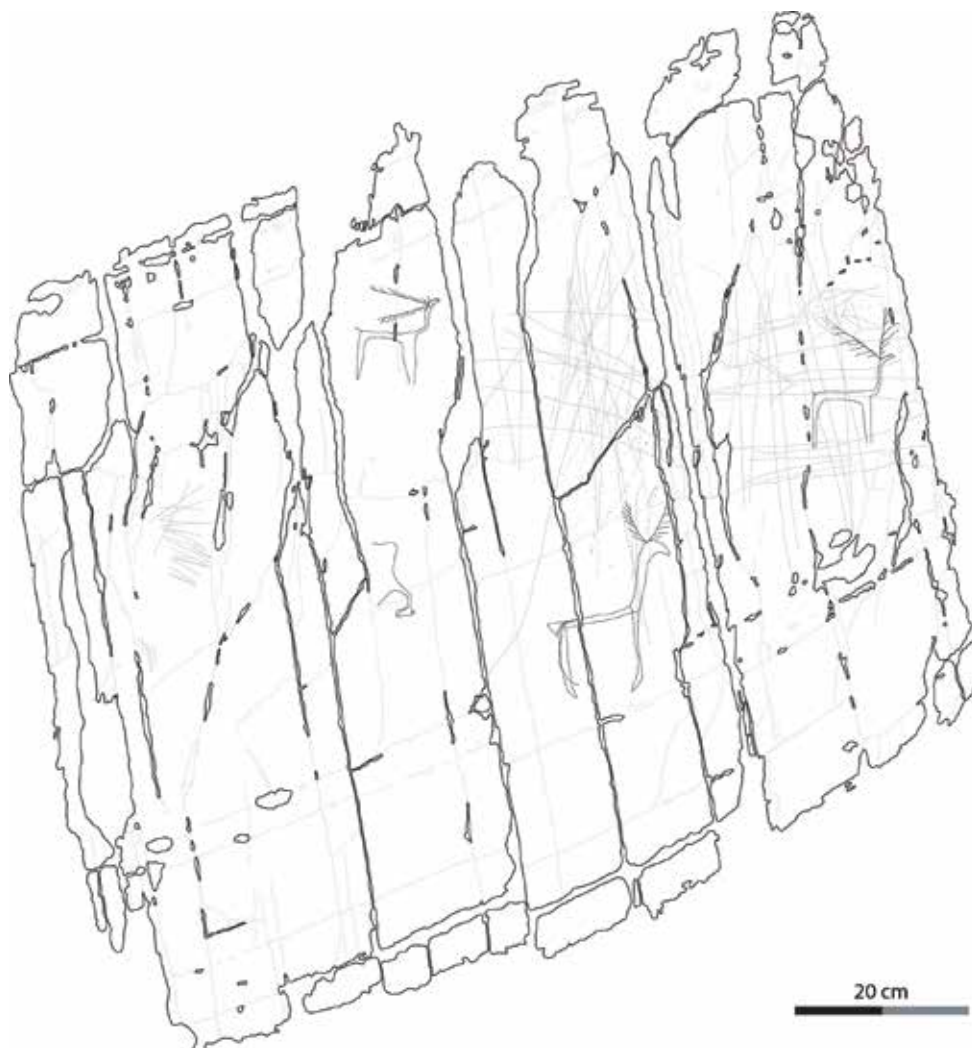


Fig. 33: Rocha 7 dos Moinhos de Cima.

A *rocha 7* apresenta três representações de cervídeos voltados direita, com grande semelhança formal (Fig. 33). Na extremidade direita do painel, surge o primeiro, com duas hastes ramiformes em V, corpo desenhado por contorno em perfil absoluto, com patas abertas, pescoço comprido, cabeça ligeiramente erguida e cauda linear, também erguida. Situa-se no interior de um conjunto de linhas reticuladas retas. O segundo, em cima à direita, é em tudo semelhante, com a exceção de apresentar a cabeça mais levantada, como que em brama, e, a acrescentar às hastes, apresenta duas linhas em V na cabeça, interpretáveis como orelhas ou estoques. Entre os dois veados, surge um segundo reticulado. Abaixo dele, ao centro, localiza-se o terceiro veado, de maior tamanho, mas feitura menos conseguida. Os membros e o dorso foram desenhados com linhas distintas fechadas, que se cruzam, assim como a cauda. As hastes são semelhantes, mas de menor tamanho. Para a sua esquerda, abaixo do veado bramante, surge um quarto zoomorfo, possivelmente cavalo, voltado também para a direita, mas de cabeça para baixo. Os bordos interiores das patas e o ventre estão ausentes. Na zona esquerda deste painel, que não foi objeto de decalque, surge um pequeno pássaro, com crista em forma de coroa, de cronologia moderna.

#### 2.2.10. OLIVAL DOS TELHÕES (ALMENDRA, V.N. DE FOZ CÔA)

O sítio do Olival dos Telhões (CNS 10879) foi objeto de escavações entre finais da década de 1990 e os primeiros anos do novo milénio, que incidiram sobre a zona *rustica* de uma *villa* romana. Localiza-se a mais de 10 km da foz do Côa, para montante, a cerca de 1,5 km da margem esquerda do Douro, no sopé do Monte do Castelo, tradicionalmente identificado com a antiga *Caliabriga* (CNS 1649), cujo topónimo denuncia uma origem pré-romana (LUÍS, 2008). Durante estes trabalhos, foi identificada uma placa de xisto gravada (Fig. 34), no interior de um muro, em contexto já datado da Alta Idade Média (COSME, 2008).

Apresenta quatro zoomorfos voltados para a direita, todos realizados por contorno, mais ou menos sinuoso, em perfil absoluto, com apenas uma orelha e extremidades das patas abertas. Num plano de cima, situa-se a figura mais pequena, que apresenta cauda linear comprida. Abaixo, sobrepõem-se as restantes, de tamanho maior, muito semelhantes, com paralelos na arte parietal, como por exemplo, no setor

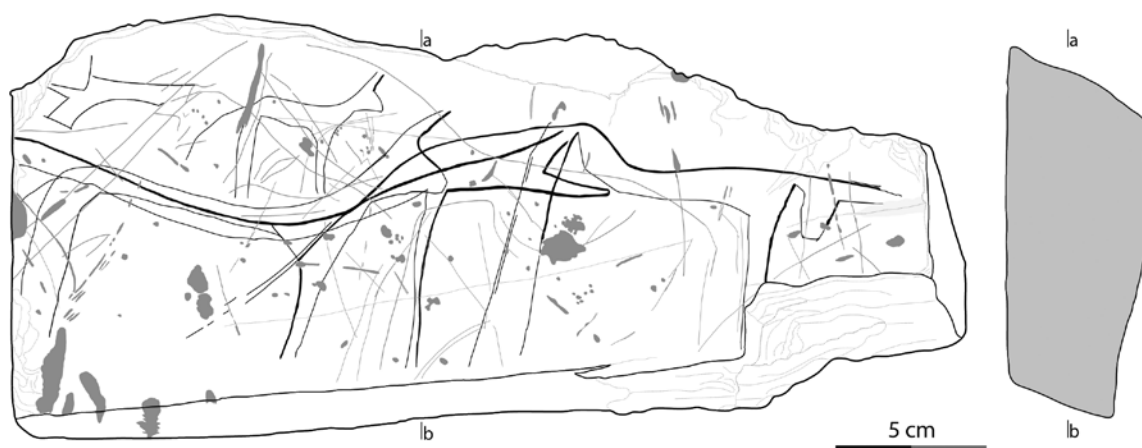


Fig. 34: Placa do Olival dos Telhões.

direito da Bulha 30 ou na Foz do Côa 145. A da esquerda é muito semelhante à de cima, assim como a da direita (embora com a cabeça baixa), enquanto a do meio é de feitura mais sumária, com um focinho que se confunde com a orelha, à semelhança do painel C da Azenha 3. Acresce ainda um conjunto de linhas, de que não se vislumbra sentido. As representações conformam-se à forma da superfície de xistosidade do bloco, com a exceção dos quartos traseiros do maior zoomorfo, que é interrompido por uma diáclase.

### 2.2.11. PAÇO (V.N. DE FOZ CÔA)

Já os dois blocos do Paço, foram identificados em 2006, de forma fortuita (REIS, 2013, 15), numa área conhecida pelos vestígios materiais de época romana à superfície (LEAL, 1886; CNS 11044), localizada no sopé da encosta norte do antigo castelo de Vila Nova de Foz Côa.

A *placa 1* apresenta um elaborado conjunto de figuras gravado na superfície da xistosidade (Fig. 35). Se a área esquerda e superior está totalmente preservada, verificam-se perdas nas representações da zona direita e inferior do bloco. A figura central é um cavaleiro voltado para a esquerda, erguendo uma lança com duas pontas (conto e lâmina), segurando na mão direita uma rédea em ziguezague. Note-se a representação de uma perna em perfil absoluto, algo que não é muito frequente nos cavaleiros do Côa. O cavalo de cauda comprida, desenhado em contorno sinuoso linear, apresenta um elegante pescoço, duas orelhas, quatro patas projetadas para diante e uma decoração interna meandriforme, com discriminação da coxa. Com decoração semelhante, surgem duas figuras, acima e atrás, bastante semelhantes entre si. Apresentam o mesmo tipo de decoração do cavalo, mas têm caudas curtas e apenas uma pata por par. A maior delas está retrospectiva, com o focinho tocando na figura menor, que surge sobre o seu dorso. Poder-se-á tratar de uma cena maternal entre cervídeos. Abaixo, logo atrás do cavalo principal, surge uma figura humana apeada, de pernas fletidas, segurando, com a mão esquerda, a extremidade distal de uma grande lança voltada para cima e, com a mão oposta uma linha que se projeta para baixo da área preservada. As restantes figuras encontram-se incompletas. Atrás do peão, surge um segundo cavaleiro, reduzido à zona

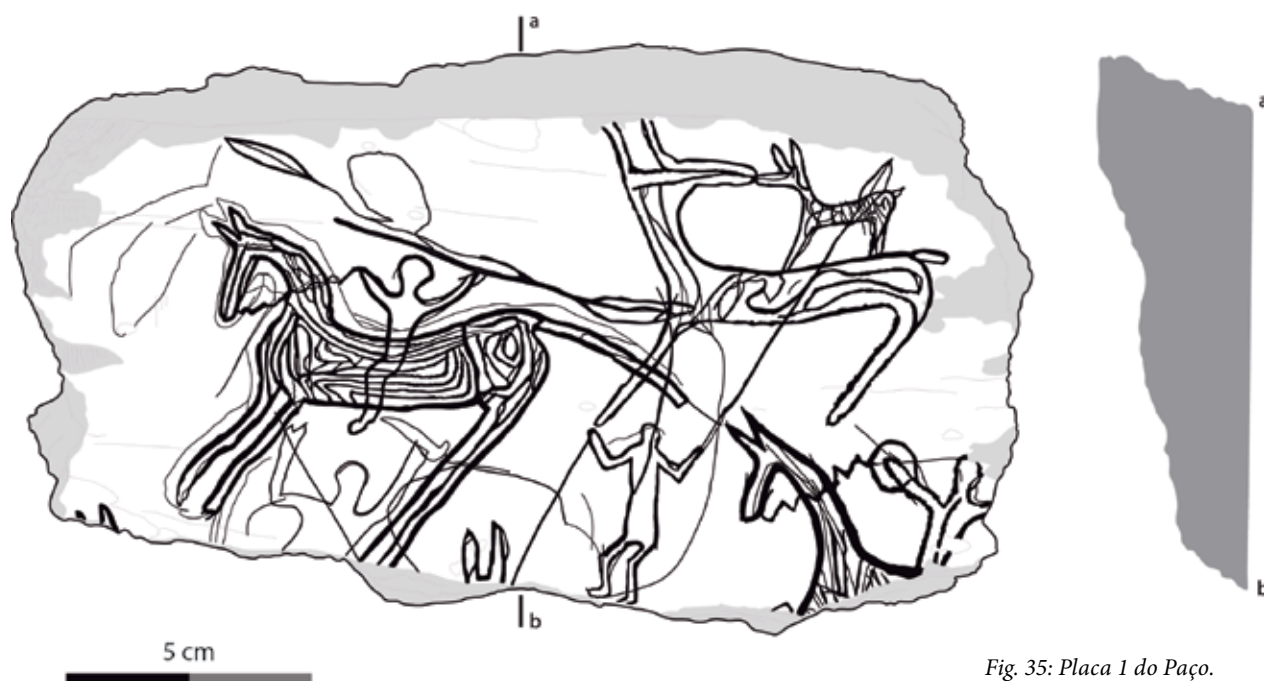


Fig. 35: Placa 1 do Paço.

anterior. Do cavalo, restam a cabeça, pescoço e zona dianteira do dorso, desenhado por contorno profundo e interior decorado de forma semelhante às figuras anteriores. O cavaleiro apresenta-se de braços abertos, segurando na mão direita um escudo circular e as rédeas em ziguezague, enquanto a mão esquerda se encontra perdida. Por baixo do outro cavaleiro surge o quarto antropomorfo, reduzido à parte superior do tronco, com braços erguidos, segurando na mão esquerda um punhal, ou falcata. Nenhum dos antropomorfos apresenta decoração interna. Na zona inferior da placa, identifica-se ainda dois pares de orelhas de duas figuras zoomórficas perdidas. A segunda placa apresenta apenas uma linha em ziguezague cortada por fratura, numa das suas extremidades.<sup>9</sup>

#### 2.2.12. PENASCOSA (CASTELO MELHOR, V.N. DE FOZ CÔA)

Com 40 painéis gravados, o núcleo de arte da Penascosa é um dos mais importantes da arte paleolítica do Côa. No entanto, apenas em dois, ou três, se identificaram motivos atribuíveis à Idade do Ferro. O sítio localiza-se em trono de uma praia fluvial, na margem direita do Côa, a mais de 8 quilómetros da foz. Foi identificado em 1995, a partir de informações de Adriano Ferreira (ZILHÃO, 2004, 169).

A *rocha 14* foi a primeira, e única, da Idade do Ferro a ver o seu decalque integralmente publicado no primeiro inventário da arte do Côa (BAPTISTA & GOMES, 1997, 406). Apresenta apenas uma figura de quadrúpede voltado para a direita, com cauda curta, representada por duas linhas curvas, em perfil absoluto, longo pescoço e três linhas que saem da zona da boca (Fig. 36). O seu dorso encontra-se decorado por um reticulado oblíquo (ver Foz do Côa 181 central) e nervura central

9 - [https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3197/3197.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3197/3197.pt.jpg)

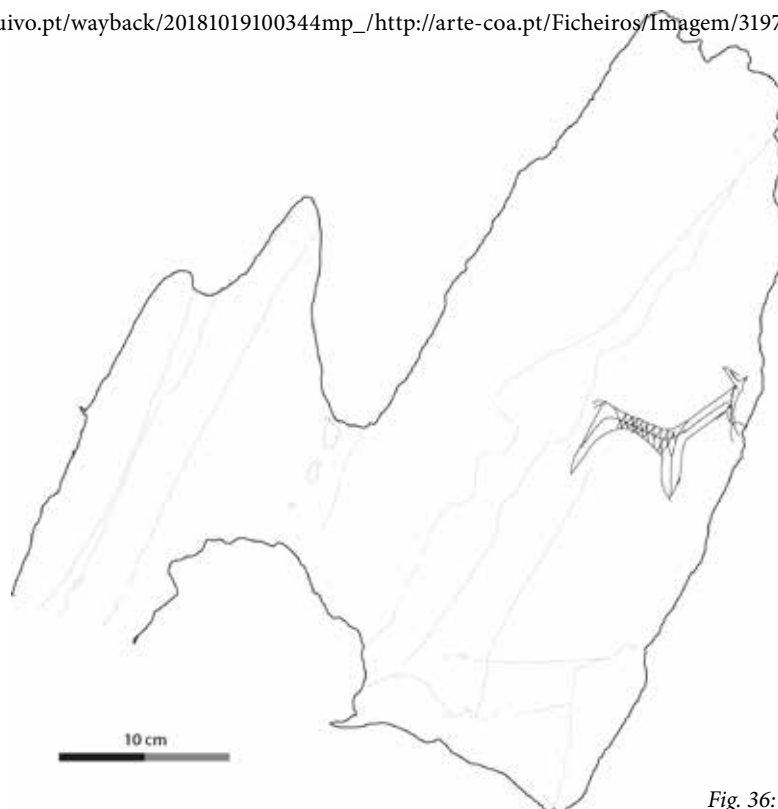


Fig. 36: Rocha 14 da Penascosa.

em toda a figura (patas, dorso e cabeça).

A *rocha 20* apresenta um punhal disposto obliquamente para baixo, com punho ondulado (bidiscoidal?), pomo definido por duas linhas preenchidas por uma fila de segmentos de reta paralelos e lâmina (ou bainha), marcada por duas nervuras convergentes (Fig. 37). Para a direita, surge um reticulado com ângulos oblíquos. Finalmente, refira-se ainda a *rocha 24*, que apresenta a originalidade de ser uma superfície horizontal, onde figuram duas representações aviformes (Fig. 38). Na de baixo

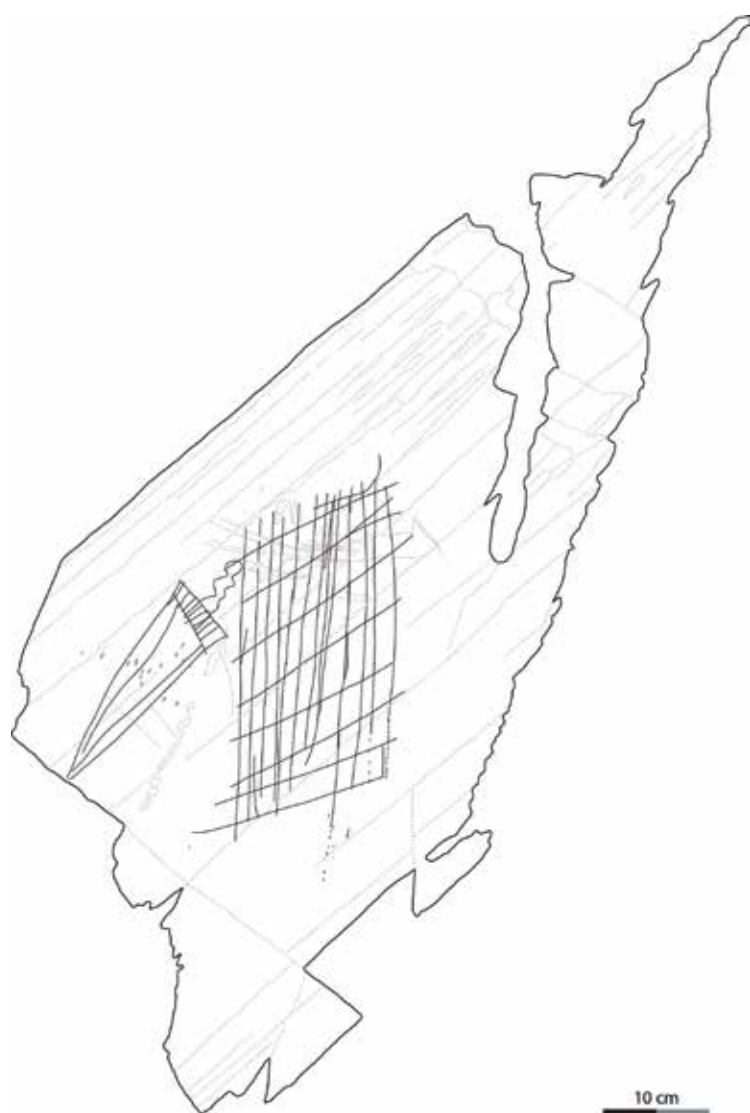


Fig. 37: Rocha 20 da Penascosa.

parcialmente levantado, figuram pelo menos quatro zoomorfos completos (Fig. 40). A representação de maior tamanho é um cavalo voltado para a esquerda, com longo corpo retilíneo e longas patas, representado em perfil absoluto. Apresenta um longo e curvo pescoço e duas orelhas asininas. A cauda é curta e em vassoura. A sua natureza equina é tornada evidente pela presença de uma linha de rédeas em ziguezague e o seu sexo por uma linha oblíqua que parte da zona inguinal. Não se identifica qualquer figura de

nota-se as penas caudais, duas patas filiformes, uma cabeça com bico eventualmente aberto. O corpo é preenchido com um reticulado oblíquo. A segunda apresenta grandes semelhanças, embora o corpo seja pisciforme, nomeadamente na zona caudal. Trata-se de duas representações de difícil inserção cronológico-estilística, embora a sua decoração interna e a temática não se afastem sobremaneira da cena das aves e peixe da Vermelha 3.

### 2.2.13. QUINTA DAS TULHAS (ORGAL, V.N. DE FOZ CÔA)

Núcleo identificado em 1994 (REIS, 2012a, 10), situado na margem oposta do núcleo da Foz do Côa, com os seus 17 painéis orientados para NW. Doze deles apresentam representações do Ferro.

A *rocha 1* encontra-se semissubmersa e apresenta uma pala que cobre a superfície gravada. Desse painel, conhece-se o decalque de um belo veado de corpo fino, retilíneo, com grandes hastes arboriformes, pequena cabeça e patas sem extremidades (Fig. 39).

No *painel direito* da *rocha 2*,



Fig. 38: Rocha 24 da Penascosa.

cavaleiro. À sua frente, surgem três outros quadrúpedes definidos por contornos retilíneos, orelhas e caudas lineares e extremidades das patas abertas. O único que se encontra com a mesma direção do cavalo tem as orelhas filiformes em V (ver painel central da Foz do Côa 67), enquanto os outros dois, em direção oposta, apresentam orelhas verticais igualmente filiformes, com grandes semelhanças estilísticas com as figuras do Olival dos Telhões. Entre as pernas do grande cavalo, surge um signo desenhado a contorno anguloso contínuo, com uma forma que sugere um perfil humano com grande nariz e nuca reta. Para a direita, surgem dois conjuntos que recordam duas figuras zoomorfas incompletas retilíneas. O mesmo sucede para cima e à direita do cavalo com rédeas, onde duas linhas poderão ser o que resta dos quartos traseiros de um quadrúpede que segue o mesmo modelo das restantes figuras presentes no painel. O conjunto de representações deste painel termina com duas grandes linhas

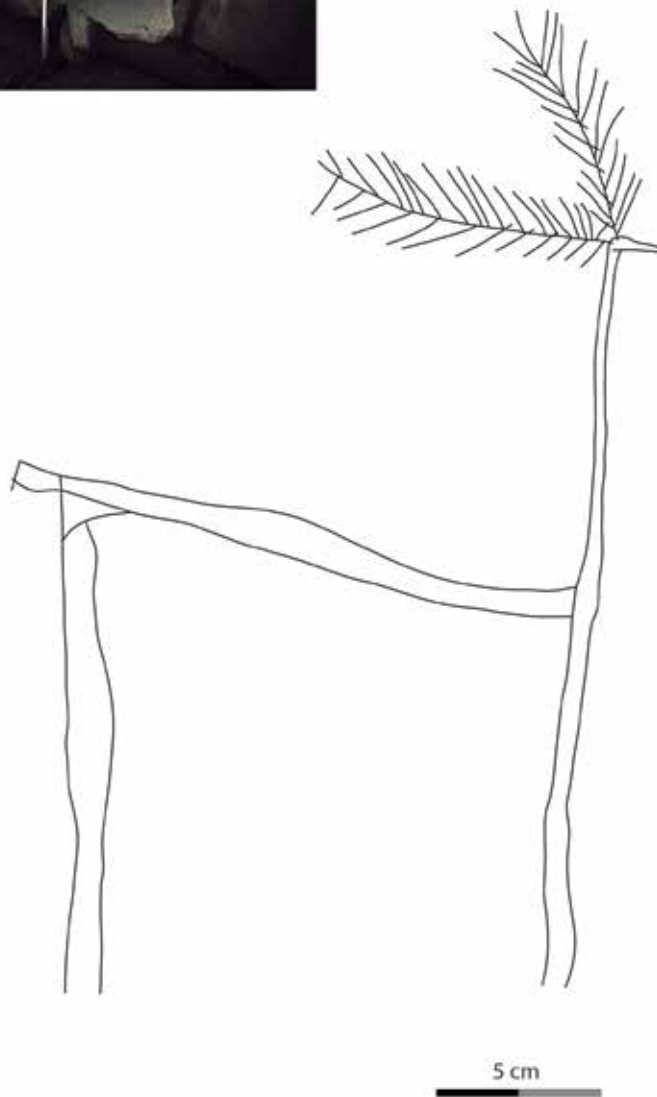


Fig. 39: Quinta das Tulhas 1 (foto de Mário Reis).

paralelas em ziguezague ondulado, dispostas na vertical.

O *painel central direito* apresenta, entre outras linhas, um complexo signo geométrico em forma de losango dividido em quatro áreas, preenchidas com linhas oblíquas paralelas, dispostas a cerca de 45 graus, formando rombos concêntricos. Na zona esquerda, essas linhas oblíquas fazem um ângulo, tornando-se verticais, preenchendo assim o espaço vazio da metade das duas quadrículas da direita, enquanto as da esquerda são deixadas em branco.

O *painel central esquerdo* apresenta, da esquerda para a direita, um conjunto de linhas raiadas, enquadradas por um quadrilátero. No meio de um conjunto de linhas de difícil interpretação, surge, a meio do painel, um cavalo voltado para a esquerda, com patas em perfil absoluto projetadas para diante, pescoço longo e curvo, duas orelhas em W invertido e dorso retilíneo. No meio de um emaranhado de linhas, figura um

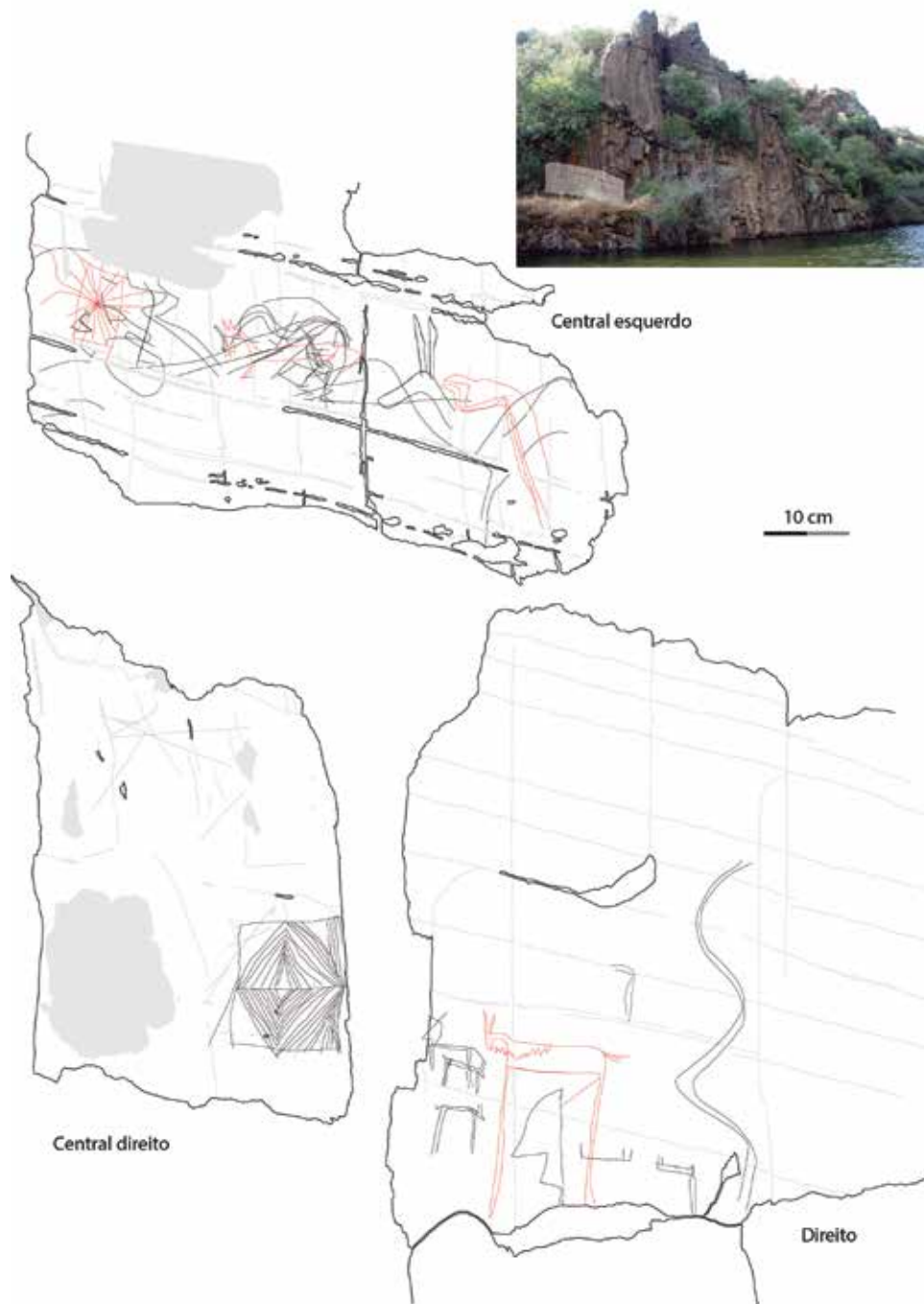


Fig. 40: Painéis central esquerdo e direito e painel direito da rocha 2 da Quinta das Tulhas (foto de Mário Reis).

conjunto de linhas curvas que poderá pertencer a outro quadrúpede com dorso sinuoso. Na zona direita do painel, está representada a cabeça, pescoço e orelhas de um mamífero voltado para a esquerda. Atrás dele, surge uma grande figura de difícil interpretação, que poderá corresponder a um longo pescoço, cabeça e bico de uma ave necrófaga.

A parte superior do setor esquerdo da *rocha 6* (Fig. 41) é preenchida por uma retícula subortogonal. Mais abaixo, surge um outro conjunto de linhas paralelas oblíquas. Da metade para baixo, o painel é preenchido por uma linha em ziguezague anguloso, disposta na vertical, conjuntamente com outros traços. O centro é preenchido por um grande conjunto de linhas, algumas das quais parecem constituir

assinaturas recentes. Salienta-se quatro reticulados, um deles conjugando uma orientação a 0 e 90°, com outra a 45°. Identifica-se ainda quatro ziguezagues verticais angulosos, e um outro, situado na parte superior do painel, largo e curvilíneo, limitado por linhas que formam uma forma sub-retangular. Refira-se ainda a presença de um signo curvilíneo que enquadra um rombo, com semelhanças com um signo do painel



Fig. 41: Rocha 6 da Quinta das Tulhas.

esquerdo do Vale de José Esteves 7. Para além de um variado conjunto de linhas, a nível figurativo regista-se a presença de um mamífero na zona superior esquerda do painel, em perfil absoluto, desenhado a contorno curvilíneo, com as extremidades de patas e cauda fechadas. A pequena cabeça com duas orelhas filiformes em V parece voltar-se para trás, num caso que poderá ter sido condicionado pela disponibilidade de espaço operativo. Acima, junto ao ziguezague curvilíneo, no interior de um retângulo, surge o que poderá ser interpretado como uma ponta de lança, com nervuras convergentes. Ao centro e em baixo, surgem duas notáveis figuras de veados, de feitura semelhante, mas distintas decorações. Os dorsos são compridos, os pescoços longos, as patas compostas

por várias linhas filiformes. As hastes são lineares, compridas, não ramiformes e de difícil perceção, pela sobreposição de traços nessa zona. Um deles encontra-se imediatamente por cima do dorso do outro, uma posição que, não fora o sexo representado no de cima, através de duas linhas e dois semicírculos concêntricos e as supostas longas hastes do de baixo, poderia ser interpretado como uma cena de cópula. O de cima apresenta uma decoração curvilínea, subparalela, enquanto o de baixo é decorado por traços reticulados. Logo ao lado direito, surge um antropomorfo em perspetiva frontal, desenhado por contorno completo curvilíneo, com pés voltados para a direita, cabeça oval, braço esquerdo na horizontal segurando o que parece ser uma lança e longo braço direito fletido sobre a cabeça. Junto a ele, surge um conjunto de outros traços que parecem conformar motivos cujo sentido não descortinamos.

No meio dos grandes reticulados, surge um zoomorfo em perfil absoluto com um longo e sinuoso pescoço. À sua altura, mas já no subpainel direito desta rocha, localiza-se uma figura humana definida por uma única linha aberta nas pernas que define o seu contorno. Apresenta uma grande cabeça subcircular e braços abertos. Na cintura apresenta quatro linhas paralelas, sugerindo um cinturão, no que se assemelha a alguns antropomorfos do Vale da Casa 10. Mais abaixo, uma cena envolvendo três figuras humanas todas em perspetiva frontal. A primeira, à esquerda, desenhada por contorno contínuo, ergue o braço direito, onde uma linha reta parece representar uma lança. O braço esquerdo está disposto na horizontal, na extremidade do qual surge um conjunto de linhas que poderão representar um escudo sumário de perfil. A cabeça subcircular parece ter como apêndice um longo nariz. Os pés estão voltados para a direita. Aí surge uma figura muito semelhante, aparentemente também com escudo e lança, mas que se apresenta em posição invertida. Por cima destas duas, numa posição central, está a terceira figura, mais esquemática, com ambos os braços erguidos sob uma grande linha reta, que poderá representar uma lança.

#### 2.2.14. RIBEIRA DAS FORNAS (URROS, TORRE DE MONCORVO)

Localizada na margem direita do Douro, a mais de 6 km, a montante da foz do Côa, alto na vertente, sobre uma crista xistosa, a única rocha desta área foi identificada em 2008 (REIS, 2013, 48), a *rocha 1* (Fig. 42).

A zona esquerda deste largo painel encontra-se coberta por uma sobreposição de, pelo menos, 14 quadrúpedes, todos voltados para a direita. Apresentam características estilísticas variadas, desde perfis absolutos com extremidades abertas e fechadas, figuras com as quatro patas a contorno curvilíneo contínuo, até figuras lineares retilíneas. As poucas orelhas representadas são filiformes em V, e as caudas estão na sua maioria ausentes. Algumas das figuras surgem incompletas ou com contornos pouco conseguidos. Um pouco acima do dorso maior quadrúpede, com c. de 60 cm de comprimento, surge uma figura que poderia ser interpretada como antropomórfica, com as pernas fletidas sobre o tronco. Na zona superior surge um motivo cruciforme que se assemelha a um antropomorfo de braços abertos, de pernas para o ar, desenhado por contorno curvilíneo contínuo, ao lado de um zigzag vertical. Esta zona apresenta um conjunto complexo de traços, nomeadamente outros dois zigzagues verticais, que parecem conformar signos, um deles semelhante a um tectiforme, desenhado a traço duplo na extremidade esquerda. O centro do painel apresenta apenas uma representação que pode fazer recordar uma falcata

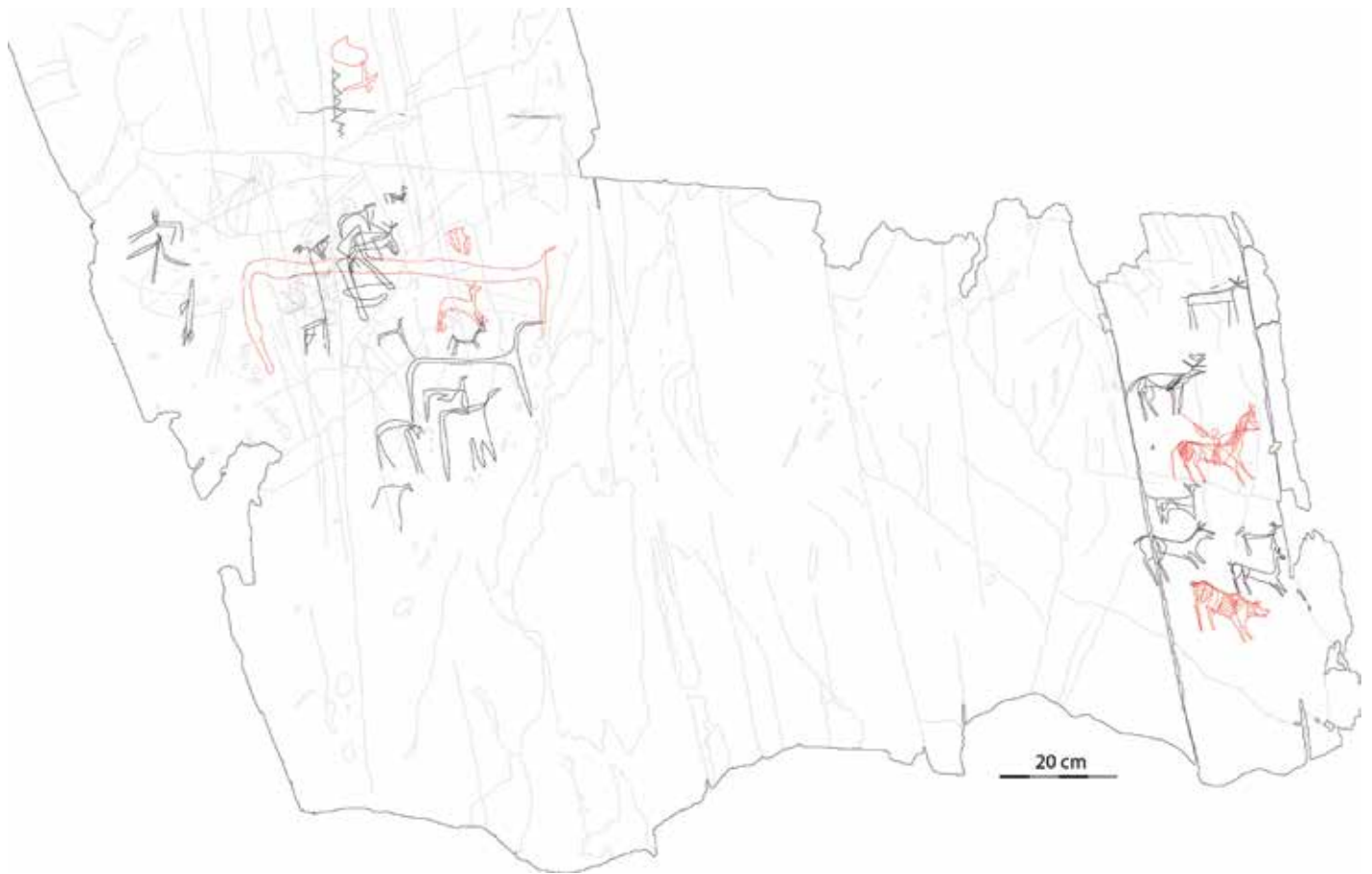


Fig. 42: Rocha 1 da Ribeira das Furnas.

disposta para baixo. O subpainel da direita apresenta uma cuidada cena de caça ao veado a cavalo. Na parte superior, surgem figurados dois quadrúpedes de compridas bocas abertas, mas com estilos distintos. O de cima é mais esquemático, com corpo retangular e quatro patas lineares, enquanto o de baixo é realizado a contorno e cauda mais longa. Mais abaixo surge um cavaleiro com lança na mão direita e rédeas lineares retas na esquerda. Apresenta pernas e cabeça com nariz em bico de pássaro. O cavalo é de cuidada elaboração, com crina marcada por linhas onduladas paralelas ao longo do pescoço, motivo em forma de espinha na coxa e cauda linear comprida. As quatro patas desenhadas a contorno surgem projetadas para diante e a coxa discriminada e em semi-ferradura. Esta forma de representação é muito semelhante aos três quadrúpedes que surgem no plano inferior do painel. Distingue-os as caudas curtas dos dois primeiros, com boca aberta, orelhas compridas e o pescoço também curtos. A figura inferior apresenta o pescoço ainda mais curto e uma decoração na coxa semelhante ao cavalo, através de um conjunto de linhas paralelas oblíquas e outro em V concêntricos, no dorso, e paralelas na zona do pescoço. O sexo é figurado, o que, juntamente com as características já referidas, nos parece definir um canídeo saroto. As restantes figuras descritas representarão dois cervídeos, assim como as outras duas, de desenho mais simples, situadas entre estas e o cavaleiro. A superior é realizada por contorno contínuo, com duas patas traseiras e uma linha central que liga os quartos traseiros ao peito, enquanto a segunda é muito semelhante à figura situada no cimo do painel, com a exceção de não ter a boca aberta.

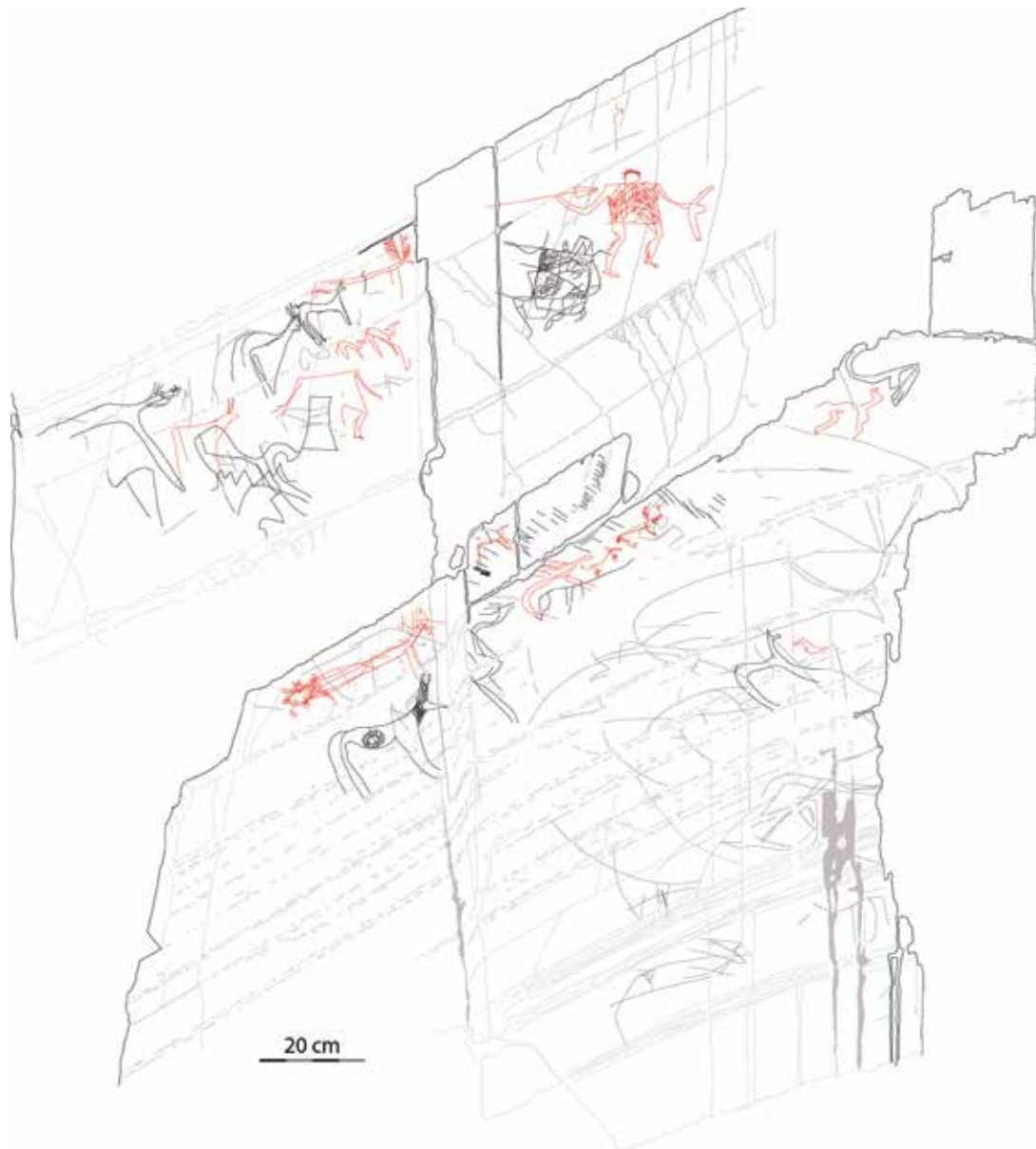


Fig. 43: Rocha 1 da Ribeira de Urros.

### 2.2.15. RIBEIRA DE URROS (URROS, TORRE DE MONCORVO)

Núcleo localizado na margem direita do Douro, cerca de 1 km a montante da foz do Côa, junto à foz da ribeira epónima. Identificado em 1995 (REIS, 2013, 43), conta com 13 painéis, 9 deles contendo gravuras da Idade do Ferro.

O setor superior da *rocha 1* apresenta um conjunto de nove quadrúpedes, todos voltados para a direita (Fig. 43). A maioria das figuras apresenta-se incompleta, com alguns exemplares de elaboração sumária e incompletos. Refira-se a presença de uma minúscula figura zoomorfa, uma figura com longas orelhas asininas, de um veado retilíneo esquemático, com hastes ramiformes, e duas figuras muito semelhantes, que se seguem, como que debruçadas para diante e cabeça retrospectiva. Abaixo, surge uma estranha figura que, em comparação com as representações que a seguir descrevermos se afigura ser um antropomorfo incompleto acéfalo. Preenchem ainda esta área do painel, um reticulado anguloso disposto na horizontal e um símbolo campaniforme, entre outros. A zona direita deste setor ostenta duas figuras antropomórficas de estilo

semelhante. A mais conseguida tem o corpo quadrangular, preenchido por um padrão reticulado oblíquo (couraça), pernas realizadas por contorno curvilíneo voltadas para a direita, com gémeos bem marcados, braço esquerdo para diante, segurando um escudo côncavo em perfil, com umbo, e direito uma lança. A cabeça, com nariz proeminente, é encimada por um signo com padrão semelhante à couraça. Atrás e em baixo, surge uma figura do mesmo tipo, como que desconstruída, identificando-se o quadrado da couraça e os membros inferiores. O setor central desta rocha apresenta um conjunto de zoomorfos, quase todos voltados para a direita. Destaca-se um quadrúpede de cauda linear, em perfil absoluto com extremidades de patas abertas, pescoço curto e duas orelhas. Apresenta uma decoração reticulada oblíqua na zona do pescoço, deixando livre apenas o focinho afilado. Na zona do ventre surgem dois círculos concêntricos, ligados por linhas radiais. Acima, figura uma representação zoomórfica (?) estranha, com dorso retangular e um signo romboide nos quartos traseiros (?). À sua frente, surge um friso de 4 cervídeos muito esquemáticos, lineares, dois deles com hastes ramificadas. Os dois primeiros parecem reduzidos ao pescoço e cabeça, havendo outra figura semelhante abaixo. O quadrúpede entre os dois veados tem pescoço curto, cauda longa e garras nas patas, podendo corresponder a um canídeo. Acima do friso, foi inscrita uma figura muito semelhante, com duas orelhas e cabeça retrospectiva. Na zona superior direita, surge uma pequena figura, que poderá representar um cavalo desprovido de patas, ou, pela sua forma, um anatóide, à frente do qual surge um conjunto de linhas onduladas. Mais adiante, surge um signo desenhado a contorno, cujo sentido não descortinamos. Mais abaixo, surge um quadrúpede em perfil absoluto, com longas patas abertas projetadas para diante. À sua frente, voltado para a esquerda, surge o contorno de uma segunda figura aviforme. O painel apresenta ainda um conjunto vasto de linhas a merecer análise mais cuidada.

#### 2.2.16. TUDÃO (V.N. DE FOZ CÔA)

Este núcleo localiza-se quase no topo do planalto da Chã de Foz Côa, a montante do Vale de Cabrões. O decalque da complexa *rocha 1 do Tudão*, prolongou-se ao longo de 5 anos e meio, num total de 122 dias de trabalho<sup>10</sup>, mas ainda não foi vetorizado na sua totalidade (Fig. 44). Para além dos motivos paleolíticos densamente gravados, esta rocha apresenta interessantes motivos da Idade do Ferro, sobretudo na zona inferior (tal como o Vale de José Esteves 16), nomeadamente figuras antropomórficas, cavalos e cervídeos. Refira-se um friso de veados esquemáticos, representados em diferentes estádios do desenvolvimento das suas hastes, bem como a cena de um cavaleiro deitado sob um cavalo.

#### 2.2.17. VALE DA CASA (V.N. DE FOZ CÔA)

Identificado em 1982, este núcleo encontra-se totalmente submerso, com a exceção de um conjunto de painéis entretanto identificados em superfícies verticais na área circundante (REIS, 2013, 11-12). Localizava-se num terraço fluvial na margem esquerda do Douro, a cerca de 3 km a jusante da foz do Côa, sobre painéis horizontais, o que constitui uma originalidade na região. Os decalques dos painéis 7, 10, 15 e 23 foram já publicados (BAPTISTA, 1983, 1984, 1999). Registe-se que todos estes painéis foram decalcados, com recurso ao método bicromático.

---

10 - Informação de Fernando Barbosa.



Fig. 44: Levantamentos parciais da rocha 1 do Tudão.

A rocha 5 (Fig. 45) divide-se em três painéis. No primeiro surge um motivo sub-retangular, dividido em 11 bandas verticais, preenchidas por linhas paralelas oblíquas. Para o lado esquerdo, figura o que parecem ser assinaturas. O painel do meio apresenta vários conjuntos de linhas subparalelas e, à esquerda, um conjunto de signos esteliformes, onde sobressaem pentagramas. No terceiro, surgem três figuras indubitavelmente atribuíveis à Idade do Ferro, interpretadas como cavalos, no interior de traços vários. O de mais belo efeito, tem as quatro patas finas projetadas para diante, desenhadas a contorno, coxa marcada, cauda comprida, longo pescoço sinuoso, cabeça triangular e longas orelhas.



Fig. 45: Rocha 5 do Vale da Casa



Fig. 46: Rocha 6 do Vale da Casa.

A *rocha 6* (Fig. 46) encontra-se dividida diagonalmente por uma diáclase. Num dos lados desta linha, surgem representadas três falcatas, duas delas gravadas profundamente por incisão reiterada (abrasão), com múltiplos contornos concêntricos. Acima, surge um conjunto de linhas que parecem configurar escrita. Do outro lado, está representada uma cena com dois cavaleiros incompletos. Ao de trás faltam os quartos traseiros do cavalo e o cavaleiro apresenta um dos braços levantados. O da frente encontra-se reduzido às pernas, realizadas a contorno. O cavalo apresenta quatro patas, longo pescoço, com linhas verticais sugerindo crina (ver Ribeira das Furnas) e orelhas filiformes em V. No interior da cauda em ângulo reto para baixo, com duas linhas internas, parece estar representado um podomorfo linear. À frente deste cavaleiro, surgem dois quadrúpedes com dorsos muito arqueados, um deles com decoração linear subparalela interna. Logo abaixo, surge outro equídeo incompleto com orelhas em V

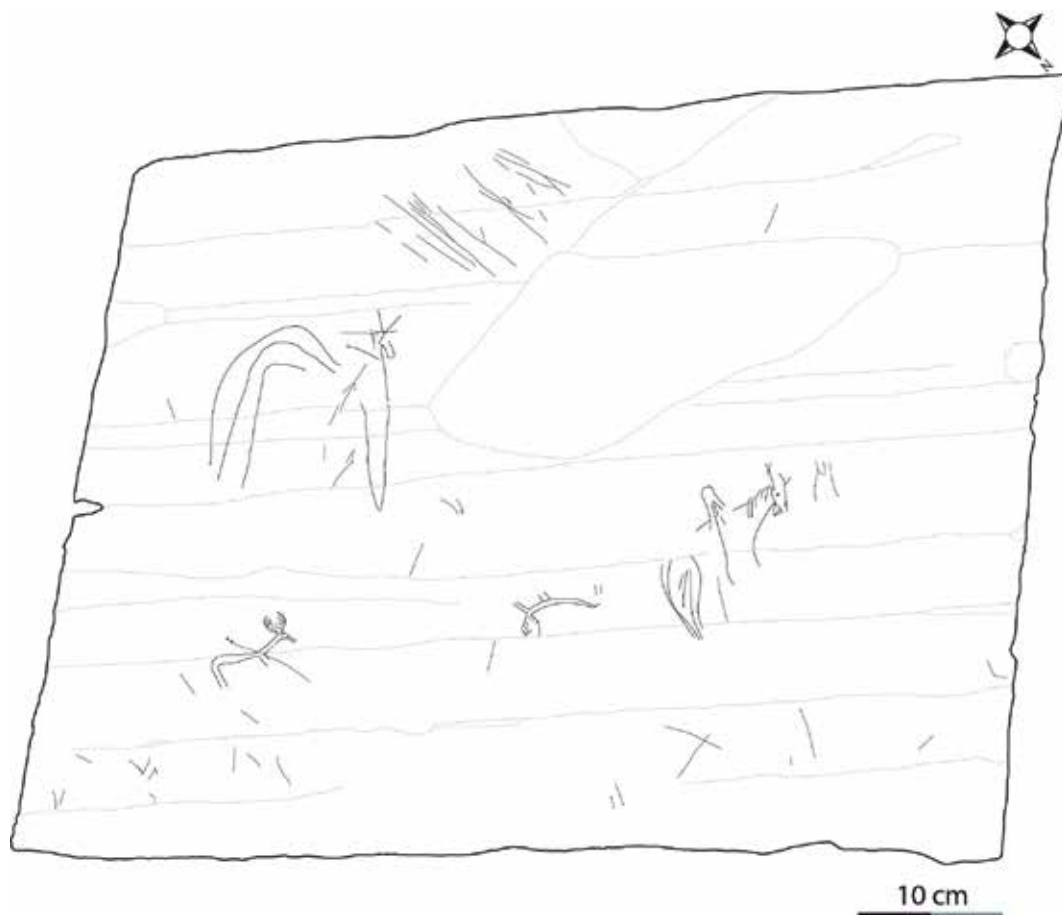


Fig. 47: Rocha 7 do Vale da Casa.

e dorso sinuoso. Mais abaixo, dois outros quadrúpedes incompletos. O de cima com cabeça baixa e o outro com orelhas em W invertido e reduzido ao pescoço e cabeça. Cinco destas figuras apresentam olho. Abaixo do primeiro cavaleiro descrito surge um signo triangular muito semelhante a outro presente no Vale de José Esteves 16.

A *rocha 7* foi já publicada (BAPTISTA, 1983, fig. 4) e apresenta dois grandes quadrúpedes algo esquemáticos, um deles apresentando o que parece ser uma crina caída sobre o pescoço (Fig. 47). Surgem ainda representados dois veados esquemáticos com corpo em perfil absoluto e duas hastes ramiformes, com orientações inversas. Um deles apresenta duas linhas que lhe saem da boca. A *rocha 10* é um dos conjuntos mais complexos da arte sidérica desta região (BAPTISTA, 1999, 175) (Fig. 48), pelo que nos limitamos a enumerar números mínimos de representações. Ao nível das armas, foram representadas quatro falcatas e uma espada, sem associação direta a nenhuma figura humana, e 14 lanças, dispostas em distintas direções, num dos casos associando-se três, dispostas subparalelamente. Identifica-se pelo menos 13 figuras humanas, a uma escala inferior à das armas, todas seguindo o mesmo modelo: perspectiva frontal, com a exceção dos pés, ora voltados para o mesmo lado ora abertos, longas pernas com pantorrilhas desenvolvidas, tronco curto, braços abertos para o lado, com antebraços ligeiramente fletidos para cima, dedos em ziguezague, pequena cabeça circular. Em dois casos, as cabeças ostentam representações, já interpretadas como “turbantes” (BAPTISTA, 1983), que poderão também fazer referência a capacetes de crista em perspectiva frontal (LUÍS, 2009). Duas das figuras apresentam duas linhas paralelas na zona da cintura (ver Quinta das Tulhas 6). Estas mesmas representações apresentam ainda dois conjuntos de linhas paralelas nos joelhos e tornozelos das pernas, o que

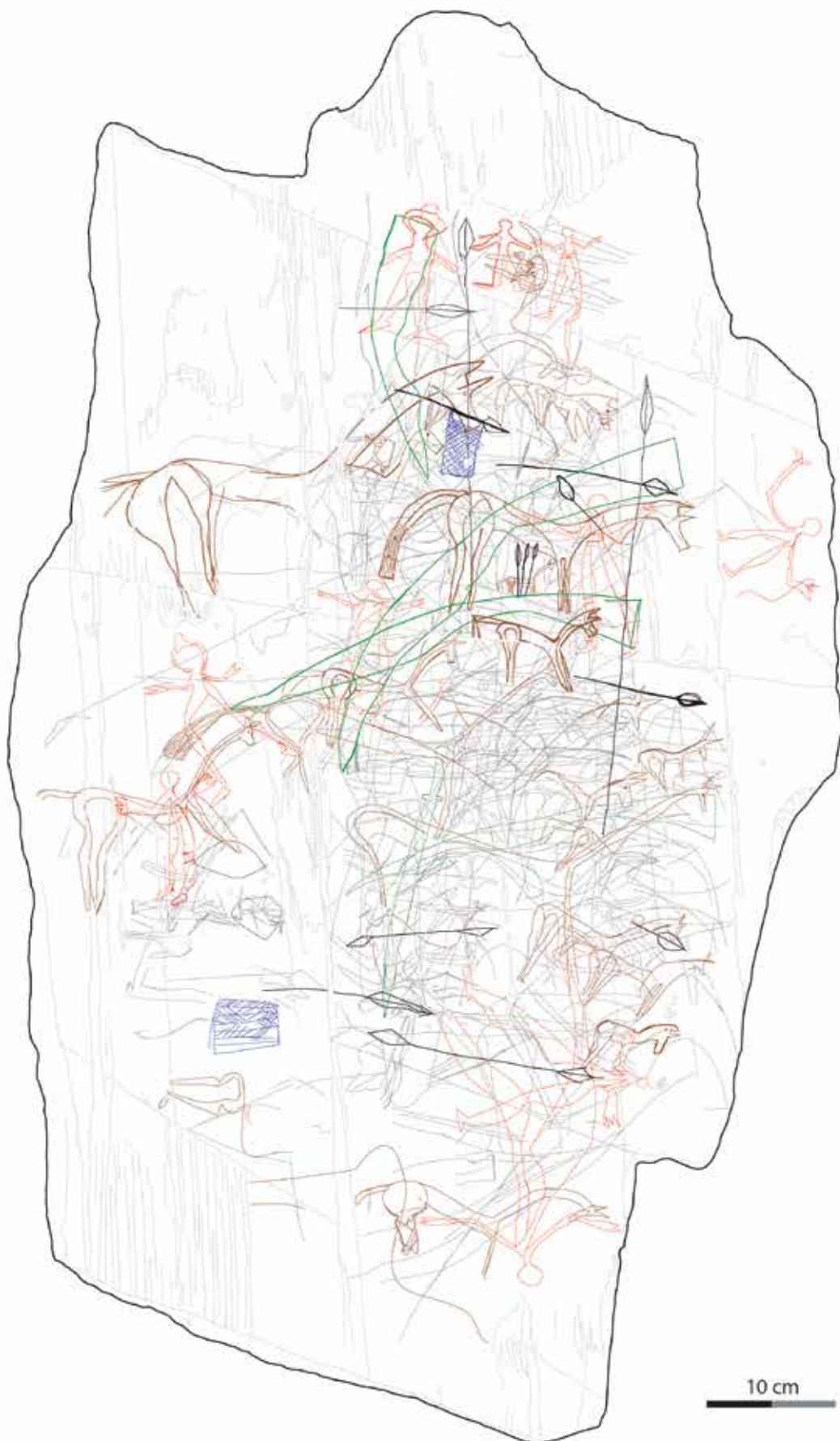


Fig. 48: Rocha 10 do Vale da Casa.

acontece também numa terceira, sem cinturão, onde as linhas paralelas dos joelhos são ligadas por uma linha oblíqua. Identifica-se pelo menos 25 zoomorfos, 20 dos quais numa mesma direção, e os outros 5 perpendiculares a eles. Todos foram representados seguindo o mesmo modelo gráfico, com quartos traseiros em forma de ferradura (BAPTISTA, 1983), duas patas dianteiras, geralmente projetadas para diante, longos pescoços, duas orelhas angulosas, algumas bem longas, e caudas compridas. Apenas a mais pequena destas figuras apresenta hastes, sendo as restantes compatíveis com cavalos. Nenhuma ostenta cavaleiro. Apesar disso, uma delas apresenta um conjunto de linhas no focinho e outra nas patas traseiras, parecendo sugerir situações de doma (LUÍS, 2009, 232). Para além de inúmeros traços que certamente farão parte de figuras não identificadas, verifica-se a existência de dois signos subretangulares preenchidos - num dos casos com retícula oblíqua e noutro com bandas paralelas de linhas oblíquas com direção alternada -, conjuntos de linhas paralelas, círculos e campaniformes. Com exceção dos zoomorfos, a disposição das figuras é variada, não havendo posição dominante, o que se relacionará com o facto de se tratar de uma superfície horizontal (ver Vale do Forno 6).

A *rocha 13* é de difícil atribuição cronológica, apresentando pentagramas, linhas paralelas e um signo retangular preenchido por linhas oblíquas subparalelas, assim como séries de ziguezagues (Fig. 49).

A *rocha 15*, já anteriormente publicada (BAPTISTA, 1983, fig. 11) apresenta um cavalo com grande cabeça e pescoço curvilíneo, sobre um signo retangular com



Fig. 49: Rocha 13 do Vale da Casa.

preenchimento de linhas oblíquas paralelas, a que se juntam outros conjuntos de linhas paralelas (Fig. 50).

A *rocha 20* apresenta quatro zoomorfos com a mesma orientação, dois deles incompletos, um reduzido ao longo pescoço e outro à cabeça e dorso (Fig. 51). Os



Fig. 50: Rocha 15 do Vale da Casa.

dois outros estão completos e são de cuidada realização, desenhados com contorno, duas patas por par, projetadas para diante, coxa demarcada, cauda linear, pescoço longo e orelhas em W invertido. Sobrepondo-se a um desses cavalos, surge um grande signo reticulado, conjugando duas séries de retículas rodadas a 45° e dois círculos concêntricos, raiados por duas linhas diametrais em ângulo reto. Acrescem linhas soltas e um conjunto que lembra escrita cursiva.

A *rocha 23* (Baptista 1984, est. IV), apresenta uma cena de caça ao veado a cavalo, com auxílio de cães (Fig. 52). O cavaleiro com lança, pernas com gêmeos desenvolvidos, segurando rédeas filiformes, eventualmente com capacete, persegue um conjunto de 3 cervídeos, um deles macho com hastes ramiformes em forma de crescente. É acompanhado por um cão com uma espécie de arreio e três outros canídeos enfrentam ou perseguem os cervídeos. Os cães são identificados pelas caudas levantadas, três deles com garras filiformes nas patas. Um deles apresenta decoração estriada no dorso. Ao lado desta figura surge uma representação de alfabeto iónico (GOMES, 2013). Acima desta cena, surgem dois podomorfos e cúpulas picotadas que antecederão a cena e a inscrição.

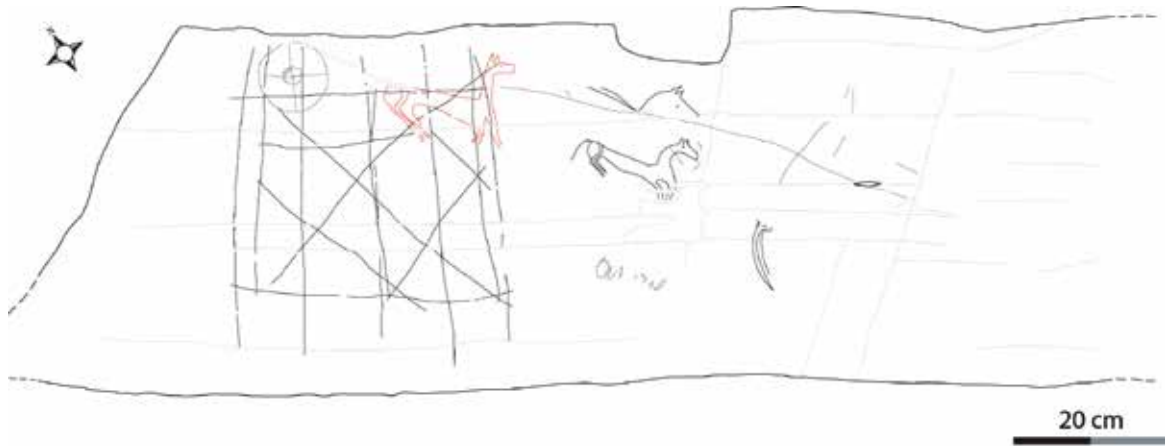


Fig. 51: Rocha 20 do Vale da Casa.



Fig. 52: Rocha 23 do Vale da Casa.

### 2.2.18. VALE DE CABRÕES (V.N. DE FOZ CÔA)

Este, que é o segundo maior núcleo de arte da Idade do Ferro, foi identificado por José Constâncio em 1995. Localiza-se num vale que desce desde Vila Nova de Foz Côa até à margem esquerda do Douro, a cerca de 1,7 km a jusante da foz do Côa. Os 101 painéis, 56 dos quais com motivos atribuídos ao Ferro, concentram-se sobretudo no curso médio do vale, onde a sua orientação é paralela à direção dominante das diáclases da região.

Da *rocha 2* conhecemos apenas o decalque da figura de um cavaleiro incompleto (Fig. 53), com um braço levantado e o que parece ser uma perna sobre o pescoço curvilíneo do cavalo, desenhado a contorno anguloso, duas orelhas lineares abertas, patas com extremidades em V projetadas para diante, definição do contorno da coxa e cauda filiforme. Da boca do animal projeta-se uma linha reta.

A *rocha 3* é um vasto painel, com gravações sidéricas e históricas (algumas bem recentes) e dois tipos de superfície com orientações distintas, uma vertical e outra horizontal (Fig. 54). Dela conhece-se a cena de coito posterior entre duas figuras antropomórficas ornitocéfálicas desenhadas a contorno sinuoso (BAPTISTA, 1999, 173). Se o falo da figura posterior não deixa lugar a dúvidas quanto ao seu sexo, a anterior poderá não se tratar de uma figura feminina, não apresentando qualquer carácter sexual identificativo. Mais abaixo, surge uma pequena figura de quadrúpede, que parece representada a três quartos, como que vindo em direção ao observador, desde a esquerda. Está representada a contorno sinuoso, com patas dianteiras projetadas. Talvez

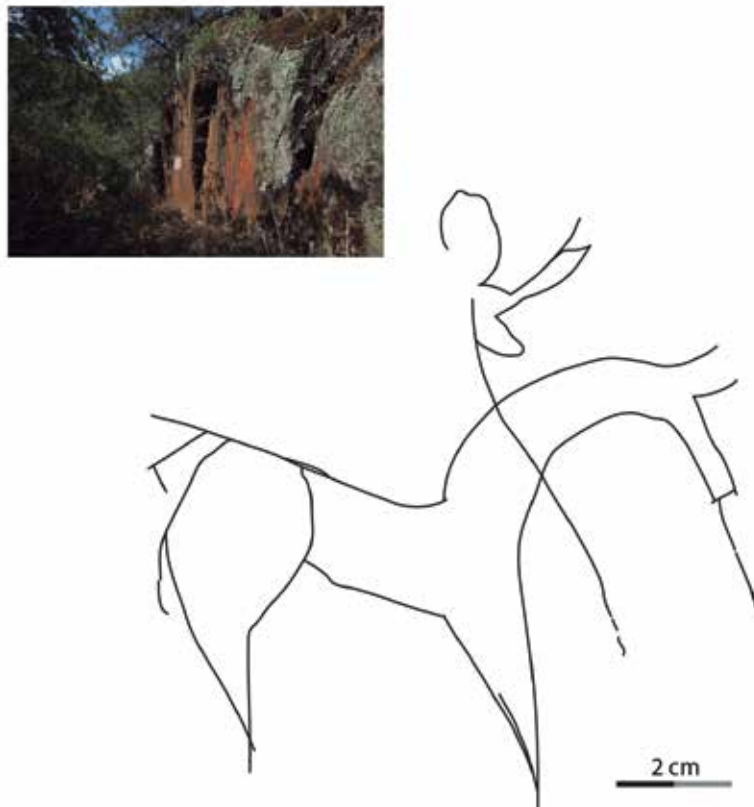


Fig. 53: Detalhe da rocha 2 de Vale de Cabrões (foto de Mário Reis).

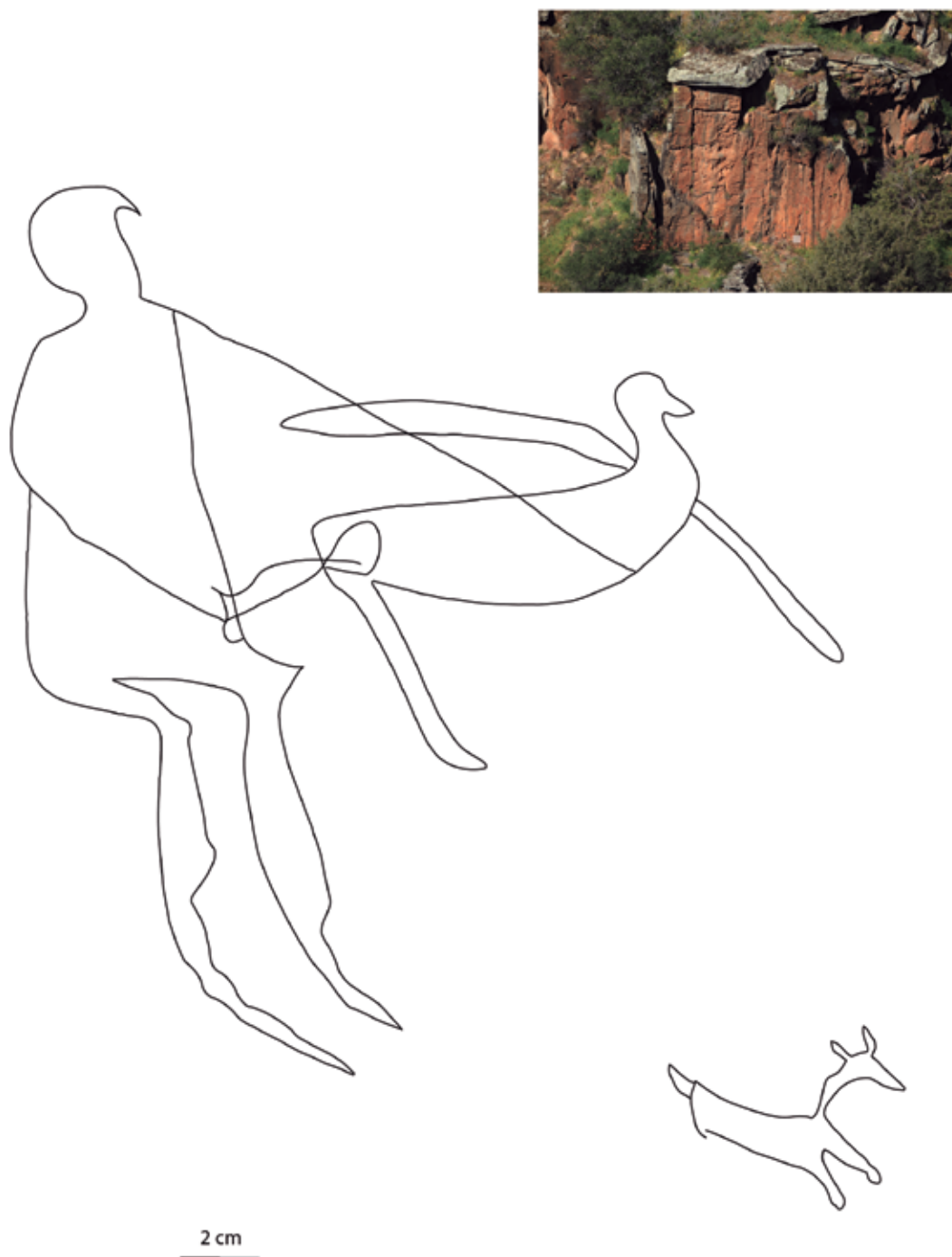
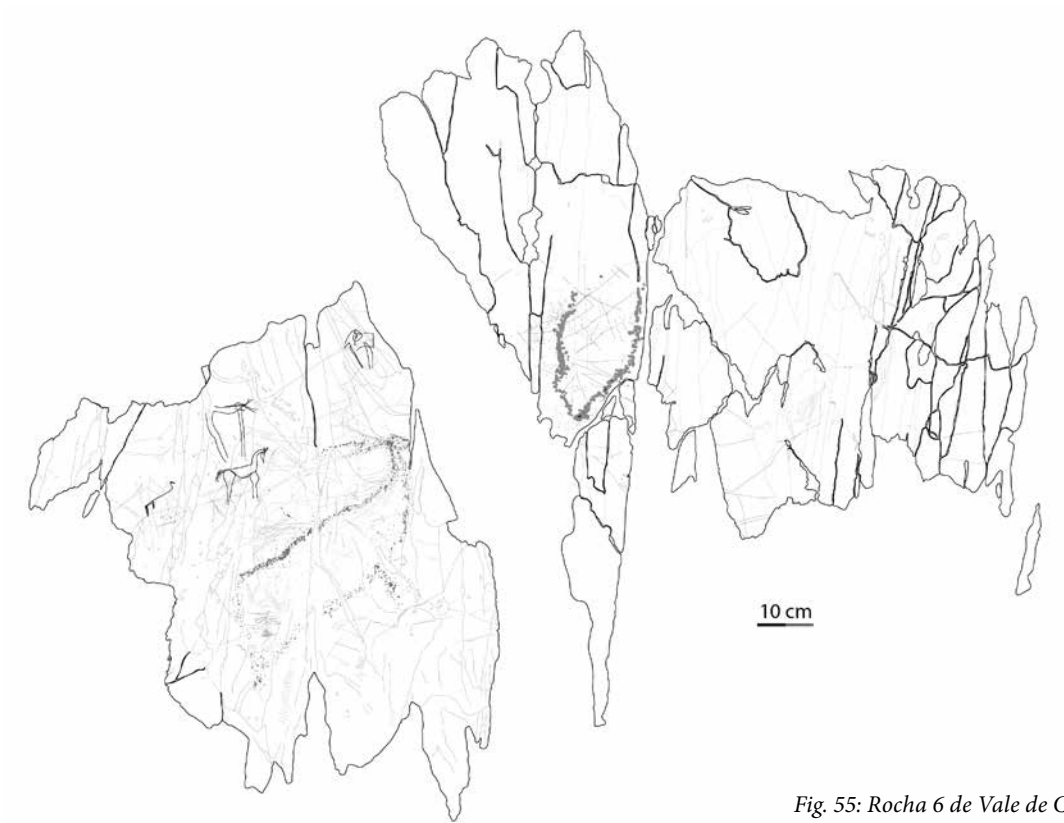


Fig. 54: Dois motivos da rocha 3 de Vale de Cabrões (foto de Mário Reis).

pela perspetiva em que surge representada, os quartos traseiros estão apenas sugeridos.

Para além das gravuras paleolíticas, a *rocha 6* (SANTOS, 2019, fig. 160) apresenta no seu topo esquerdo um conjunto de cerca de quatro gravuras da Idade do Ferro (Fig. 55). Destaca-se um cavalo de belo efeito (BAPTISTA, 1999, 171), em perfil absoluto, com coxas arredondadas e definidas, extremidades das patas abertas, longo pescoço curso e cabeça triangular. Atrás dele, também voltado para a direita



*Fig. 55: Rocha 6 de Vale de Cabrões.*



*Fig. 56: Rocha 9 de Vale de Cabrões.*

surge outro quadrúpede linear muito esquemático com pequena cabeça triangular. Acima do primeiro cavalo, surge uma figura algo semelhante, mas de realização menos conseguida, voltada para a esquerda, a que falta o pescoço e a cabeça. Mais acima, para a direita surge um conjunto de linhas de difícil interpretação, que se assemelha a um antropomorfo (?).

A *rocha 9* apresenta 8 figuras zoomórficas, todas voltadas para a direita de estilo semelhante, associadas a conjuntos de linhas retas, focinhos triangulares e duas orelhas em W invertido, mais ou menos angulosas (Fig. 56). As duas de cima são reduzidas à cabeça, uma delas sem orelhas. Segue-se uma mais completa com duas patas dianteiras em ferradura, e mais abaixo outra, também com duas patas dianteira e delimitação de coxa. Mais à frente, surge uma outra figura muito semelhante, apresentando apenas um membro dianteiro projetado para diante. Um pouco à frente e abaixo, seguem-se três figuras em fila, com patas abertas. A maior tem delimitação de coxa e cauda contornada levantada, enquanto as de menor tamanho são mais sumárias, todas com membros projetados para diante.

O setor esquerdo da *rocha 11* apresenta, à esquerda, dois punhais embainhados apontando para cima (Fig. 57). O da esquerda segue-se a um conjunto de linhas



Fig. 57: Setor esquerdo e direito da rocha 11 de Vale de Cabrões (foto de Mário Reis).

meândricas. Já o da direita tem um punho “tridiscoidal” e a bainha decorada com linhas meândricas. Ambos apresentam conteira (ver Foz do Côa 150). À direita, acima, surge uma figura zoomórfica fantástica, voltada para a direita, com longa cauda decorada com retícula oblíqua, que se estende ao flanco. As quatro patas são filiformes, assim como as orelhas em V. Na extremidade do focinho apresenta o que se assemelha a uma língua bífida e a extremidade da cauda uma fiada de triângulos em forma de placas dérmicas. Abaixo, voltado para a esquerda, com a cabeça retrospectiva, um zoomorfo com focinho arredondado, membros dianteiros em ferradura e cauda em ângulo reto. Acresce um conjunto de linhas curvas e angulosas, nomeadamente um ziguezague disposto na vertical.

Já o setor direito apresenta uma única figura antropomórfica em vista frontal, com pés e cabeça ornitocéflica voltados para a esquerda, desenhados a contorno sinuoso. Os longos antebraços encontram-se erguidos para cima, recordando a figura da Foz do Côa 42.



Fig. 58: Rocha 12 de Vale de Cabrões.

Na *rocha 12* está representado um conjunto de cinco figuras zoomórficas voltadas para a direita (Fig. 58). A de cima é angulosa, com cauda curta, orelhas em W invertido e focinho retilíneo, com uma pata por par, ambas abertas. Abaixo, surgem duas outras que se seguem, mais angulosas, uma delas com duas patas dianteiras a contorno e a outra com duas orelhas. Esta figura confunde-se com um outro contorno, que parece desenhar outro zoomorfo, com a extremidade direita bizarra, que poderá representar duas orelhas e um focinho longo e fino. Sobre o zoomorfo da direita, um outro conjunto de linhas parece configurar um zoomorfo com longas patas, duas posteriores e uma anterior, fletidas nas articulações.

Finalmente, a *rocha 35* apresenta um cavalo macho voltado para a direita (Fig. 59), desenhado a contorno, com quatro patas fechadas, uma das dianteiras projetada para a frente na horizontal, mandíbula equina e focinho comprido, duas orelhas e

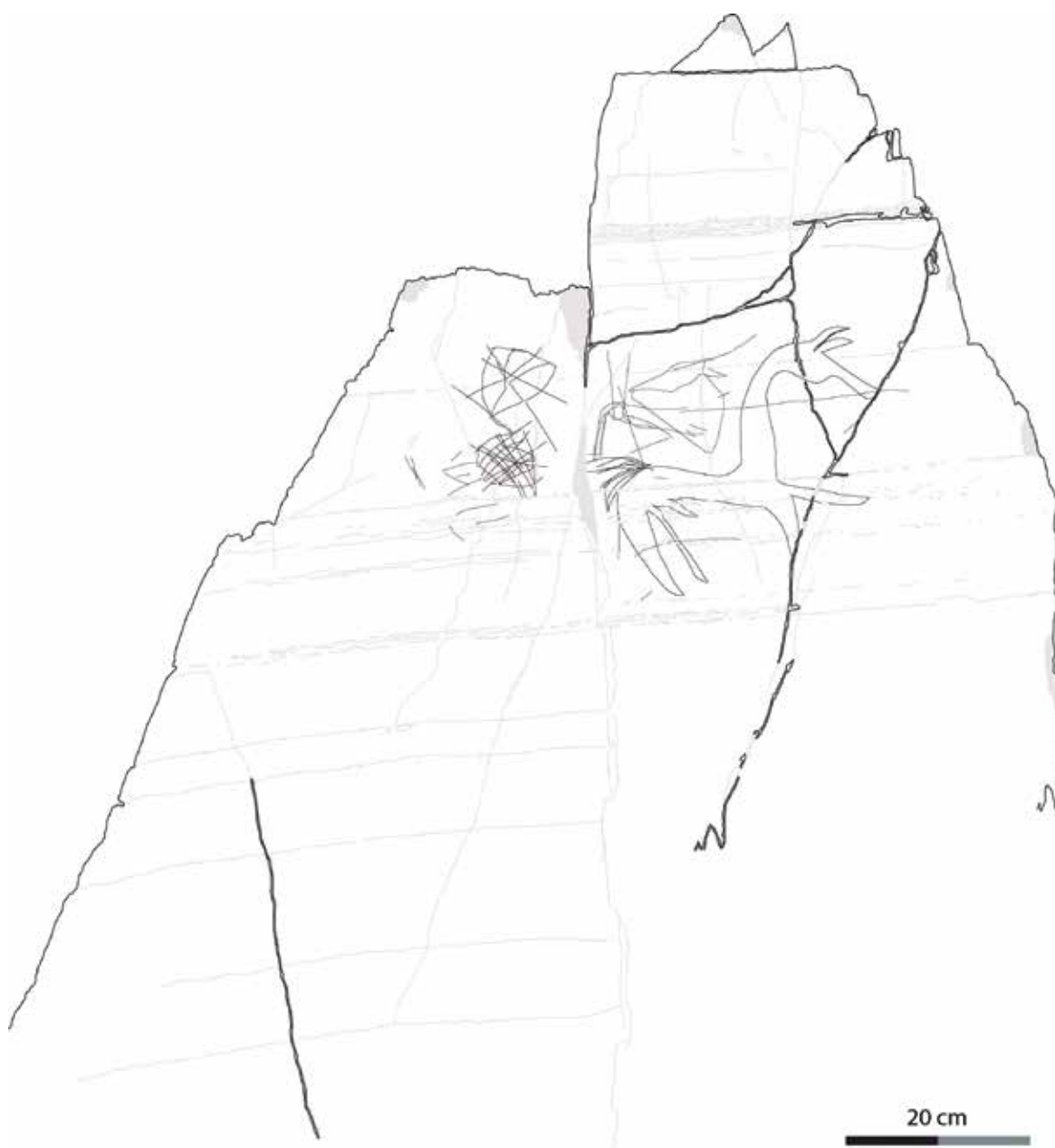


Fig. 59: Rocha 35 de Vale de Cabrões.

cauda curta em vassoura. Atrás, encontram-se dois motivos subcirculares, um deles raiado e outro preenchido com uma retícula. Acima do cavalo, surge um conjunto de linhas que poderia conformar um outro zoomorfo.

### 2.2.19. VALE DE JOSÉ ESTEVES (V.N. DE FÓZ CÔA)

Situado logo a seguir à foz do Côa, na margem esquerda do Douro, este longo vale apresenta 40 rochas com motivos sidéricos, de um total de 78.

Da *rocha 3* conhece-se apenas a figura de um cavaleiro, voltado para a direita, de braços abertos, segurando na mão direita a extremidade de uma longa lança e na esquerda a rédea linear (Fig. 60). Apenas se representou uma perna e a cabeça apresenta

um nariz e queixo proeminentes. O cavalo foi desenhado em perfil absoluto, com as patas abertas projetadas para diante, delimitação da coxa, longa cauda em ângulo reto, pescoço curvilíneo e orelhas em W invertido.

No meio das numerosas representações paleolíticas da *rocha 4*, apenas no subpainel C (SANTOS, *et al.*, 2020, 173, fig. 5A), surge a representação de um quadrúpede em perfil absoluto, voltado para a direita, com patas projetadas para diante, cauda filiforme para cima e focinho curto (Fig. 61).

A primeira figura decalcada da *rocha 7* foi o chamado “Anúbis”, um quadrúpede voltado para a esquerda, com cabeça retrospectiva, uma pata por par, projetadas para diante, cauda curta, delimitação de coxa, duas orelhas em W invertido e focinho apontado (Fig. 62). A cauda curta e a postura parecem remeter para um canídeo (ver Vale de José Esteves 18), embora o pescoço recorde um equídeo. No *painel esquerdo* da *rocha 7*, decalcado de forma incompleta, figuram dois quadrúpedes voltados para a direita, com uma construção muito semelhante ao javali da Foz do Côa 145, com a exceção de apresentarem as duas patas posteriores em

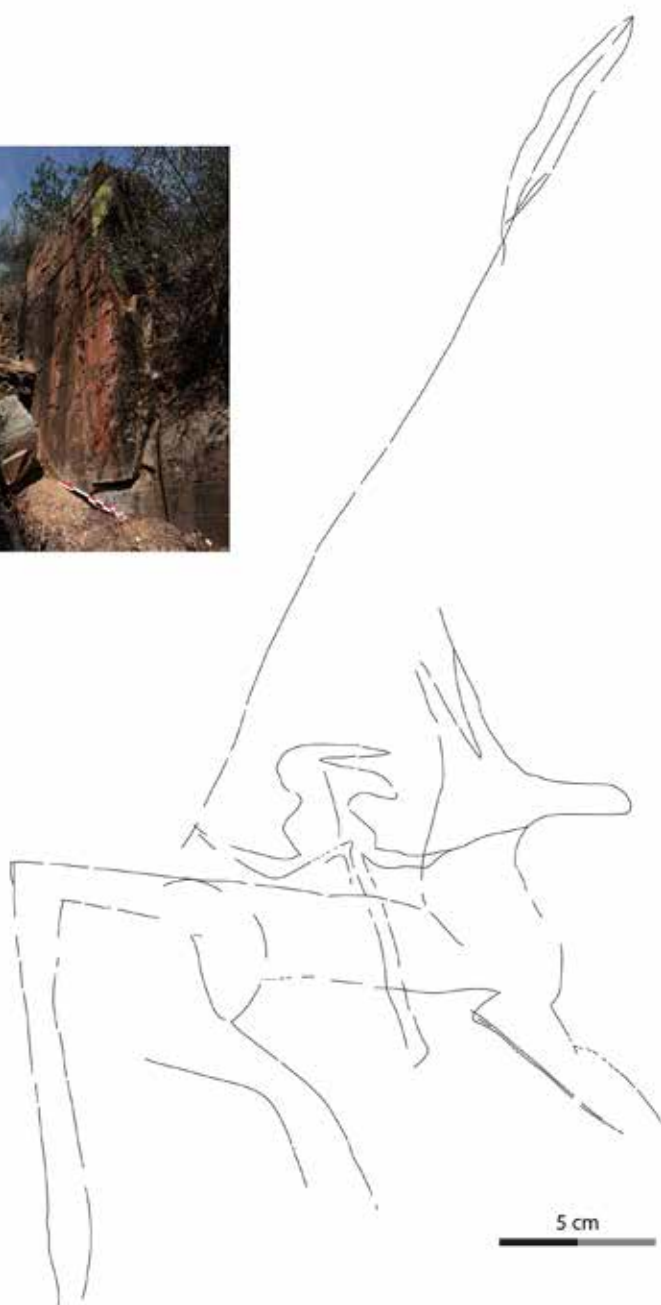
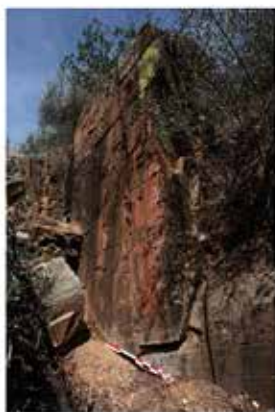


Fig. 60: Motivo da rocha 3 do Vale de José Esteves (foto de Mário Reis).

ferradura, marcada com X, e a anterior em contorno. Uma linha semicircular marca a zona do pescoço e a boca encontra-se aberta. A figura de baixo, mais completa, apresenta duas pequenas orelhas circulares, olho e dentes na boca. A semelhança estilística referida poderia fazer pensar em dois javalis, mas a ausência de algumas características da espécie e a presença dos dentes e orelhas, leva-nos a pensar tratar-se de canídeos (ver Azenha 3A e B). À esquerda destas figuras, voltado no sentido oposto, surge um veado em perfil absoluto, cauda curta e pescoço filiforme, pequena cabeça, hastes ramiformes e duas orelhas filiformes. A zona da espádua encontra-se delimitada pelo prolongamento do bordo caudal da pata dianteira. Abaixo, surge uma grande figura retrospectiva, com definição de coxa, cauda filiforme, orelhas contornadas e focinho apontado. Acima de tudo isto, surge um motivo realizado de forma contínua, com um círculo envolvendo um quadrilátero, com algumas semelhanças com a Quinta das Tulhas 6. O painel direito apresenta um cavalo com perfil absoluto sinuoso, longas patas abertas, cauda contornada, pescoço curvilíneo, duas orelhas e boca aberta. Conhece-se ainda o desenho de um cavaleiro, sobre um cavalo em perfil absoluto, voltado para a esquerda, com duas orelhas em W invertido e demarcação da coxa. O cavaleiro parece estar quase de pé sobre o cavalo, sendo desenhado através uma só linha de contorno, pernas filiformes, signo em X na zona da cintura (cinturão?), escudo circular em vista frontal na mão esquerda e a direita segurando uma rédea linear reta, que poderá eventualmente representar, em alternativa, uma lança sem ponta.



Fig. 61: Painel C da rocha 4 do Vale de José Esteves.

A rocha 8 apresenta uma densa sobreposição de difícil leitura (Fig. 63). A meio surge o contorno de uma figura humana, com cabeça sem pescoço, orelha direita, braço direito esticado horizontalmente, segurando um longo objeto, semelhante a uma espada sem guarda, ou escudo de perfil sem umbo, e tronco reto. Identifica-se também

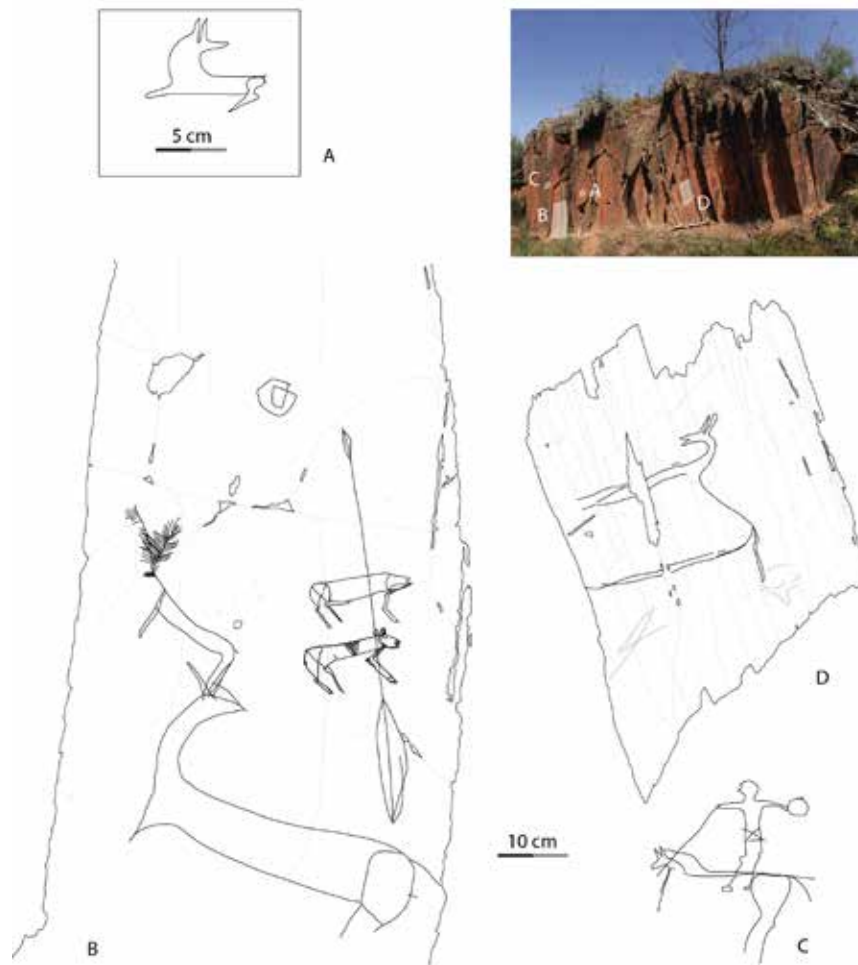


Fig. 62: Dois detalhes, painel esquerdo (levantamento parcial) e direito da rocha 7 do Vale de José Esteves (foto de Mário Reis).

um conjunto de 9 lanças, duas delas com ponta dupla e outras reduzidas à folha. Para além disso, surgem figurados quatro canídeos sem pescoço e bocas abertas, três deles voltados para a direita, dois cervídeos com cauda curta longos pescoços e duas orelhas, desenhados de forma retilínea, assim como três outros zoomorfos indeterminados, todos voltados para a direita. Por entre o emaranhado de linhas, parece perceber-se outras figuras, nomeadamente um cavalo de pescoço curvo, orelhas em W invertido e patas projetadas para diante, também voltado para a direita.

No meio das representações azilenses da *rocha 13* (SANTOS, 2019, fig. 152), surgem vários conjuntos de figuras atribuíveis à Idade do Ferro (Fig. 64). Na zona inferior do setor esquerdo, surge uma figura de cavalo voltado para a direita, com cauda e patas filiformes e corpo e cabeça desenhados a contorno, sem orelhas. Abaixo à direita, uma outra figura aparentemente zoomorfa, reduzida a cabeça e pescoço.

Acima, neste setor, surge um conjunto de três zoomorfos (cavalos?), voltados para a esquerda, dois deles com dorsos sinuosos, uma pata por par, duas orelhas e caudas longas, um deles macho, e o de trás com duas patas traseiras fechadas e orelhas lineares abertas. Um pouco acima, outro quadrúpede, em perfil absoluto, delimitação de coxa (cavalo?), dorso e patas em perfil absoluto, cabeça curta e grandes orelhas em W invertido. Seguindo para cima e para a direita chegamos à zona da representação do grande veado azilense. Aí surgem duas cabeças voltadas para a direita e um conjunto de

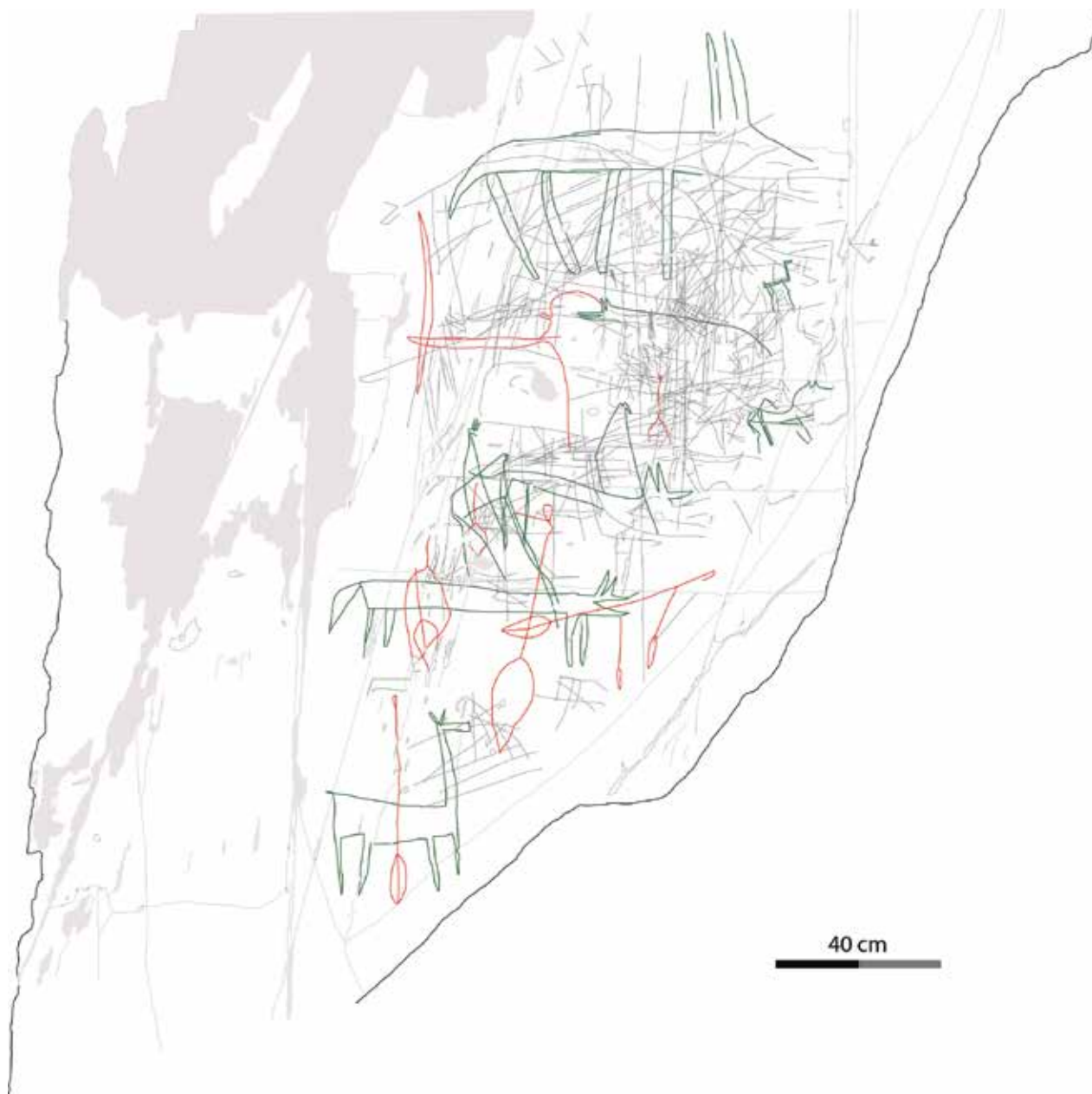


Fig. 63: Rocha 8 do Vale de José Esteves.

8 lanças subparalelas, que se dispõem ao longo do dorso do veado, distinguindo-se da figura do veado por apresentarem uma patine mais clara, o que constituiria uma interessante associação entre motivos de épocas tão distintas. Se as pontas representadas correspondem à tipologia das lanças do Ferro, apresentando nervura central, já a extremidade oposta ramiforme encontra poucos paralelos neste tipo de arte. No setor direito, acima, por entre um conjunto de corças paleolíticas, surgem três quadrúpedes, dois deles voltados para a direita, um acéfalo, com cauda em semicírculo sobre o dorso, o outro sem membros e com longo pescoço, com orientação oposta (provável cavalo), com duas orelhas em W invertido e cabeça triangular, patas em perfil absoluto abertas e demarcação da coxa. Junto aos quartos traseiros do zoomorfo acéfalo com cauda em semicírculo, surgem figuradas quatro lanças com uma só ponta,



Fig. 64: Rocha 13 do Vale de José Esteves.



Fig. 65: Rocha 16 do Vale de José Esteves.

dispostas na vertical (sem ramiformes na extremidade distal), eventualmente datadas da Idade do Ferro. Na base deste setor, surgem várias linhas em ziguezague e, acima, um outro signo formado por um segmento de reta, cortado por 13 outras linhas retas perpendiculares.

A zona inferior do painel central da *rocha 16* apresenta dois zoomorfos, voltados para a direita (Fig. 65). O dianteiro, mais completo, cuja forma sugere um canídeo, foi representado por um único traço contínuo, anguloso, contornando a cauda, quatro patas em extensão, cabeça, orelhas, voltando-se a ligar na garupa. Atrás, surge uma longa figura de construção distinta, tendo-se desenhado pata traseira, dorso, pescoço, cabeça e orelhas através de duas linhas paralelas, faltando o acrescento das patas dianteiras, como verificado noutros exemplares (por ex. Foz do Côa 145 e 181). Mais acima, por entre o emaranhado de traços azilenses, surgem duas cabeças de quadrúpedes com orelhas destacadas, num dos casos, angulosas, no outro, mais curvilíneas, igualmente voltadas para a direita.

As representações mais notáveis da *rocha 18* (Fig. 66) são um conjunto de 12 figuras, nas quais a mesma figura partilha dois quartos dianteiros, em tudo semelhantes, de animais com pescoços compridos, orelhas em W invertido focinho longo e uma a duas patas por par, projetadas para diante no mesmo dorso, numa imagem espelhada simétrica. Em 4 casos, as duas cabeças olham para direções opostas, 6 entreolham--se entre si, num caso, olham para a mesma direção (esquerda), e noutro, dada a natureza incompleta da figura, não nos é possível determinar. Uma destas figuras apresenta um longo pénis, desenhado por duas linhas que saem do meio do

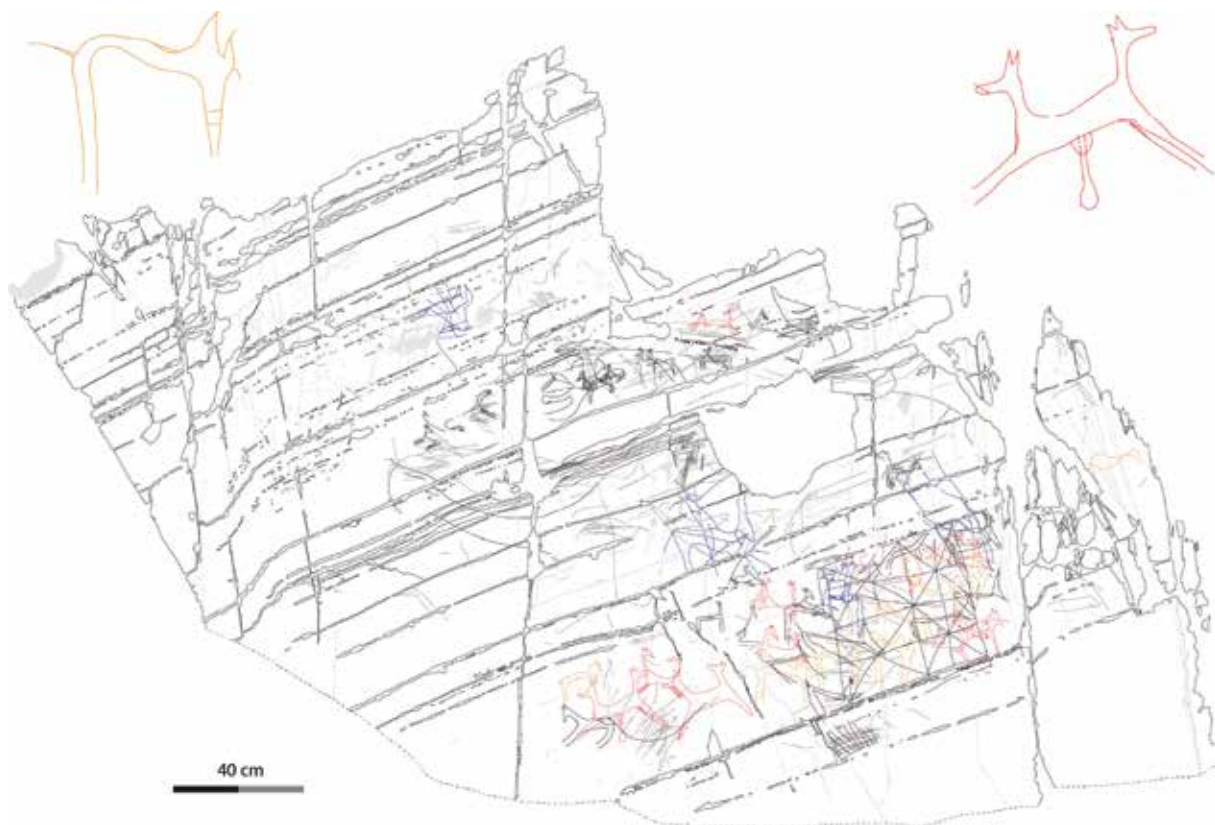
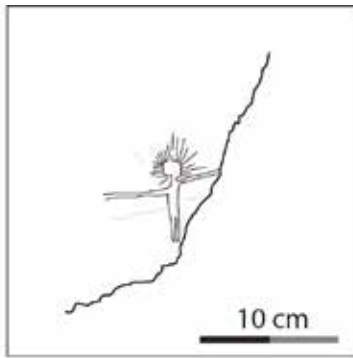
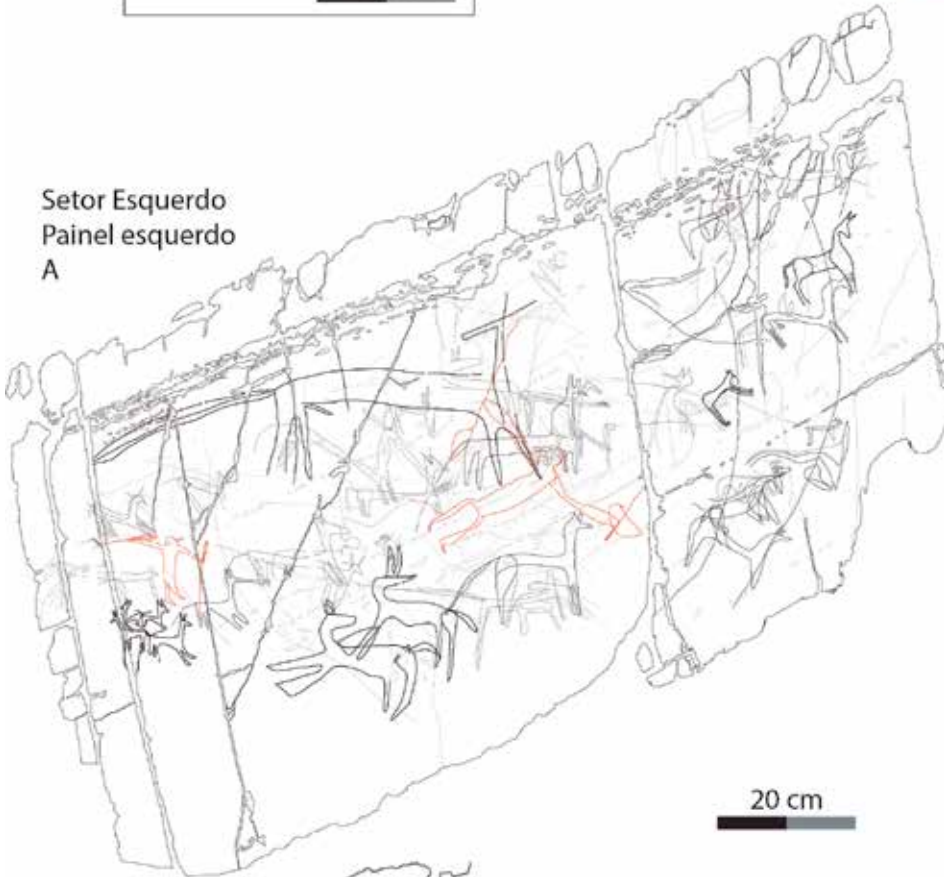


Fig. 66: Rocha 18 do Vale de José Esteves.



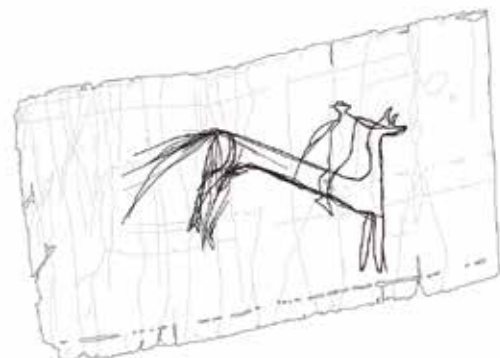
Setor Esquerdo  
Painel esquerdo  
A



Setor esquerdo  
Painel central



Painel central  
Centro esquerdo



Setor centro esquerdo  
Painel direito

Fig. 67: Alguns painéis da rocha 19 do Vale de José Esteves.

ventre, a partir de um semicírculo. Com a exceção de uma delas, que se encontra no cimo do painel, todas estão representadas na zona inferior, respeitando a orientação da estratificação da rocha. Partilham o espaço com um outro conjunto de representações de 7 zoomorfos, muito semelhantes entre si, vistos em perfil absoluto, extremidades abertas, duas grandes orelhas onduladas (três, num dos casos) e, em 5 exemplares, um apêndice linear na extremidade do focinho, em forma de pequena tromba. Três exemplares apresentam cauda filiforme, entre o curto e o comprido, e um apresenta duas linhas paralelas junto à extremidade da pata dianteira. Na extremidade direita do painel surgem duas linhas que evocam estas figuras, partilhando ainda o espaço com 9 figuras semelhantes, provavelmente cervídeos, com perfil mais retilíneo, longo pescoço, caudas curtas, cabeça triangular, orelhas em V, sete deles com membros projetados para diante. A figura situada mais acima poderá corresponder a um veado, apresentando uma grande linha a sair da cabeça, evocando uma haste. Refira--se a existência de dois cavaleiros, enfrentados, um deles com duas lanças na mão, cavalo retilíneo com longa cauda e decoração no flanco e o outro mais sumário, com cavalo com longo pescoço, nervura dorsal e patas dianteiras lineares projetadas. Sob as patas dianteiras dos dois cavalos situam-se duas figuras muito semelhantes, a da esquerda mais sumária, no que se afigura serem cães deitados, com a cabeça voltada para trás. Atrás do cavaleiro da direita, surge o perfil dos quartos dianteiros de um quadrúpede voltado para a direita. Na extremidade esquerda desta zona inferior, surge um cavalo com longa cauda, patas abertas, projetadas para diante. Identifica-se ainda o que parecem ser os restos de outros dois grandes antropomorfos, um deles de grande tamanho do lado esquerdo, sobre dois zoomorfos mais pequenos, sobrepostos com orientações inversas: um com orelhas lineares em V, decoração interna e aparentemente uma rédea e o outro reduzido ao perfil de dorso, orelhas em W invertido e focinho. No topo esquerdo do painel, surge outro conjunto de linhas que poderá configurar outro antropomorfo. Abaixo, igualmente seguindo a estratificação da rocha, foi representado, um novo canídeo deitado, com cabeça voltada para trás, muito semelhante ao que descrevemos anteriormente. Para o lado direito, surge uma outra figura semelhante, mas com uma estranha cabeça, onde parece confundir-se focinho e orelhas. Enfrentando-o, figura um conjunto de linhas que poderão corresponder aos restos de um cavaleiro, com cavalo de duas patas dianteiras projetadas para a frente, seguido de quatro zoomorfos com algumas semelhanças, nomeadamente as orelhas em W. Acima do último, surge o único zoomorfo simétrico desta área do painel. Por cima deste friso, foi representada uma grande lança com nervura central. Completam o painel várias linhas, algumas delas conformando signos como um grande reticulado, conciliando duas orientações de traços interiores, sobre os zoomorfos simétricos e de “tromba”, e mais abaixo um pequeno reticulado ortogonal. No painel superior, identificam-se alguns ziguezagues.

Conhecia-se já a cena de dois pares de cães presos após a cópula da *rocha 19* (Fig. 67), anteriormente conhecida por Alto da Bulha 1 (BAPTISTA, 1999, 177), mas, entretanto, renomeada (REIS, 2013, 25). Trata-se de um longo painel com motivos do Ferro e paleolíticos, que se encontra parcialmente levantado. A cena de cópula canina encontra--se no lado esquerdo de uma densa e complexa cena representada no *setor esquerdo do painel esquerdo* desta rocha, logo abaixo de um antropomorfo com uma lança em cada mão e nariz afilado, voltado para a direita. Nessa direção, no centro do painel, identificam-se dois antropomorfos deitados, um deles apenas esboçado e ou

outro mais completo, de braços abertos, com lanças nas duas mãos e escudo circular na esquerda. Mais acima dele, surge um traço que se assemelha ao perfil de uma cabeça voltada para a direita. Preenchem o painel, 37 quadrúpedes: 20 cavalos com diferentes estilos, 3 deles machos, 5 retrospectivos e outros dois com focinhos muito longos, 6 canídeos (um deles muito semelhante à cena de caça do Vale da Casa 23), 6 possíveis cervídeos, um eventualmente macho, e os restantes de difícil determinação, pela sua natureza.

O *setor esquerdo do painel central* apresenta apenas uma figura antropomórfica em vista frontal, com tronco cabeça e pénis realizados a contorno contínuos, com o pormenor de a glândula ser sugerida por um círculo estrangulado em aselha. Os membros superiores e inferiores, e respetivos dedos, estão representados por linhas filiformes, o que a afasta.

Para além de um conjunto traços, alguns deles conformando signos, o *centro esquerdo do painel central* apresenta, no topo, a figura de um cavaleiro, apenas esboçado, sobre um cavalo com quatro patas projetadas para diante, voltado para a direita, orelhas filiformes e rédea linear. Logo abaixo, surgem dois quadrúpedes retilíneos voltados para a esquerda, à frente dos quais surge o que parece ser o vulto de um boi, com cornos filiformes, reduzido ao dorso, cabeça massiva e início do peito. Mais abaixo, na direção oposta, estão figurados dois quadrúpedes, ambos com orelhas filiformes em V, um deles sem grande pescoço, mas aparente cauda comprida, e o outro longos e finos pescoço e dorso, patas projetadas para diante, aparentemente sem cauda.

Do decalque parcial do *setor centro esquerdo do painel direito* conhecemos a figura de um cavaleiro voltado para a direita. O cavalo apresenta quatro patas, coxa demarcada, e é montado por um antropomorfo, com uma perna em perfil absoluto, mão esquerda junto ao focinho, segurando rédea, e direita para baixo, sobre o dorso, eventualmente segurando um pingalim.

Registe-se ainda a representação de um antropomorfo em vista frontal, desenhado a contorno, braços na horizontal, com extremidades abertas e cabeça circundada por linhas raiadas, em forma de sol.

#### 2.2.20. VALE DE MOINHOS (V.N. DE FOZ CÔA)

Núcleo localizado ao longo de um comprido vale, que desce desde o planalto de Foz Côa até à margem esquerda do Côa, a cerca de 2,5 km da sua foz. As 15 rochas com representações sidéricas, de um total de 44, distribuem-se por dois conjuntos, um na zona da foz do ribeiro sazonal e o outro a mais de 1 km para montante.

Para além de motivos azilenses, a *rocha 7* (SANTOS, 2019, 147) apresenta um zoomorfo em perfil absoluto, com longas patas, a dianteira com nervura central, cauda filiforme comprida, pescoço curvo e cabeça com duas orelhas em W invertido, disposta na vertical (Fig. 68). À sua volta, dispõe-se um conjunto de traços paralelos e outros dois curvilíneos em forma de laço. Para a esquerda ao centro do painel, surge uma figura de difícil interpretação, definida por um contorno contínuo curvilíneo, estrangulado em forma 8, com enfranque arredondado. No topo do signo, definem-se duas formas subtriangulares paralelas invertidas e o interior é marcado por um retângulo de cantos arredondados e a base por um semicírculo. A semelhança do contorno com os antropomorfos da Broeira 3 sugere-nos um antropomorfo de cabeça para baixo, embora lhe faltem os braços.

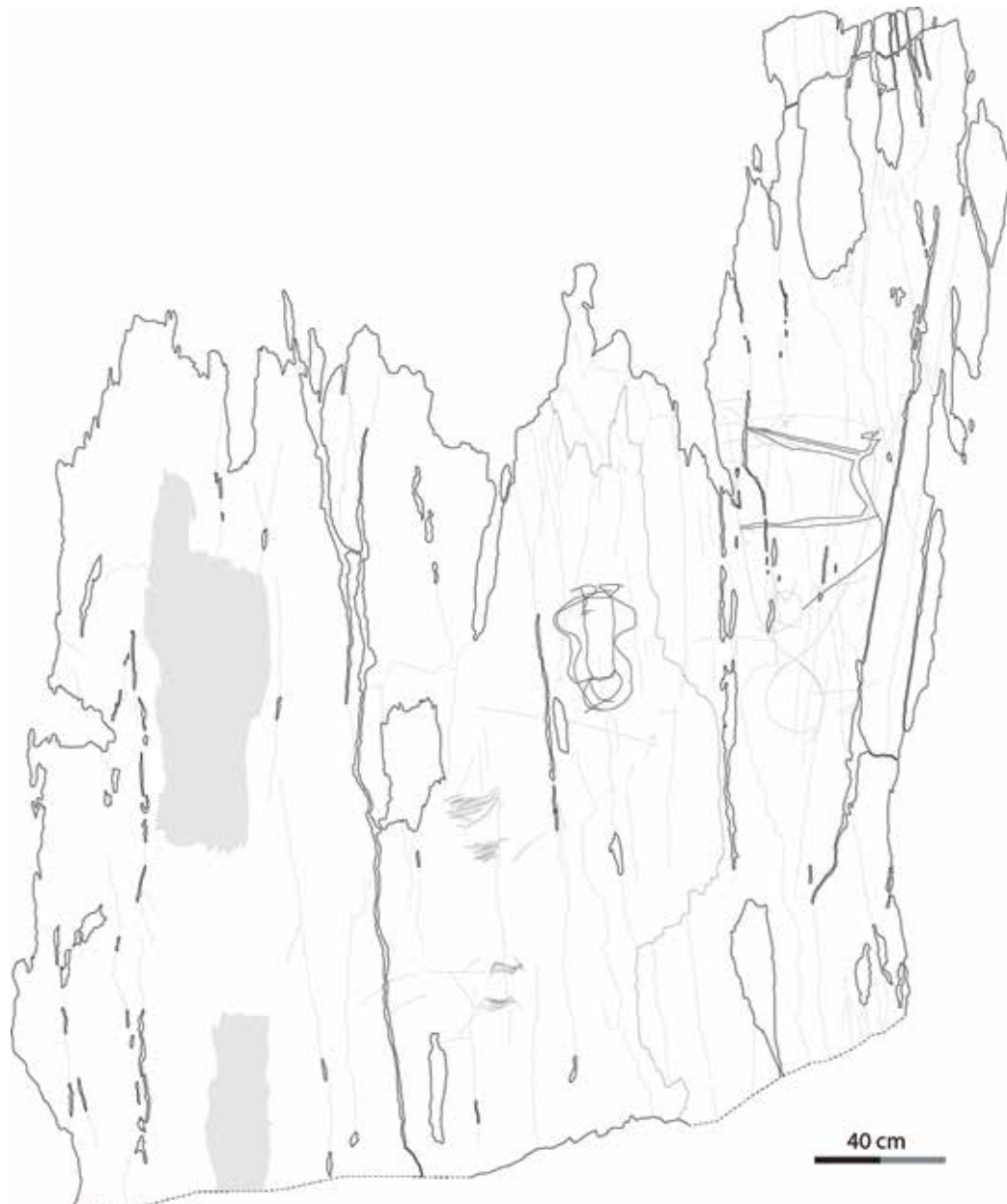


Fig. 68: Rocha 7 do Vale de Moinhos.

### 2.2.21. VALE DO FORNO (V.N. DE FOZ CÔA)

Conjunto de 96 painéis, 51 com representações atribuídas à Idade do Ferro, situado ao longo de um vale que desce desde o planalto de Foz Côa até à margem esquerda do Côa, a pouco mais de 1 km da foz. Condicionados pela orientação tectónica, os painéis gravados agrupam-se em dois conjuntos, um em trono da foz do curso de água e outro mais de 1 km a montante, no interior do vale.

O *setor direito* da *rocha 1* (Fig. 69) apresenta um antropomorfo *suis generis*, no contexto da arte da região, desenhado por um contorno que parte de uma perna, contorna a cabeça larga e regressa à outra perna (o mais próximo é um da Quinta das Tulhas 6). Foram-lhe acrescentados dois braços a contorno erguidos, duas orelhas e dedos dos pés ramiformes. À cintura surge um signo passível de ser interpretado como espada. Num subpainel à sua esquerda, surgem dois contornos que se cruzam, que,

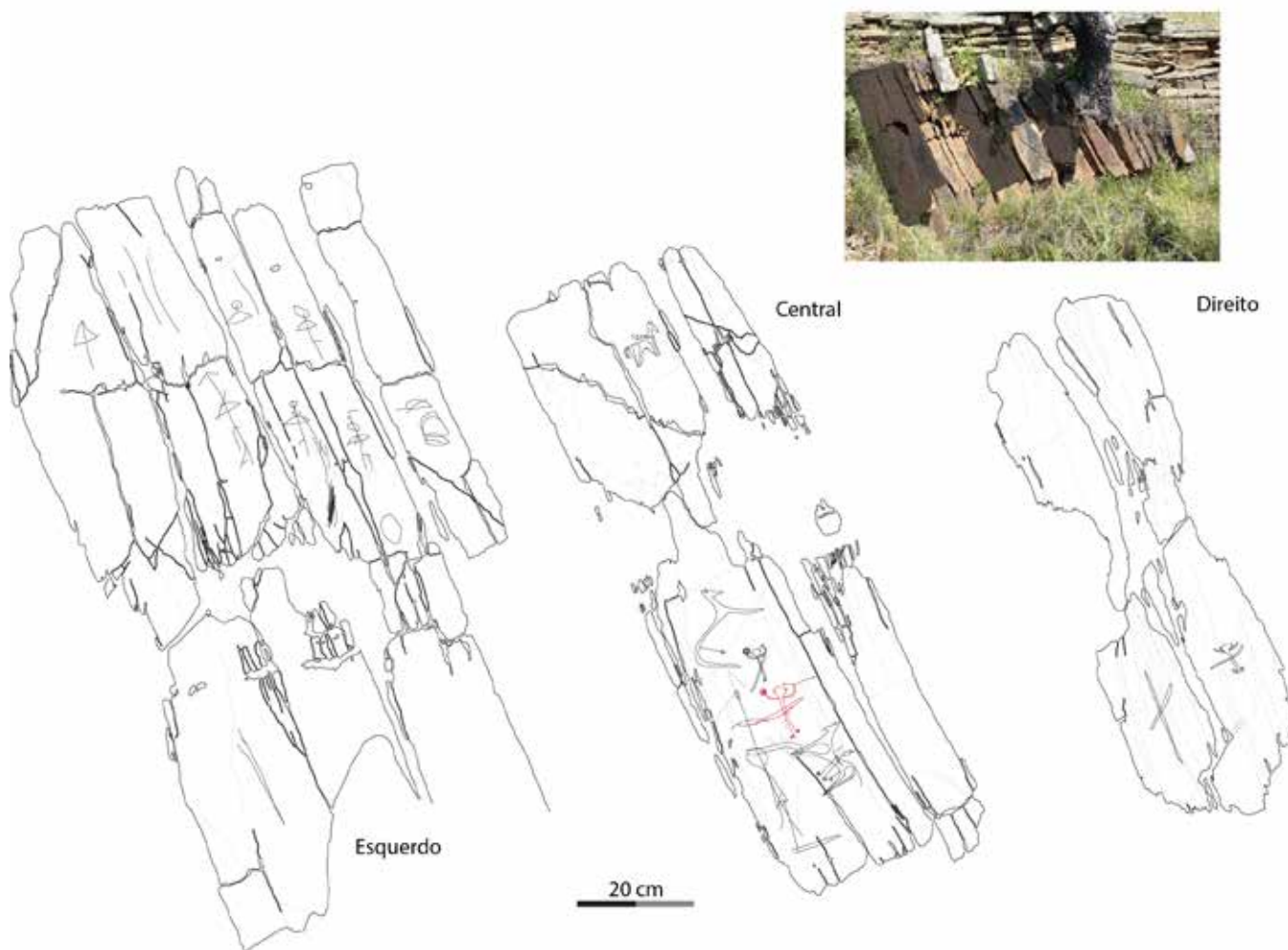


Fig. 69: Rocha 1 do Vale do Forno (foto de Mário Reis).

tendo em consideração a figura acabada de descrever, sugerem outra idêntica, resumida a dois contornos longilíneos.

No *setor central* figuram duas outras figuras em tudo semelhantes, com a exceção de apresentarem uma pequena *caetra*, com círculos concêntricos na mão direita e uma lança na mão esquerda, com conto e lâmina, num dos casos, e reduzida a uma linha, noutro. Abaixo, disposto na vertical, surge um cavaleiro, reduzido às pernas lineares com dedos filiformes, montando um cavalo desenhado a contorno, com orelhas angulosas, cauda filiforme e quartos dianteiros e traseiros em forma de ferradura. O sexo é representado por uma linha, cortada na extremidade por um círculo. Acima dos peões, surge um segundo cavalo macho, com o sexo representado de forma semelhante, mas com a diferença de apresentar apenas uma pata por par. Completam o painel, uma lança comprida, que atravessa um signo que poderia ser interpretado como arco (*caetra?*), que atravessa uma figura de natureza antropomórfica, com grande cabeça circular, corpo triangular e pernas filiformes. As representações do setor esquerdo deste painel não parecem enquadrar-se no contexto artístico sidérico, uma vez que surge aí representado

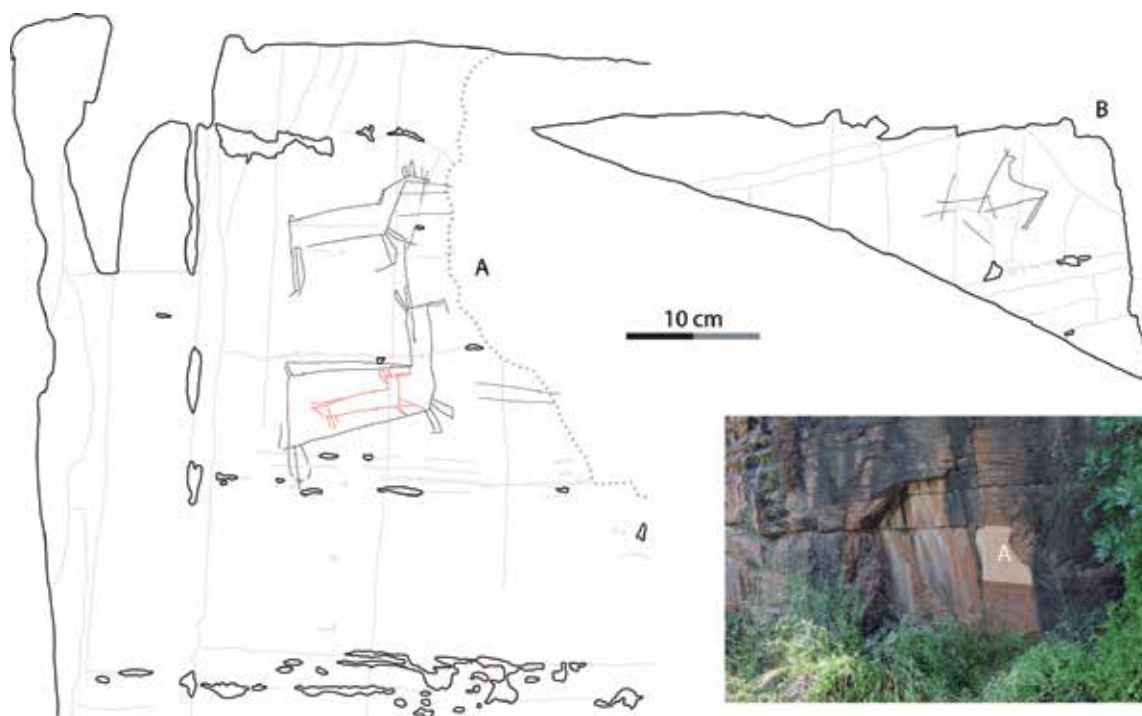


Fig. 70: Painéis A e B da rocha 2 do Vale do Forno (foto de Mário Reis).

um conjunto de figuras que se assemelham a bestas, com paralelos na arte da região, de cronologia mais recente (REIS, 2012b, 81).

O painel A da *rocha 2* apresenta três zoomorfos em tudo semelhantes (Fig. 70), voltados para a direita, com corpos, pescoços e quatro patas retilíneas, as dianteiras projetadas para diante, caudas curtas e duas orelhas. No interior da figura de baixo surge a terceira, mais pequena, o que poderia sugerir uma cena de gestação animal, tal como a Foz do Côa 67, mas de estilo distinto. Já o painel B apresenta uma única figura, voltada para a esquerda, com cabeça retrospectiva. Tem corpo angulosos, orelhas filiformes em V e duas longas patas traseiras igualmente filiformes. Não apresenta cauda.

A *rocha 6* (Fig. 71) é um dos raros painéis horizontais da região, fora do Vale da Casa (LUÍS *et al.*, no prelo). Nela surgem, com a mesma orientação, seis figuras humanas em perspetiva frontal, com braços levantados, três delas com corpos ondulados, uma com cinturão e bico de pássaro (ver Vermelha 3), outra com espada ao lado, e outra ainda com lança na mão direita, escudo circular na esquerda, cinturão com punhal, um segundo punhal disposto ao seu lado esquerdo sapatos e linha junto ao pescoço e numa das axilas, sugerindo alguma veste. Com uma orientação a 90 graus, surgem representados os zoomorfos, dois equídeos, um com decoração interna linear paralela e um círculo raiado na espádua, cauda em ângulo reto e quatro patas abertas. O outro, em posição oposta, tem um corpo em perfil absoluto, com patas abertas projetadas para diante e uma cabeça em perspetiva frontal (ver Mocissos 3; BAPTISTA & SANTOS, 2013, 91-92, fig. 75, n.º 4 e 16). Surge ainda um terceiro cavalo, este montado por um antropomorfo de braços abertos e lança de duas pontas um pouco mais atrás. Identifica-se ainda mais dois zoomorfos, um deles que poderia ser um bovino e o outro, de pequeno tamanho, indeterminado.



Fig. 71: Rocha 6 Vale do Forno.

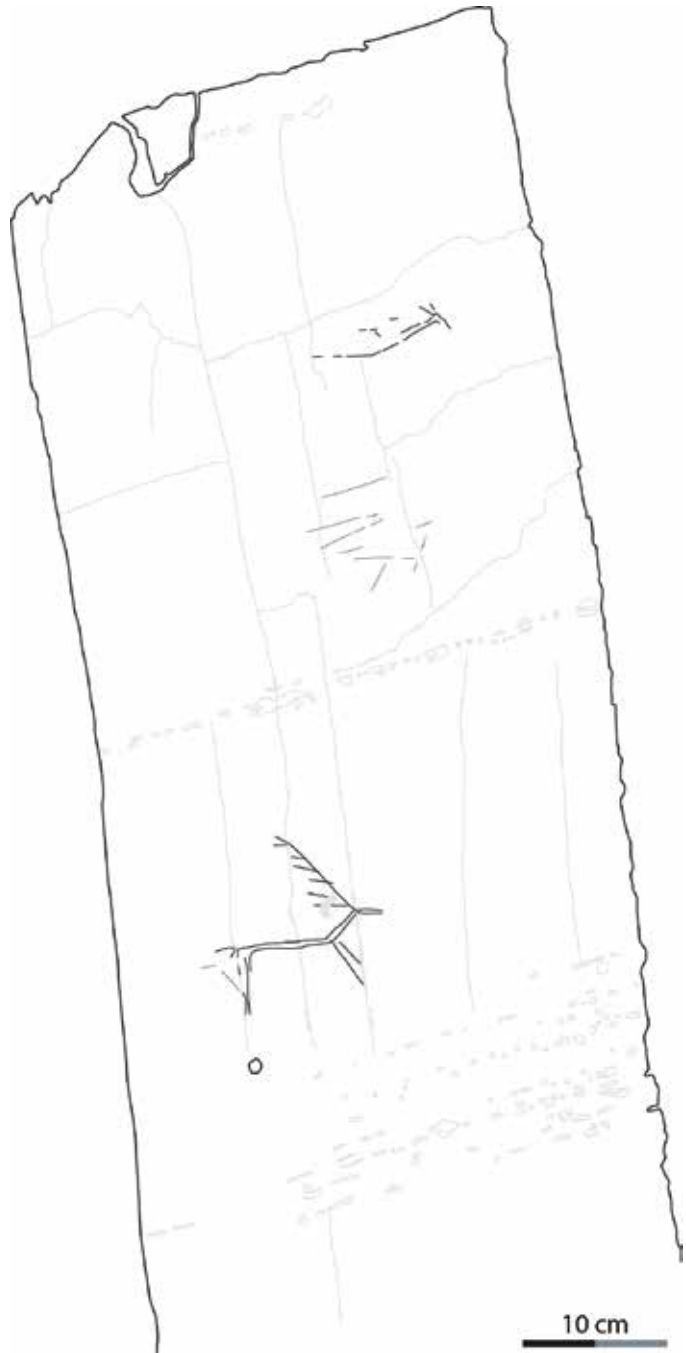


Fig. 72: Rocha 20 do Vale do Forno.

A *rocha 20* apresenta um veado em perfil absoluto, incluindo a haste ramiforme, desenhado de forma esquemática com extremidades abertas (Fig. 72). Acima, surgem os restos de uma representação idêntica, sem vestígios de hastes.

Na *rocha 79* surgem, do lado esquerdo, dois zoomorfos semelhantes, voltados para a direita, em perfil absoluto, caudas filiformes (uma comprida e outra curta), patas abertas e fletidas, longo pescoço, orelhas e focinho curto (Fig. 73). O da frente apresenta a representação da bainha, indicando o sexo. À frente destes dois, surge um outro sem bordos interiores das patas ou ventre, seguido de uma linha que representará as orelhas e o pescoço e pata de um quarto. Do lado direito, voltados para a esquerda, surgem dois zoomorfos, de construção semelhante aos cavalos, embora mais retilíneos. A cauda curta e as hastes da figura cimeira, tornam esta interpretação evidente, sendo

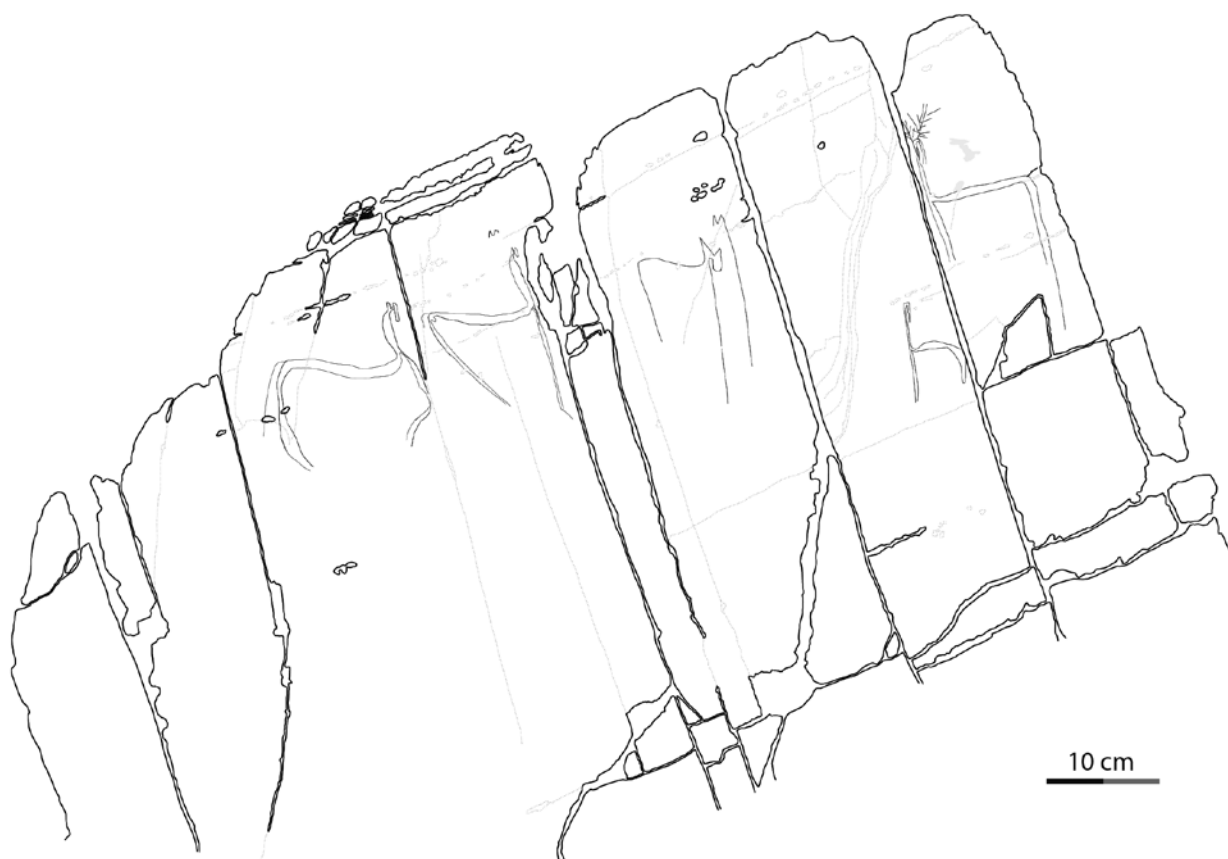


Fig. 73: Rocha 79 do Vale do Forno.

o outro desprovido destes elementos. Para além disto, são ambos muito idênticos, apresentando a cabeça voltada para trás e um longo focinho pendente.

#### 2.2.22. VALE ESCURO (POCINHO, V.N. DE FOZ CÔA)

É o núcleo da margem esquerda do Douro situado mais a jusante, a mais de 7 quilómetros de distância da foz do Côa. As 15 rochas gravadas, 6 delas com motivos atribuídos ao Ferro, situam-se ao longo um vale íngreme, por onde descem as águas sazonais desde a Chã de Foz Côa até ao rio.

O setor superior da *rocha 3* apresenta um veado retrospectivo (Fig. 74), com o corpo anguloso, formado por quatro retângulos, voltado para a esquerda, em perfil absoluto. As patas são compridas, cortadas por uma linha perpendicular junto às extremidades, o corpo é estreito, a cauda curta é desenhada por duas linhas paralelas e a cabeça é triangular. Apresenta uma haste ramiforme associada a uma longa e angulosa linha em V invertido, que poderá representar a orelha. Acima, por entre um conjunto de traços semicirculares, cortados por um segmento de reta, surge uma figura semelhante, sem hastes, cauda ou cabeça muito evidente, disposta para cima.

Da *rocha 14* conhecemos apenas o desenho de um cavalo, voltado para a esquerda, dois membros anteriores fechados, um membro anterior aberto, duas orelhas pontiagudas e uma cauda reta horizontal, no prolongamento do dorso (Fig. 75).

Igualmente parcial é o decalque da *rocha 15*, onde surge apenas uma



Fig. 74: Setor superior da rocha 3 do Vale Escuro.



Fig. 75: Levantamento parcial da rocha 14 do Vale Escuro.

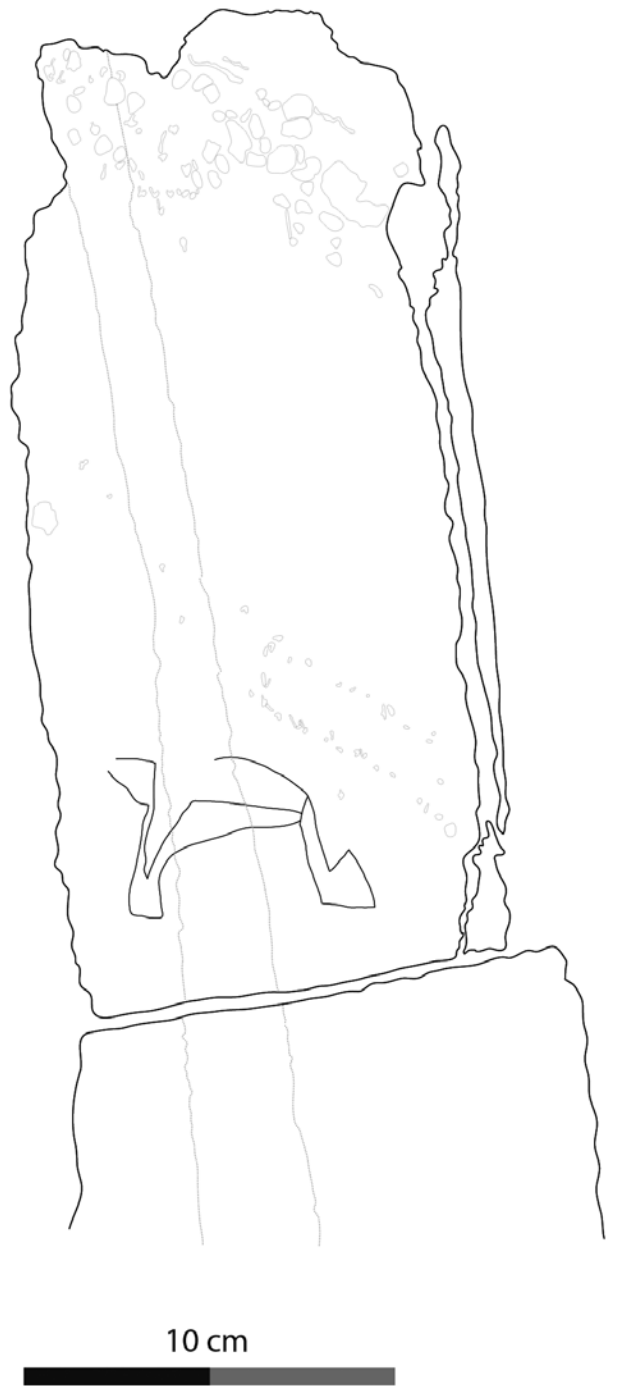


Fig. 76: Levantamento parcial da rocha 15 do Vale Escuro 15.

representação, de difícil interpretação (Fig. 76). Apenas o facto de estar representado a contorno anguloso poderá remeter este estranho motivo para a Idade do Ferro.

### 2.2.23. VERMELHOSA (V.N. DE FOZ CÔA)

Localizado na margem esquerda do Douro entre o Vale de José esteves e a Bulha, a cerca de 50 metros da foz do Côa, apresenta 14 painéis gravados durante a Idade do Ferro, num total de 25.

Da complexa *rocha 1*, dispomos do decalque de dois detalhes (Fig. 77). O primeiro trata-se do famoso cavaleiro sobreposto a uma cabra paleolítica, desenhado e publicado para demonstrar a antiguidade desta arte (ZILHÃO, 1997, 33). O cavaleiro apresenta-se em perfil absoluto, com a exceção do tronco campaniforme e dois braços, o direito erguendo uma lança com duas pontas e o esquerdo segurando um arrieio em ziguezague. Três linhas junto à cintura representarão um cinturão, um pouco acima do que será o final do saiote. A perna tem coxa e géméo desenvolvidos. A cabeça tem



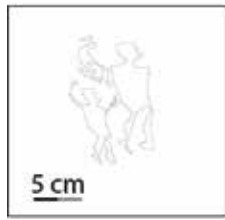
Fig. 77: Motivos da rocha 1 da Vermelhosa (foto de Mário Reis).

forma de bico, enquadrado por uma forma semi-retangular, e da nuca saem dois traços paralelos rematados por uma linha perpendicular. A figura apresenta grandes semelhanças as da Vermelha 3. O cavalo em que surge montado tem longo pescoço, crina, orelhas redondas, patas dianteiras projetadas para diante, dorso longo e patas anteriores bem desenhadas, com coxas definidas. A cauda bilinear termina em vassoura. O segundo detalhe é igualmente um cavaleiro, com longas pernas cruzadas, nariz proeminente, braços lineares, o direito segurando uma lança na vertical e o outro as rédeas lineares. O cavalo surge em perfil absoluto, com exceção das duas orelhas em W invertido, grande cabeça, focinho pontiagudo, longo dorso, patas curtas fechadas, projetadas para diante e longa cauda pendente aberta. Este painel foi estudado pelo projeto “Gravado no Tempo” e parcialmente publicado (ABREU *et al.*, 2000, fig. 6 e 7), onde se identifica ainda dois outros quadrúpedes e um terceiro cavaleiro, com escudo em perspectiva lateral na mão esquerda.<sup>11</sup>

No painel central da *rocha 3* (LUÍS, 2016, 69), destaca-se a figura de um grande guerreiro voltado para a direita, com pequeno escudo circular côncavo, com umbo, de perfil, na mão esquerda, e, na outra, uma grande lança com duas pontas, disposta na vertical (Fig. 78). Tem cabeça em bico de ave, penacho na nuca e um grande olho, do qual partem duas linhas paralelas onduladas. Na cintura, apresenta um reticulado (cinturão, couraça?), saiote e duas pernas fletidas desenhadas a contorno, com grande coxa, gémeos e pés, em tudo semelhantes ao estilo do cavaleiro da rocha 1. Foi já sugerido que se trate de uma figura de sexo feminino, em virtude da rocha apresentar uma concavidade natural que coincide com a zona entrepernas (REIS, 2021). Para além desta coincidência, a figura não apresenta qualquer caractere sexual que confirme esta interpretação. Ela é em tudo o resto semelhante às duas figuras representadas abaixo em duelo, onde, de forma explícita, se indica a sua natureza masculina. Para além dos falos pendentes, estas figuras brandem as respetivas lanças, tendo cada uma delas já lançado uma primeira. A maior das duas, à direita, tem o desenho de cnémides na zona da canela e pantorrilha. À cintura, apresenta um signo que interpretamos como punhal com pomo naviforme (LUÍS, 2021). Acima da couraça, surge figurada uma linha em contorno desde o peito até ao interior do tronco. Atrás, surge um cavalo, muito semelhante ao da rocha 1, com ausência de crina, ligado à couraça do guerreiro por uma rédea em ziguezague. Um pouco acima do cavalo, um vulto antropomórfico, reduzido aos ombros e cabeça voltada para a esquerda, e atrás, um signo disposto ao alto, semelhante a uma espada sem guarda. Por baixo do guerreiro com as cnémides, um eventual segundo cavalo, que apresenta algumas semelhanças com as figuras simétricas do Vale de José Esteves 18. À sua esquerda, por entre uma linha sinuosa, surge um quinto antropomorfo, seguindo o modelo dos duelistas, com três linhas paralelas na cintura apertada, desprovido de braços, uma perna apenas e duas linhas em forma de lira na cabeça. A comparação desta representação, com outra localizada acima à esquerda do grande guerreiro, explicita tratar-se de um caldeiro na cabeça e não de um capacete de cornos (LUÍS, 2008, 420), pois essa figura com bico de pássaro aberto e tronco campaniforme, semelhante às anteriormente descritas, tem os braços erguidos segurando o caldeiro, que apresenta igualmente duas linhas internas que o fecham. Junto a esta figura surgem duas

---

11 - Tal como o Meijapão, esta rocha e todas as restantes da Vermelha encontra-se em estudo por Helena Soares, no âmbito do projeto RARAA - Repositório de Arte Rupestre em Acesso Aberto, financiado pela Fundação Ciência e Tecnologia, a partir de registo fotogramétrico.



A



Fig. 78: Painel direito e motivos do painel esquerdo da rocha 3 da Vermelha (foto de Mário Reis).

linhas côncavas paralelas, com três apêndices na linha inferior, que poderiam sugerir um vaso com pé saliente visto de perfil (?). Voltando à zona inferior do painel, importa mencionar a cena de duas aves de perfil, debruçadas sobre um peixe esquemático, todos com decoração interna reticulada, gravados profundamente. Ainda na zona inferior, mas à direita da figura, surge uma sétima figura antropomórfica, desprovida aparentemente de braços, com cabeça aviforme voltada para a direita, com pernas entreabertas, de coxas e pantorrilhas exageradas, com um signo semicircular aberto entre as pernas, enfrentando uma ave de rapina desenhada a contorno, empoleirada sobre uma linha sinuosa. Mais acima, em frente do escudo do grande guerreiro, surge, de baixo para cima, o pescoço, focinho e orelhas de um possível cavalo voltado para a direita, uma ave semelhante às aves descritas anteriormente, desenhada a contorno simples não decorado, com cabeça baixa, tocando o focinho do cavalo. Acima dela, um cavaleiro incompleto, voltado para a direita, percebendo-se a perna, e sobretudo os quartos dianteiros da figura, com patas dianteiras projetadas para diante e grandes orelhas circulares. Junto às costas do cavaleiro poderá estar a representação de um cervídeo esquemático retilíneo. Mais acima ainda, surge o que parece ser um antropomorfo com corpo campaniforme e linhas reticuladas na zona da cintura, com um segundo signo campaniforme à sua direita, sobrepondo-se ao que parece ser a ponta de uma lança. Inúmeros traços cobrem esta área do painel, nomeadamente figuras azilenses. Refira-se ainda a existência de um signo campaniforme alongado sobre a cabeça do grande guerreiro. Mais curiosa é a presença de um signo em forma de “guitarra clássica”, com corpo em 8 e braço longo, sob o pé direito do duelista da esquerda. Este signo apresenta semelhanças com outro, presente na rocha 3 de Mocissos (BAPTISTA & SANTOS, 2013, 93).

Do *painel esquerdo* temos apenas o decalque de três figuras antropomórficas semelhantes, mas de tamanhos diferentes, de cabeça com nariz proeminente e pernas com gêmeos desenvolvidos, voltados direita. A maior, da direita, é desprovida de braços, enquanto a da esquerda tem os braços erguidos, segurando na mão esquerda o que poderá ser um escudo circular de perfil. Acima dela, surge o que parece ser um terceiro antropomorfo, aparentemente reduzido ao contorno contínuo das pernas e tronco. O decalque publicado deste setor, realizado pelo projeto Gravado no Tempo (ABREU *et. al.*, 2000, fig. 1), permite identificar ainda, à esquerda destas figuras, um grande guerreiro voltado para a direita, com escudo semelhante às figuras do setor central e uma lança na mão direita. Acima, por entre outras linhas surgem os quartos dianteiros de um quadrúpede com duas patas projetadas para diante, realizadas a contorno contínuo, e um outro quadrúpede no topo do painel com orelhas filiformes. No topo esquerdo, três a cinco figuras zoomórficas voltadas para a direita.

#### 2.2.24. OUTROS NÚCLEOS

Embora este se trate de um impressionante conjunto de decalques de rochas gravadas, a arte do Côa continua na sua maioria inédita, nomeadamente alguns conjuntos com numerosos painéis.

De entre os núcleos com maiores conjuntos, refira-se a *Cascalheira* (Urros, Torre de Moncorvo), na margem direita do Douro, mesmo em frente à foz do Côa, identificado durante o processo de validação do modelo preditivo para a formação e conservação dos painéis gravados do Vale do Côa (AUBRY *et. al.*, 2012), com o impressionante número

de 21 painéis gravados com motivos do Ferro, ainda por documentar. Para além dos típicos cavalos, cervídeos, antropomorfos e lanças, destacam-se dois cavalos, um deles retilíneo, com decoração interna e três posições de cauda, numa clara decomposição do movimento (rocha 14)<sup>12</sup> e um outro, mais sinuoso, com cuidada decoração interna, semelhante ao cavalo do Vale do Forno 6 (rocha 28)<sup>13</sup>. À Cascalheira junta-se a maioria dos núcleos da margem direita do Douro, alguns deles conhecidos desde os anos 1990, mas que permanecem por estudar.

Na margem oposta do Douro, salientamos os núcleos do *Garrido* (Orgal, V.N. de Foz Côa) com motivos atribuídos à Idade do Ferro em todas as suas 16 rochas. A montante, a *Ribeira da Cabreira* (Castelo Melhor, V.N. de Foz Côa) é outro conjunto notável de arte sidérica, ainda pouco conhecido, com 10 rochas gravadas com motivos do Ferro.

Em menor número, o interior do Côa alberga conjuntos importantes a carecerem de estudo, como a *Cavalaria*, *Canada do Amendoal*, a própria *Ribeira de Piscos*, terminando, a montante na *Ribeira da Volta* (Chãs, V.N. de Foz Côa), localizada no alto da vertente em frente da Penascosa, que apresenta 6 painéis com motivos enquadráveis no tema deste texto. Salienta-se a rocha 1, com um vasto conjunto de zoomorfos em perfil absoluto, linhas angulosas, extremidades abertas, nomeadamente cervídeos, alguns deles com preenchimento interno<sup>14</sup>, e a rocha 3 com um notável conjunto de punhais e falcatas.<sup>15</sup>

### 3. Conclusões

Ainda que parcial e limitado, este conjunto constitui-se, desde já, no maior *corpus* de arte rupestre da Idade do Ferro, perfazendo um total de 718 motivos figurativos (Tabela 1) e mais de uma centena de signos geométricos. Em termos da iconografia deste período, só os grandes conjuntos de pintura vascular ibérica atingirão uma dimensão semelhante (PÉREZ BLASCO, 2014).

Para além de critérios iconográficos de datação, que adiante explanaremos, agrupamos estas representações a partir de dois critérios que se relacionam: a técnica e o estilo de representação.

Não dispondo ainda de estudos pormenorizados, podemos genericamente afirmar que as representações da Idade do Ferro do Côa e Douro foram geralmente representadas pela gravação de traço linear com recurso a instrumento metálico, denunciado pelos sulcos em forma de U, bem distintos das gravações precedentes, com sulcos em V, produzidos por instrumentos líticos (AUBRY & SAMPAIO, 2012). A variabilidade na força e reiteração do traço, justificará a diferença entre traços mais ténues, de secção quadrangular superficial, e traços mais profundamente gravados (LUÍS, 2021, 100). Em alguns casos, onde as linhas se apresentam mais ténues, apenas se terá raspado a superfície sílicometálica que cobre os painéis, criando assim um contraste cromático imediato, entre o traço esbranquiçado e a superfície castanha

---

12 - [https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3449/3449.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3449/3449.pt.jpg)

13 - [https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3585/3585.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3585/3585.pt.jpg)

14 - [https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3226/3226.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3226/3226.pt.jpg)

15 - [https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3230/3230.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3230/3230.pt.jpg);  
[https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp\\_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3231/3231.pt.jpg](https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3231/3231.pt.jpg)

alaranjada. Contudo, o processo de reformação da película inicia-se logo após a gravação, ocorrendo a diferentes ritmos, dependendo de variáveis largamente desconhecidas, mas que estarão relacionadas com exposição solar, acumulação de água, colonização vegetal, microtopografia das superfícies e elementos químicos integrantes da rocha percussora (por ex. carbonato de cálcio). Isto faz com que se identifiquem algumas representações com os traços de cor branca, enquanto outros já mal se distingam da superfície rochosa mais escura. Por vezes, esta diferença verifica-se mesmo em distintas zonas do mesmo traço gravado.

As linhas deste conjunto artístico são frequentemente angulosas, o que poderá estar relacionado com o tipo de utensílio empregue, deixando antever uma ferramenta onde a mão se encontra afastada da extremidade usada na gravação, dificultando o seu controlo. Isto mesmo justificará a existência frequente de linhas gravadas a tracejado, explicadas pela baixa pressão exercida sobre o utensílio e a sua maleabilidade, quando em contacto com a rugosidade da superfície a gravar (por ex. Vale Escuro 3 ou Vale de José Esteves 19).

Como argumentos cronológicos foram logo de início apontados a tipologia das armas representadas, a morfologia de características como o desenvolvimento dos gémeos das figuras humanas e a sinuosidade dos pescoços dos cavalos (BAPTISTA, 1983).

Trata-se de um conjunto relativamente homogéneo, caracterizado por contornos lineares sinuosos, geralmente não preenchidos, com raros detalhes anatómicos. As figuras surgem de perfil, mas sujeitas a uma frontalidade na duplicação da representação de grandes orelhas, membros e hastes, e, nas figuras humanas, dos braços e pernas e perspectiva frontal do tronco. As figuras humanas surgem também e perspectiva frontal absoluta. O elevado grau de standardização dificulta a interpretação específica das figuras animais, por vezes apenas determinada pelo contexto em que surgem representadas. Os modelos de representação repetem-se, distinguindo-se representações realizadas a contorno sinuoso contínuo, geralmente com duas patas por par, das realizadas em perfil absoluto, frequentemente com extremidades de patas abertas. Dentro destas, identifica-se um conjunto de figuras onde os membros anteriores, dorso e cabeça são realizados por um traço contínuo, sendo os membros anteriores acrescentados posteriormente. Da regra do desenho contornado, excetuam-se algumas orelhas, hastes e raros membros realizados a traço filiforme. Não conseguimos, de momento, atribuir diferenças cronológicas entre estes distintos modos de representação, uma vez que frequentemente se misturam no mesmo painel.

Os motivos representados dividem-se entre figurativos e geométricos. Nos figurativos destacam-se, com larga maioria, os zoomorfos (456), seguidos pelas armas (141) e antropomorfos (119).

Como atrás ficou dito, é por vezes difícil determinar a espécie a que pertencem as diferentes representações, o que justifica que a maioria das representações zoomorfas seja indeterminada (38,6%). Ainda assim, todas corresponderão a quadrúpedes, mamíferos, que se deverão integrar nas três grandes espécies representadas: equídeos, cervídeos e canídeos. Os cavalos são mais facilmente identificados pelo contexto, uma vez que 20,6% deles se encontra montado. Trata-se do animal mais frequentemente representado (37,3% dos zoomorfos), caracterizado geralmente por caudas compridas, dorso e pescoço sinuosos e frequente delimitação arredondada da coxa. Identifica-se ainda a repetida representação de quartos traseiros em ferradura, com perspectiva

torcida, reconhecida logo no Vale da Casa (BAPTISTA, 1983), mas que não é exclusiva dos cavalos. As figuras desenhadas a contorno têm geralmente patas curtas, frequentemente projetadas para diante, longos pescoços e grandes orelhas subcirculares ou em W invertido, enquanto outras podem apresentar patas bem mais compridas. A representação da crina é rara, surgindo excepcionalmente caída (Vale da Casa 6 e 7, Ribeira das Furnas 1) ou representada por traços subparalelos partindo do pescoço (Vermelhosa 1 e Foz do Côa 139). Sendo um animal com baixo dimorfismo sexual, os machos são apenas passíveis de identificação através da representação da bainha, reconhecendo-se apenas 12 exemplos, 3 deles montados.

Ao contrário dos cavalos, o elevado dimorfismo sexual dos cervídeos facilita a identificação dos machos, através da representação das hastes, sempre representadas de forma filiforme e não realista, por intermédio de ramiformes, simples ou complexos. De um total de 67 exemplares identificados, quase metade dos cervídeos são machos (46,3%). A dificuldade de distinguir entre as corças e os cavalos, poderá contribuir para que muitas delas se integrem no conjunto dos quadrúpedes indeterminados. Características gerais, como os longos pescoços e orelhas e caudas curtas, nem sempre ajudam a distinguir estas fêmeas de cavalos e cães. A maioria das representações de cervídeos enquadra-se no modelo de perfil absoluto retilíneo, com extremidades abertas.

Os canídeos (6,6%) parecem identificar-se pela ausência de pescoços, representação de dentes, ou bocas abertas (Vale de José Esteves 8), garras (Vale da Casa 23), posições características da espécie (Vale de José Esteves 18), nomeadamente da cauda (Foz do Côa 153) ou a sua associação a cenas de caça, onde parecem apresentar caudas curtas. Apenas se identifica um cão claramente macho (Azenha 3).

Seguem-se as representações aviformes. Destas, as mais evidentes são as aves necrófagas da Vermelhosa 3, que se encontram debicando um peixe. A sua decoração reticulada interna apresenta semelhanças com as representações da Penascosa 24 e mesmo da Canada do Inferno 24, embora o estilo destas (nomeadamente os membros filiformes) e o seu contexto as afaste. Ainda ao nível das necrófagas, refira-se a figura da Quinta das Tulhas 2, que sugere um longo pescoço sem penas, terminando numa cabeça com bico, saindo de uma fissura. Na Ribeira de Urros, surgem ainda dois vultos aviformes, sugerindo anatídeos. Finalmente, ainda na Vermelhosa 3, refira-se a rapina empoleirada, junto do uma figura antropomórfica ornitocéfálica e uma outra, de contorno necrófago, mais acima.

Para além do peixe já referido (o único exemplo que conhecemos), será de referir ainda o javali (Foz do Côa 145), com paralelos na arte do Sabor (SANTOS *et. al.*, 2016) e dois eventuais touros (Vale de José Esteves 19 e Vale do Forno 6).

Entre as figuras indeterminadas, incluímos ainda um conjunto de figuras zoomórficas de classificação impossível pelo seu carácter irrealista. Nesta situação, incluem-se sobretudo figuras muito compridas, com grandes fauces (Foz do Côa 181) ou outras características irrealistas (Vale de Cabrões 11). Destaca-se o Vale de José Esteves 18, onde surgem, para além de um grande conjunto de figuras que sugerem elefantes (?), as figuras bicefálicas espelhadas, que encontram paralelos muito semelhantes entre dois equídeos (Scale di Cimbergo 49; SANSONI & GAVALDO, 2009, 173), e mais distantes entre canídeos espelhados integralmente, segundo um eixo horizontal (Le Crus 39G; SANSONI & GAVALDO, 1995, 146, fig. 45), ambos em Valcamonica (Itália).

Sítio	Rocha	Zoomorfos										Antropomorfos	Armas					Signos geométricos						
		Descalque integral	Quadrúpede							Ave	Peixe		Lança	Escudo	Espada	Falcata	Punhal	Vaso	Totais	Circular	Quadrangular	Linhas paralelas	Ziguezague	Outros
			Cavalo	Veado	Corça	Camdeco	Javali	Touro	Indeterminado															
Azenha 3	3	1	5	1	3	5	-	-	10	-	-	1	-	-	-	-	1	-	26	x	x	-	-	-
Broeira 3	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	0	3	-	-	-	-	-
Bulha 6	6	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
7	7	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	x
13	13	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-
19	19	1	-	1	2	-	-	-	4	-	-	1	2	-	-	-	-	-	10	x	-	-	-	-
30	30	1	10	2	2	-	-	-	7	-	-	1	-	-	-	-	-	-	22	x	-	-	-	x
31	31	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-
38	38	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	2	-	-	-	-	14	-	-	-	-	x
Canada da Meca 3	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Canada da Moreira 1	1	1	3	-	-	-	-	-	6	-	-	3	3	3	-	-	-	-	18	-	-	-	-	-
2	2	1	3	-	-	-	-	-	9	-	-	4	2	-	2	-	-	-	20	-	-	-	-	x
7	7	1	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	x	x	x	-	x
Canada do Arrovão 3	3	1	1	-	-	-	-	-	4	-	-	2	2	-	-	-	1	-	10	-	-	-	-	x
Foz do Côa 42	42	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
44	44	-	1	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-	x	-	-	x
53	53	1	2	-	-	-	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-
67	67	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-
92	92	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	x	-	-	-	x
93	93	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	5	1	-	-	-	-	9	-	-	-	-	-
95	95	1	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-
134	134	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-
139	139	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	7	-	-	-	-	x
145	145	1	-	1	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	6	-	x	-	-	-
148	148	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	x
150	150	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-
152	152	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	x
153	153	1	7	-	-	1	-	-	1	-	-	2	1	-	-	-	-	-	12	-	-	-	-	-
177	177	-	2	1	3	-	-	-	-	-	-	5	7	1	-	-	-	-	19	-	-	-	-	x
181	181	1	-	-	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	x	x	-	x	x
Meijapão 1	1	-	4	-	-	-	-	-	1	-	-	3	3	-	-	-	-	-	11	-	-	-	x	x
Moinhos de Cima 7	7	1	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	x	x	-	-
Olival dos Telhões placa	placa	1	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-
Paço placa 1	placa 1	1	2	-	2	-	-	-	2	-	-	4	3	1	-	-	1	-	15	-	-	-	-	-
Penascosa 14	14	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
20	20	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	x	-	-	x
24	24	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-
Quinta das Tulhas 1	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
2	2	-	2	-	-	-	-	-	8	1	-	-	-	-	-	-	-	-	11	-	x	-	x	x
6	6	1	-	2	-	-	-	-	2	-	-	5	6	2	-	-	-	-	17	x	x	-	x	x

Tabela 1: Motivos representados nos painéis descritos (x = presente).

Sitio	Roccha	Zoomorfos										Antropomorfos					Armas					Signos geométricos				
		Decalque integral	Quadrúpede							Ave	Peixe	Lança	Escudo	Espada	Falcata	Punhal	Vaso	Totais	Circular	Quadrangular	Linhas paralelas	Ziguezague	Outros			
			Cavalo	Veado	Corça	Canídeo	Javali	Touro	Indeterminado																	
Ribeira das Fomas	1	1	-	1	4	1	-	-	14	-	-	2	1	-	-	1	-	-	24	-	-	-	-	-		
Ribeira de Urros	1	1	3	3	3	1	-	-	7	2	-	3	1	1	-	-	-	-	24	-	-	-	x	x		
Tudão	1	-	1	5	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Vale da Casa	5	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	x	-	-	x		
	6	1	7	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	12	-	-	-	-	x		
	7	1	1	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	x		
	10	1	24	1	-	-	-	-	-	-	-	13	14	-	1	4	-	-	57	x	x	-	-	x		
	13	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	x	-	x	x		
	15	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	x	-	x	x		
	20	1	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	x	x	-	-	x		
	23	1	1	1	2	4	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-	x		
Vale de Cabrões	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-		
	3	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-		
	6	1	2	-	-	-	-	-	1	-	-	?	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-		
	9	1	6	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-		
	11	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	2	-	-	5	-	-	-	x	x		
	12	1	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-		
	35	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	x	-	-	-	x		
Vale de José Esteves	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-		
	4	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-		
	7	-	2	1	-	3	-	-	1	-	-	1	1	1	-	-	-	-	10	x	-	-	-	x		
	8	1	1	-	2	4	-	-	3	-	-	1	9	1	-	-	-	-	21	-	-	-	-	-		
	13	1	5	-	-	-	-	-	5	-	-	-	4	-	-	-	-	-	14	-	-	x	x	x		
	16	1	-	-	-	1	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-		
	18	1	4	1	6	4	-	-	28	-	-	5	3	-	-	-	-	-	51	-	x	-	x	-		
	19	-	22	1	4	6	-	1	10	-	-	8	3	1	-	-	-	-	56	-	-	-	-	-		
Vale de Moinhos	7	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	x		
Vale do Forno	1	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	2	3	-	-	-	15	-	-	-	-	x		
	2	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-		
	6	1	3	-	-	-	-	1	1	-	-	7	2	1	1	-	2	-	18	-	-	-	-	x		
	20	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-		
	79	1	3	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-		
Vale Escuro	3	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	x		
	14	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-		
	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	x		
Vermelha	1	-	3	-	-	-	-	-	2	-	-	3	2	1	-	-	-	-	11	-	-	-	-	-		
	3	-	2	-	-	-	-	-	3	4	1	12	6	4	-	-	1	2	35	-	-	-	-	x		
<b>Totais</b>			<b>170</b>	<b>31</b>	<b>36</b>	<b>30</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>175</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	<b>120</b>	<b>91</b>	<b>23</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>718</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>		

Tabela 1 (continuação): Motivos representados nos painéis descritos (x = presente).

No grupo das armas, dominam as lanças (91), presentes em 27 painéis. Apresentam geralmente uma única ponta com nervura central, podendo ser dupla. Neste caso, tratar-se-á da representação da lâmina e do conto, que servia para cravar a lança no solo. Estes motivos podem surgir isoladamente, junto com outras composições, ou associados a figuras humanas, apeadas ou a cavalo. Em ambos os casos, estão geralmente associadas a escudos. A *caetra*, ou escudo circular (23), surge geralmente representada em vista frontal ou, mais excepcionalmente de perfil, permitindo a identificação do umbo (Vermelhana 3). Surge em cenas de exibição a cavalo, luta a pé ou até em cenas de caça. A identificação de escudos fora do contexto humano torna-se difícil, uma vez que não se distinguem de signos circulares, embora possam existir casos de representações deste tipo (Azenha 3, Foz do Côa 181). Na representação do armamento sidérico, seguem-se os punhais (11), que são representados isoladamente (Penascosa 20), empunhados (Paço) ou à cintura. O Vale do Forno 6 é particularmente interessante na representação da utilização da panóplia desta fase, com uma figura humana apresentando a lança na mão esquerda, a *caetra* na direita (com representação das correias de preensão), um punhal à cintura e outro disposto ao lado. Em termos de tipologia, refira-se a representação de punhais bidiscoidais (Vale de Cabrões 11 e Foz do Côa 150). A este nível, refira-se ainda o que interpretamos como um punhal de pomo naviforme, representado à cintura da cena de monomaquia da Vermelhana 3, que remete para um pomo semelhante identificado no espólio do túmulo 32 de Las Ruedas (Valhadolide) (SANZ MÍNGUEZ, 1997, 86–88), onde surge representada uma cena de monomaquia em tudo idêntica à da Vermelhana (LUÍS, 2021, 110). As falcatas (9) surgem geralmente sem contexto humano, dispostas em painéis, como o Vale da Casa 10, por vezes com decoração interna (embainhadas?). Refira-se a Ribeira da Volta 3, onde surgem associadas a punhais. Finalmente, a espada é a arma menos representada. Surge isoladamente (Vale da Casa 10), disposta ao lado de um antropomorfo (Vale do Forno 6) ou à cintura de guerreiros (Vale do Forno 1). Na Canada da Moreira 2, parece ser empunhada por cavaleiros, embora isto se afigure duvidoso.

Para além do escudo, o armamento defensivo está representado através das couraças (Foz do Côa 93, Ribeira de Urros 1, Vermelhana 3) e grebas ou cnémides (Vermelhana 3). Não existem claras representações de capacetes, embora os “turbantes” do Vale da Casa 10 ou uma linha na testa do cavaleiro da rocha 23 do mesmo sítio o possam sugerir (LUÍS, 2009, 226). Um suposto “capacete de cornos” na Vermelhana 3 revela-se um vaso na cabeça de um antropomorfo (LUÍS, 2008, 420).

Não sendo a categoria principal das representações do Côa e Douro (120 representações em 39 painéis), a figura humana é central nesta arte, tendo em conta o contexto em que surge. Estas representações surgem isoladamente, em grupos homoespecíficos ou interespecíficos. Elas surgem frequentemente em visão frontal, com os braços levantados, por vezes com os corpos ondulados, que nos sugerem o correr das águas, nomeadamente quando representadas em superfícies horizontais (Vale do Forno 6 e Vale da Casa 10) (LUÍS, 2009; LUÍS *et. al.*, no prelo). Entre as figuras com a cabeça em perfil salientam-se as representações ornitocéfálicas. Já nos debruçámos noutras ocasiões sobre estas representações, que se nos afiguram de grande importância para a interpretação desta arte (LUÍS, 2008). Se é verdade que em alguns casos, estes apêndices faciais poderão corresponder a narizes (no que constituem um dos raros detalhes anatómicos faciais destas figuras), noutros, o carácter aviforme é evidente (Vermelhana 3, Vale de Cabrões 3). A contribuir para esta interpretação, refira-se as representações da

Foz do Côa 42 e Vale de Cabrões 11, onde a ornitocéfalia se associa a longos braços fletidos em posição de “bater de asas”. Acresce, no primeiro caso, que a figura parece ascender de uma irregularidade da rocha.

Refira-se que se desconhece qualquer representação com caracteres sexuais femininos, incluindo a cena de coito posterior, com a exceção da depressão natural do suporte na Vermelha 3, já aludida, situada entre as pernas da grande figura de guerreiro (REIS, 2021). Por si só, e tendo em conta a natureza da representação e os seus paralelos, não nos parece ser razão suficiente para identificar a figura como feminina. Também umas supostas vestes longas da figura vagamente antropomórfica da base do setor central do Vale do Forno 1 não se nos afiguram suficientes para a classificar com feminina, tendo em conta a utilização unissexo de túnicas. A mulher parece estar ausente, de forma evidente, destas representações.

Não é nosso objetivo debruçarmo-nos detalhadamente sobre os signos geométricos, que surgem em associação com as representações figurativas ou em painéis a eles exclusivamente dedicados (por ex. Azenha 3H). Refira-se apenas, que para além das representações figurativas, surge uma infinidade de traços, cujo sentido frequentemente no escapa, mas onde se repetem motivos geométricos, por vezes de grande complexidade, como meandros, ziguezagues, reticulados, circulares, raiados, cruciformes, etc. cuja interpretação carece de estudo cuidado ao nível de tipologia, associações e interpretação. Ao nível de associações, destaca-se os ziguezagues que representam geralmente as rédeas dos cavalos, ou alguns motivos reticulados e circulares, que surgem associados a zoomorfos, nomeadamente cavalos (Vale do Forno 6), canídeos (Ribeira das Furnas) e cervídeos (Quinta das Tulhas 6, Paço). Poder-se-ia pensar que alguns motivos reticulados representados no dorso dos cavalos (por ex. Azenha 3F) poderiam constituir representações de selas, contudo, julgamos que o facto de nunca aparecerem em figuras efetivamente montadas, invalida esta interpretação.

Ao nível da composição, as distintas figuras surgem representadas em sobreposição ou justaposição. Tal como na arte paleolítica, a sobreposição não significa necessariamente ser o resultado de um processo longo de acumulação sucessiva. Pelo contrário, casos como o Vale da Casa 10, onde mais de meia centena de figuras se sobrepõe, parecem evidenciar uma organização, nomeadamente ao nível da disposição, orientação e escala das figuras (por exemplo, as armas surgem no centro e com maior tamanho, os quadrúpedes estão no centro, rodeados pelas figuras humanas), o que sugere uma verdadeira composição. Dois dos cavalos parecem mesmo estar manietados, sugerido ações de doma, presentes na pintura vascular ibérica. O mesmo tipo de organização surge no Vale do Forno 6, outra superfície horizontal, onde as figuras humanas têm uma orientação oposta às das animais (LUÍS *et. al.*, no prelo).

As figuras em justaposição são mais facilmente interpretáveis como cenas narrativas. Refira-se casos excepcionais, como a Vermelha 3 ou a Foz do Côa 153 que parecem constituir-se como verdadeiras estelas, onde uma ou mais cenas se desenrolam.

Ao nível de representações intraespecíficas, os antropomorfos surgem em grupos desarmados, com os braços levantados (Broeira 3, Bulha 13) ou em grupos de duas ou mais figuras armadas, em cenas de duelo (Vermelha 3, Quinta das Tulhas 6, Foz do Côa 93, Ribeira de Urros 1, Bulha 38), exibindo uma a duas lanças e escudo. Por vezes, nestas cenas, surgem associados também cavalos. Entre os zoomorfos, refira-se duas cenas eventuais de gestação animal (Foz do Côa 67 e Vale do Forno 2), duas

outras de aparente cuidado maternal (Paço e Bulha 38) e outras duas, mais duvidosas, que poderão sugerir cópula (Bulha 30 e Quinta das Tulhas 6). Este último caso é difícil de compreender, uma vez que parece tratar-se de dois cervídeos machos. Isto leva-nos a referir ainda as duas cenas de coito posterior identificadas entre figuras antropomórficas. Se a primeira é clara (Vale de Cabrões 3), já a segunda poderá suscitar algumas dúvidas (Foz do Côa 148), tendo a figura anterior uma cabeça zoomórfica. Nenhuma das figuras passivas nestas cenas apresenta caracteres sexuais femininos (LUÍS, 2009, 236), podendo colocar-se a possibilidade de se tratar de cenas homossexuais, algo que não seria original em contextos guerreiros (BURG, 2002).

As cenas interespecíficas mais características desta arte são a relação entre homem e cavalo, materializada na figura do cavaleiro (35 exemplos em 21 painéis). Em alguns casos, a ausência de pernas nas figuras humanas sugere mesmo a ideia de uma unidade entre ambos, simbolizada mitologicamente na figura do centauro. Esta relação simbolizará o domínio do homem sobre o animal, que se inicia com o processo de desbaste do cavalo, que nos parece estar sugerido nos dois cavalos manietados, na boca e membros posteriores, presentes no Vale da Casa 10. A mesma ideia de sujeição do cavalo estará presente na cena da Foz do Côa 139, onde um cavaleiro armado surge no meio de outros cavalos em pêlo no interior de um cercado. O cavalo parece também surgir como elemento de prestígio. Interpretamos assim a generalidade das cenas de cavaleiros, onde estes surgem brandindo armas, mas nunca combatendo. A mesma ideia de prestígio estará presente no cavalo preso ao maior duelista da Vermelha 3. O mesmo prestígio é sugerido ainda no cavaleiro que se sobrepõe a uma figura humana deitada na Foz do Côa 153. Com outros elementos a carecerem de interpretação, consideramos tratar-se aqui do momento após o combate a pé, quando o guerreiro vitorioso se exhibe montado num cavalo macho, após o combate a pé.

Na Canada da Moreira 1 parece representar-se um conjunto de cavaleiros, no meio de zoomorfos não muito distintos dos cavalos montados. Perguntamo-nos se não se tratará aqui de uma cena de captura destes animais para domesticação. Já na rocha 2, os animais não montados são de natureza distinta, embora não se trate de cervídeos, uma vez que um evidente macho não apresenta hastes. As cenas com cavaleiros e outras espécies envolvem geralmente cervídeos. Veja-se o caso das cenas de caça ao veado a cavalo, com auxílio de peões (Foz do Côa 177) e cães (Vale da Casa 23 e Ribeira das Furnas 1). O painel A da Azenha apresenta uma interessante semelhante perseguição de cervídeos com cães, na qual falta o cavaleiro.

A natureza narrativa destas cenas está patente nos critérios de animação que grande número destas figuras apresenta. Na sua maioria, trata-se de animação por instantâneo, onde a postura da representação sugere, ela própria, o movimento (LUÍS, 2012). Neste caso, estão as numerosas representações, sobretudo de cavalos, com os membros em extensão, sejam apenas os dianteiros (por ex.: Vermelha 1, Azenha 3), sejam ambos, projetados para diante (por ex. Meijapão 1) Mais dinâmico é o cavalo do setor central da Foz do Côa 148, onde esta projeção é associada a um desnivelamento dos membros, sugerindo um salto do cavalo. Mais raros são as figuras com flexão dianteira, igualmente sugerindo corrida (por ex. Bulha 30). Muito frequente é igualmente a representação de cabeças voltadas para trás (retrospicientes) de cavalos, veados e cães, que necessariamente representam ações, relacionadas com estados de alerta. Ao nível da animação das cabeças, identificamos ainda um único caso de um animal de perfil, com a cabeça enfrentando o observador (Vale do Forno 6), com paralelos no Guadiana

(Mocissos 3; BAPTISTA & SANTOS, 2013). Mais extraordinária é a representação do movimento por decomposição do movimento, onde um mesmo objeto, ou segmento de objeto, é representado múltiplas vezes (LUÍS, 2012). Exemplo disso, são as duas lanças já lançadas na cena da monomaquia da Vermelha 3 ou na cena da caça ao veado da Foz do Côa 177. Se nestes exemplos, o que vemos são diferentes lanças arremessadas anteriormente, no caso das três caudas do cavalo da Cascalheira 14, assistimos ao mesmo movimento da cauda, representada em diferentes momentos do seu percurso, no que se assemelha à animação por decomposição paleolítica.

Ao nível do conteúdo das cenas representadas, recorde-se, em primeiro lugar, as inúmeras referências literárias que apontam para uma substrato pré-romano, desde a importância da caça com cães (Xenofonte, *Cynegeticus* 9), até às descrições de duelos como forma de resolução de impasses em conflitos (Apiano, *História Romana* 6, 53) ou homenagem a chefes (Apiano, *História Romana* 6, 75; Tito Lívio, *Ab Urbe Condita* 28, 21), passando pela descrição do armamento lusitano (Estrabão, *Geografia* 3, 3, 6) - que parece descrever o os guerreiros da Vermelha 3 ou do Vale do Forno 6 - os rituais de morte (Cláudio Eliano, *De Natura Animalium* 10, 22), ou a mitologia céltica (MARCO SIMÓN, 1994).

Estas representações e as suas associações apresentam ainda inúmeros paralelos estilísticos na iconografia peninsular da II Idade do Ferro, que vão desde a fachada atlântica até à Catalunha, e das Astúrias ao Mediterrâneo. Ao nível de suportes, salienta-se os vasos cerâmicos, mas também a ourivesaria, a escultura e a arte rupestre, cuja importância tem vindo a tornar-se cada vez mais significativa, em suportes fixos e móveis, por vezes identificados em contexto arqueológico. Já por várias vezes nos referimos aos diademas de Mones (Piloña, Astúrias) (MARCO SIMÓN, 1994), à cerâmica de San Miguel de Liria (PÉREZ BLASCO, 2014) ou Numância (SOPEÑA, 2005), às estelas de Baixo Aragão (SANMARTÍ I GREGO, 2007). Ao nível estilístico, não deixamos de notar algumas semelhanças com alguma da arte figurativa galega, à qual geralmente é atribuída uma cronologia mais recuada. Sem invalidar uma periodização mais detalhada, este tipo de representações (angulosas, perfil absoluto, extremidades abertas, hastes ramiformes) encontra-se aqui frequentemente nos mesmos painéis que as restantes. Refira-se ainda que este tipo de representações surge igualmente aqui ao lado, em território espanhol no tramo das muralhas de Yecla de Yeltes (Salamanca), um sítio sem ocupação conhecida anterior à II Idade do Ferro (MARTÍN VALLS, 1983).

Tudo isto nos auxilia num contexto cronológico e cultural, mas adianta-nos também hipóteses interpretativas.

Os contextos arqueológicos destas representações, nomeadamente no vizinho vale do Sabor, concorrem todos para uma inserção cronológica na II Idade do Ferro. Refira-se ainda o caso particular da representação de armas, que se apresentam como importantes referências cronológicas, apesar da natureza esquemática da sua representação dificultar tipologias precisas. Isto sucede, principalmente com as lanças, onde, para além da nervura central, se identifica por vezes os contos. Os escudos circulares ibéricos terão raízes na Idade do Bronze e dominam a panóplia ibérica até ao séc. I a.C., quando são substituídos pelos escudos ovais (QUESADA SANZ, 1997, 545). As falcatas datarão de entre o séc. V a.C. e a mudança de Era (QUESADA SANZ, 1997, 80). As espadas não apresentam grandes detalhes morfológicos, mas serão posteriores às espadas de antenas, parecendo ter lâminas retas, o que as datará de um momento

posterior ao séc. IV a.C. (QUESADA SANZ, 1997, 243). Relativamente aos punhais, refira-se os bidiscoidais (KAVANAGH DE PRADO, 2008) ou com maçã naviforme, que apontam igualmente para a II Idade do Ferro.

Todos estes dados justificam a integração deste *corpus* na fase final da Idade do Ferro, com o alfabeto do Vale da Casa 23 a marcar provavelmente um *terminus post quem*, nos inícios do séc. V a.C. (GOMES, 2013). Tendo em conta o contexto romanizado em que as placas do Paço e do Olival dos Telhões foram identificadas, a mudança de Era marcará o final desta arte, introduzindo um vazio na representação rupestre na região.

Ao nível de hipóteses interpretativas partimos da perspetiva de fronteira, dividindo a nossa análise em três escalas: região, território e paisagem (LUÍS, 2021). A localização desta arte no limite ocidental da Meseta Norte e a sua conjugação com os estudos de etnogeografia antiga, parece-nos coincidir com um grande limite geomorfológico com eventual correspondência política. Se a implantação dos painéis nas vertentes dos vales encaixados dos cursos de água é condicionada pela disponibilidade destas superfícies, não deixa de ser verdade que ela corresponde aos limites dos espaços explorados economicamente. Isto coincide, por exemplo, com os exemplos móveis deste tipo de arte nesta região alargada, que foram identificados nos próprios limites dos espaços domésticos, seja nos fossos (Crestelos e Castelinho), seja nas muralhas (Yecla de Yeltes). A iconografia das representações gravadas define uma paisagem construída, onde os suportes naturalizam, eles próprios, uma ideologia guerreira. Assistimos à heroificação agonística da figura masculina do guerreiro, que é representado exibindo-se com a sua panóplia, combatendo, dominando o selvagem, através da doma do cavalo e da caça do veado, através do qual se exercita para o combate, com o auxílio do cão. Como toda a ideologia guerreira, a morte está sempre presente e é desejada em contexto de combate. Aqui, a comparação entre a iconologia do diadema de Mones e da Vermelha 3, associada à implantação desta arte em torno da confluência dos dois grandes rios e ao longo dos cursos de água sazonais, servem-nos de chave para a sua interpretação como ilustração do trânsito aquático do guerreiro para o Outro Mundo, através das águas, com auxílio dos animais psicopompos, passando através do espelho (OLMOS, 1996). Talvez esta interpretação iconológica explique os animais espelhados do Vale de José Esteves 18, os bicos de pássaro dos guerreiros tornados aves imortais no Outro Mundo, os guerreiros caídos ou os vasos à cabeça da Vermelha 3, quais “caldeiros de ressurreição”. Esta arte afirma e naturaliza a ideologia dominante da II Idade do Ferro.

Ainda que limitado, este primeiro inventário que agora se publica marca um ponto importante do estudo a arte da Idade do Ferro na região, que coincide com o final do trabalho do nosso colega Fernando Barbosa, com um papel fundamental no conhecimento desta arte. Através do seu trabalho podemos documentar a evolução dos métodos para o seu estudo, desde o recurso ao método bicromático e à moldagem, entretanto abandonados, até à introdução do trabalho noturno e do uso da luz artificial rasante. Neste momento, testamos outros métodos, baseados na fotogrametria, que, apresentando grandes virtudes ao nível do esforço humano e do tempo exigidos, terão ainda de provar ser capazes de atingir a qualidade e fidelidade do desenho dos decalques que aqui apresentamos.

---

## Bibliografia

ABREU, M. S. de; ARCÀ, A.; FOSSATI, A.; JAFFE, L. (1998) - Palaeolithic Rock Engravings at Vermelhosa, Coa Valley Archaeological Park, Portugal. In GIUNCHI, C., ed. - *XIII UISPP Congress Proceedings: Forlì, 8-14 September 1996: Volume 3*. Forlì: A.B.A.C.O. Edizioni, pp. 121-126.

ABREU, M. S. de; ARCÀ, A.; JAFFE, L.; FOSSATI, A. (2000) - As gravuras rupestres de idade do ferro no vale de Vermelhosa (Douro, Parque Arqueológico do Vale do Côa): Notícia preliminar. In JORGE, V. O., ed. - *Proto-história da Península Ibérica (Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. V)*. Porto: ADECAP pp. 403-406.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; DIMUCCIO, L. A. (2012) - Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 39: 4, pp. 848-866.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; DIMUCCIO, L. A. (2017) - Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Coa. *O Arqueólogo Português*. Série V. 4/5 (2014-2015), pp. 133-174.

AUBRY, T.; SAMPAIO, J. D. (2012) - Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre móvel do Vale do Côa. In SANCHES, M. de J., ed. - *Atas da 1ª Mesa-Redonda: Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias De Registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 185-206.

BAPTISTA, A. M. (1983) - O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, A. M. (1984) - Arte rupestre do norte de Portugal: Uma perspectiva. *Portugália*. Nova série. 4-5 (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Novembro de 1983), pp. 71-82.

BAPTISTA, A. M. (1999) - *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, A. M.; GOMES, M. V. (1997) - Arte Rupestre. In ZILHÃO, J., ed - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-409.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (2008a) - Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Da iconografia do Paleolítico à do nosso tempo, com passagem pela II Idade do Ferro. In SAMPAIO, J.; SANTOS, A. T., eds. - *Pré-história: Gestos intemporais. (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões; Vol. 1)*. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 62-95.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (2008b) - Prospecção da arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: Ponto da situação em julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, R. de, ed. - *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León, pp. 145-192.

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. (2013) - *A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva*. [S.l.]: EDIA; DRCALEN (Memórias d'Odiana; 2ª série).

BOTICA, N.; LUÍS, L.; SILVA, J.-P. (2022) - Atributos e descritores propostos para a arte rupestre da Idade do Ferro no Vale do Côa. *Cuadernos de Arqueología*. 30, 42796.

BURG, B. R., ed. (2002) - *Gay Warriors: A Documentary History from the Ancient World to the Present*. Nova Iorque; Londres: New York University Press.

COSME, S. R. (2008) - Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda. In LUÍS, L. ed. - *Proto-história e Romanização: Guerreiros e colonizadores. (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões; Vol. 3)*. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 72-80.

GOMES, M. V. (2013) - O abecedário rupestre, proto-histórico, do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Revista Da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas Do Património*, 12, pp. 69-85.

KAVANAGH DE PRADO, E. (2008) - El puñal bidiscoidal peninsular: tipología y relación con el puñal militar romano (*pugio*). *Gladius*. 28: 0, pp. 5-85.

LEAL, A. S. A. B. de P. (1886) - s.v. Villa Nova de Foscoa. In *Portugal Antigo e Moderno* (Vol.

- 11). Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, pp. 829-849.
- LUÍS, L. (2008) - Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro: Perspectivas de investigação da Proto-história no Vale do Côa. In BALBÍN BEHRMANN, R. de, ed. - *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. [S.l.]: Junta de Castilla y León, pp. 415-438.
- LUÍS, L. (2009) - “Per petras et per signos”: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. In SANABRIA MARCOS, P. J., ed. - *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres*. Cáceres: Junta de Extremadura; Museo de Cáceres (Memorias; 9), pp. 213-240.
- LUÍS, L. (2010) - A construção do espaço numa sociedade proto-histórica: A arte rupestre do Vale do Côa. In OLIVEIRA, F. de; OLIVEIRA, J. de; PATROCÍNIO, M. (Eds.), *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas (Vol. 3: História, Arqueologia e Arte)*. APEC; CECH: Coimbra, pp. 53-67.
- LUÍS, L. (2012) - Desenhos animados! Uma gramática do movimento para a arte paleolítica do vale do Côa. In SANCHES, M. de J., ed. - *Atas da 1a Mesa-Redonda: Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 69-80.
- LUÍS, L. (2015) - Uma arte da guerra: O Vale do Côa no final do I Milénio a.C. In LEE, S.; BAPTISTA, A. M.; FERNANDES, A. B., eds. - *Arte Rupestre do Vale do Côa [Catálogo da Exposição]*. Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 90-114.
- LUÍS, L. (2016) - As Gravuras da Idade do Ferro no Vale do Côa. *Vaccea Anuario*. 9, pp. 60-70.
- LUÍS, L. (2020) - Um Homem do Paleolítico entra num Bar... Anacronismo e atualidade na personagem do Bartoon durante a luta pela preservação da arte do Côa e a sua sobrevida. *Al-Madan Online*. 23: 2, pp. 65-83.
- LUÍS, L. (2021) - No limiar: Diferentes escalas de análise da arte da Idade do Ferro no limite ocidental da Meseta. *Iberografias: Revista de Estudos Ibéricos*. 17, pp. 95-116.
- LUÍS, L.; AUBRY, T.; BARBOSA, A. F.; SANTOS, A. T. (no prelo) - L’art rupestre de la vallée du Côa après de paléolithique : d’un art animalier vers l’affirmation de la figure du guerrier. In *Colloque international « Les gravures rupestres protohistoriques en Eurasie » Institut de Paléontologie Humaine, Paris, 7 décembre 2021*.
- MARCO SIMÓN, F. (1994) - Heroización y tránsito acuático: Sobre las diademas de Mones (Piloña, Asturias). In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a J.M. Blázquez. Vol. 2*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 318-348.
- MARTÍN VALLS, R. (1983) - Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos. *Zephyrus: Revista de Prehistoria y Arqueología*. 36, pp. 217-231.
- OLMOS, R. (1996) - Caminos escondidos. Imaginarios del espacio en la muerte. *Complutum Extra*. 6: 2, pp. 167-176.
- PÉREZ BLASCO, M. F. (2014) - *Cerámica ibéricas figuradas (siglos V-I a. C.)*. *Iconografía e iconología*. [Tese de dissertação de doutoramento apresentada ao Departamento de Prehistoria, Arqueologia, Historia Antigua, Filología Griega y Filología Latina da Universidad de Alicante].
- QUESADA SANZ, F. (1997) - *El armamento ibérico: Estudio tipológico, geográfico, funcional y simbólico de las armas en la Cultura ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl.
- REBANDA, N. (1994) - *Plano Arqueológico do Côa: Relatório de 1993*. [Relatório apresentado à Direção Regional do Porto do Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico] Pocinho.
- REBANDA, N. (1995) - *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- REIS, M. (2012a) - “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa. *Portugália*. Nova série. 33, pp. 5-72.
- REIS, M. (2012b) - Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C.; SANTOS, A. T., eds. - *V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio; DRCN, pp. 11-123.

- REIS, M. (2013) - “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (2.a parte). *Portugália*, Nova série. 34, pp. 5-68.
- REIS, M. (2014) - “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (Conclusão). *Portugália*. Nova série. 35, pp. 17-59.
- REIS, M. (2015) - Prospecção arqueológica e a evolução do inventário da arte rupestre do Côa. In LEE, S.; BAPTISTA, A. M.; FERNANDES, A. B., eds. - *Arte Rupestre do Vale do Côa [Catálogo da Exposição]*. Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 115-148.
- REIS, M. (2021) - Mulheres em Armas! Uma diferente hipótese interpretativa sobre uma conhecida figura da rocha 3 da Vermelha. In NALDINHO, S. M. E.; SILVINO, T., eds. - *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova de Foz Côa: Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, pp. 225-244.
- SANMARTÍ I GREGO, J. (2007) - El arte de la Iberia septentrional. In ABAD CASAL, L.; SOLER DÍAZ, J. A., eds. - *Arte Ibérico en la España Mediterránea. Actas del Congreso (Alicante, 24-27 de octubre de 2005)*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil. Albert»; Diputación Provincial, pp. 239-264.
- SANSONI, U.; GAVALDO, S. (1995) - *L'arte rupestre del Pià d'Ort: La vicenda di un santuario preistorico alpino*. Capo di Ponte: Edizioni del Centro.
- SANSONI, U.; GAVALDO, S., eds. (2009) - *Lucus rupestris: Sei millenni d'arte a Campanine di Cimbergo*. Capo di Ponte: Edizioni del Centro.
- SANTOS, A. T. (2019) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto [com USB drive]*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias; 9).
- SANTOS, A. T.; BARBOSA, A. F.; LUÍS, L.; SILVESTRE, M.; AUBRY, T. (2020) - Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa: Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda). *Cóavisão*. 22, pp. 159-190.
- SANTOS, F. J. C.; PINHEIRO, E.; ROCHA, F.; SASTRE, J. (2016) - O sítio e a Laje 1 do Castelhinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo): Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes oriental. In SANCHES, M. de J.; CRUZ, D. J. da (Eds.), *Actas da II Mesa-Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira (Estudos Pré-históricos; 18), pp. 203-214.
- SANZ MÍNGUEZ, C. (1997) - *Los vacceos: Cultura y ritos funerarios de un pueblo prerromano del valle medio del Duero. La necrópolis de Las Ruedas, Padilla del Duero (Valladolid)*. Valladolid: Junta de Castilla y Leon (Arqueología en Castilla y Leon; 6).
- SILVA, A.; XAVIER, P.; FIGUEIREDO, S. S. de. (2016) - As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronia desde a Idade do Ferro ao período contemporâneo. In CORDEIRO MACENLLE, R.; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, A., eds. - *Estudo de Arqueologia, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores*. Santiago de Compostela: Andavira Editora, pp. 63-81.
- SOPEÑA, G. (2005) - Celtiberian Ideologies and Religion. *E-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. 6, pp. 347-410.
- SVEEN, A. (2001) - *Rock Carvings: Jiepmaluokta/Hjemmeluft, Alta*. Tromsø: Arvid Sveen.
- ZILHÃO, J. (1997) - Símula dos resultados científicos. In ZILHÃO, J., ed. - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 13-29.
- ZILHÃO, J. (2004) - Public archaeology and political dynamics in Portugal: A reply to Bednarik. *Public Archaeology*, 3: 3, pp. 167-183.
- ZILHÃO, J. (2004) - Public archaeology and political dynamics in Portugal: A reply to Bednarik. *Public Archaeology*, 3: 3, pp. 167-183.

## **Ficha Técnica**

---

### **TÍTULO**

Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa;

### **COORDENAÇÃO**

Dalila Correia  
André Santos

### **AUTORES**

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Patrícia Ramos, Mário Reis, Lara Bacelar Alves, Luís Luís, Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, Marcelo Silvestre, Aida Carvalho, João Zilhão.

### **LOCAL DE EDIÇÃO**

Vila Nova de Foz Côa

### **EDITOR**

Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa

### **COMPOSIÇÃO GRÁFICA**

Ricardo Castro/O Homem do Saco

### **IMPRESSÃO**

Diário do Porto

ISBN 978-972-98121-9-4

